

Reorientação Curricular do 1º ao 9º ano

Currículo em Debate - Goiás

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS - CONVITE À AÇÃO

LÍNGUA PORTUGUESA

6.9

GOIÂNIA - 2009

Governador do Estado de Goiás

Alcides Rodrigues Filho

Secretaria de Estado da Educação

Milca Severino Pereira

Superintendente de Educação Básica

José Luiz Domingues

Núcleo de Desenvolvimento Curricular

Flávia Osório da Silva

Maria do Carmo Ribeiro Abreu

Coordenadora do Ensino Fundamental

Maria Luíza Batista Bretas Vasconcelos

Gerente Técnico-Pedagógica do 1º ao 9º ano

Maria da Luz Santos Ramos

Elaboração do Documento

Equipe do Núcleo de Desenvolvimento Curricular

Equipe de Apoio Pedagógico

Maria Soraia Borges, Wilmar Alves da Silva

Equipe Técnica das Subsecretarias Regionais de Educação do Estado de Goiás

Anápolis, Aparecida de Goiânia, Campos Belos, Catalão, Ceres, Formosa, Goianésia, Goiás, Goiatuba, Inhumas, Iporá, Itaberaí, Itapaci, Itapuranga, Itumbiara, Jataí, Jussara, Luziânia, Metropolitana, Minaçu, Mineiros, Morrinhos, Palmeiras de Goiás, Piracanjuba, Piranhas, Pires do Rio, Planaltina de Goiás, Porangatu, Posse, Quirinópolis, Rio Verde, Rubiataba, Santa Helena de Goiás, São Luís de Montes Belos, São Miguel do Araguaia, Silvânia, Trindade, Uruaçu

Equipes escolares

Diretores, secretários, coordenadores pedagógicos, professores, funcionários, alunos, pais e comunidade

Assessoria (6º ao 9º ano)

Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC)

Presidente do Conselho Administrativo: Maria Alice Setubal

Superintendente: Maria do Carmo Brant de Carvalho

Coordenadora Técnica: Maria Amábile Mansutti

Gerente de Projetos: Anna Helena Altenfelder

Coordenadora de Projeto: Meyri Venci Chieffi

Assessoria Pedagógica: Maria José Reginato

Assessoria da Coordenação: Adriano Vieira

Assessoria por área de conhecimento: Adriano Vieira (Educação Física), Anna Josephina Ferreira Dorsa (Matemática), Antônio Aparecido Primo (História), Conceição Aparecida Cabrini (História), Flávio Augusto Desgranges (Teatro), Humberto Luís de Jesus (Matemática), Isabel Marques (Dança), Lenir Morgado da Silva (Matemática), Luiza Esmeralda Faustiloni (Língua Inglesa), Margarete Artacho de Ayra Mendes (Ciências), Maria Terezinha Teles Guerra (Arte), Silas Martins Junqueira (Geografia)

Apoio Administrativo: Solange Jesus da Silva

Parceria

Fundação Itaú Social

Vice-Presidente: Antonio Jacinto Matias

Diretora: Ana Beatriz Patrício

Coordenadoras do Programa: Isabel Cristina Santana e Maria Carolina Nogueira Dias

Supervisão Editorial

Felícia Batista

Docentes da UFG, PUC-GO e UEG

Adriano de Melo Ferreira (Ciências/UEG), Agostinho Potenciano de Souza (Língua Portuguesa/UFG), Alice Fátima Martins (Artes Visuais/UFG), Anegleyce Teodoro Rodrigues (Educação Física/UFG), Darcy Cordeiro (Ensino Religioso/CIERGO), Denise Álvares Campos (CEPAE/UFG), Eliane Carolina de Oliveira (Língua Inglesa/UFG), Eduardo Gusmão de Quadros (Ensino Religioso/PUC-GO), Eguimar Felício Chaveiro (Geografia/UFG), Lucielena Mendonça de Lima (Língua Espanhola/UFG), Maria Bethânia S. Santos (Matemática/UFG), Noé Freire Sandes (História/UFG)

Digitação e Formatação de Texto (versão preliminar)

Equipes das áreas do Núcleo de Desenvolvimento Curricular

Projeto e Editoração gráfica

Ana Paula Toniazzo Antonini

SUMÁRIO

Apresentação	5
Carta aos Professores e Professoras.....	7
Um Diálogo entre a Universidade e a Rede Pública de Ensino	9
Os desafios do processo de elaboração das sequências didáticas	11
Como Ensinar por meio de Gêneros Textuais?	17
Sequência Didática 6º Ano - Contos Populares	23
Atividades para Identificação dos Conhecimentos Prévios.....	26
1º Atividade: Quem não gosta de uma boa história?.....	26
2º Atividade: Quem conta um conto.....	27
Atividades para Ampliação dos Conhecimentos.....	29
3º Atividade: Lendo e recontando.....	29
4º Atividade: Lendo e aprendendo.....	31
5º Atividade: Lendo e dialogando.....	33
Atividades para Sistematização dos Conhecimentos.....	36
6º Atividade: Recontando coletivamente.....	36
7º Atividade: Reescrevendo coletivamente	38
8º Atividade: Reescrevendo individualmente.....	40
Anexos	41
Sequência Didática 6º Ano - E-Mail	49
Atividades para Identificação dos Conhecimentos Prévios.....	52
1º Atividade: Para início de conversa.....	53
Atividades para Ampliação dos Conhecimentos.....	54
2º Atividade: Comunicar é preciso	54
3º Atividade: Rompendo fronteiras	56
4º Atividade: navegar também é preciso.....	58
5º Atividade: Em outro nível	59

6ª Atividade: Observando a cortesia	59
Atividades para Sistematização dos Conhecimentos.....	60
7ª Atividade: Reescrevendo o texto	60
Anexos	64

Sequência Didática 7º Ano - Contos Literários67

Atividades para Identificação dos Conhecimentos Prévios	70
1ª Atividade: Prazer em ler	70
Atividades para Ampliação dos Conhecimentos	72
2ª Atividade: O conto se apresenta	72
3ª Atividade: Tecendo uma história.....	74
4ª Atividade: Contos e histórias	76
5ª Atividade: O mundo das personagens	78
Atividades para Sistematização dos Conhecimentos.....	82
6ª Atividade: Construindo juntos uma história	82
7ª Atividade: De conto em conto.....	83
8ª Atividade: Reescrevendo individual e coletivamente	84
Anexos	88

Sequência Didática 7º Ano - Charge 113

Atividades para Identificação Conhecimentos Prévios	118
1ª Atividade: Apresentando a proposta de trabalho	118
2ª Atividade: Conhecendo charges e chargistas	119
3ª Atividade: Produzindo uma charge	121
Atividades para Ampliação dos Conhecimentos	121
4ª Atividade: Analisando charges	121
5ª Atividade: Lendo a ironia das charges	123
6ª Atividade: Comparando charges	124
7ª Atividade: Virando chargista	126
Atividades para Sistematização dos Conhecimentos	126
8ª Atividade: Produzindo coletivamente	126
9ª Atividade: Reescrevendo a charge	127
10ª Atividade: Preparando a publicação	128
Anexos	130

Referências 134

APRESENTAÇÃO

A Secretaria de Estado da Educação entrega à comunidade escolar o Caderno 6, da série *Currículo em Debate*, um valioso subsídio que oferece contribuições didáticas aos professores e possibilita o desenvolvimento de atividades mais dinâmicas em sala de aula e a participação ativa dos estudantes. A série integra o processo em que se discute o currículo nas escolas públicas promovido pelo Governo do Estado de Goiás: o programa de reorientação curricular.

Todos os cadernos da série foram escritos em parceria com as Universidades Federal, Católica e Estadual de Goiás, com o Centro de Estudos e Pesquisa em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec), com a Fundação Itaú Social e com professores da rede pública estadual. Este caderno, especificamente, contém sequências didáticas para o ensino de conteúdos do 1º ao 7º ano do Ensino Fundamental, apresentando sugestões metodológicas com propostas de atividades diversificadas.

Desejamos que este documento seja uma referência positiva para todos os docentes goianos, pois as sugestões apresentadas revelam o que os professores estão desenvolvendo na sala de aula. Afinal, para nosso orgulho, as *Sequências Didáticas* foram elaboradas por professores e professoras da nossa rede que transformam o fazer pedagógico em experiências significativas.

Esta publicação reafirma nossa convicção de que a educação pública em nosso Estado contribui, de modo efetivo, para a formação integral do ser humano e para a transformação das relações sociais e ambientais, apontando caminhos em direção a um mundo melhor para todos.

Conheçam as *Sequências Didáticas*, apropriem-se delas e valorizem os autores e colaboradores responsáveis pela elaboração destes Cadernos que revelam, em cada sugestão, em cada página, caminhos para que a educação pública em Goiás beneficie cada vez mais o estudante. Considerem o *Caderno 6* como mais um instrumento a ser utilizado no processo de ensino e de aprendizagem.

Com justo reconhecimento, dedicamos esta publicação a todos os professores de Goiás, que se esforçam por uma educação mais humana, educando e construindo, no dia-a-dia, novas e criativas formas de pensar e agir. Façam bom uso dela.

Milca Severino Pereira

Secretária de Estado da Educação de Goiás

Caro professor e professora,

Há muito veicula entre nós, educadores da rede Estadual, a série **Currículo Em Debate**. Desde as primeiras ideias, em 2004, até a elaboração final dos cadernos 5 e 6 que compõem esta série, sempre tem contado com a participação efetiva daqueles que acreditam e fazem a Educação em nosso Estado. Ao longo desse trabalho, partilhado, construído, a muitas mãos, a partir das **Oficinas Pedagógicas** por área do conhecimento, realizamos seminários, encontros de formação, acompanhamento pedagógico e muitas outras ações. As equipes escolares, em cada município do Estado organizaram grupos de estudos, elaboraram e enviaram-nos suas experiências e feitos. Assim, num cirandar de ideias, verdades e realidades das diferentes regiões do estado, legitimamos, através dos cadernos, as experiências que revelam a importância do papel de cada um de nós na reorientação curricular em curso. E, ao mesmo tempo, valorizamos o seu fazer, professor(a), divulgando as boas iniciativas que na maioria das vezes você realiza sem alarde, de forma anônima e silenciosa. Tudo isso vem fomentando a formação continuada e em serviço, numa grande ciranda, dialogando sobre o currículo, as particularidades de cada área do conhecimento, suas concepções, metodologias e tantas outras questões que envolvem o ensino e a aprendizagem na **Educação Básica em Goiás**.

Hoje, concluindo o 6º caderno - sequências didáticas do 1º ao 7º ano, em versão final, e o caderno 7 - sequência didáticas do 8º e 9º anos, em versão preliminar, sentimo-nos realizados ao vê-los circulando entre os profissionais que atuam no ensino fundamental, subsidiando o trabalho pedagógico, fomentando as discussões num faz e refaz constante. É gratificante quando nos chegam os depoimentos daqueles que se sentem representados, acolhidos, ao ver suas contribuições e experimentos registrados. Nossa expectativa é de que essas vivências, agora disponibilizadas para a comunidade escolar do estado, contribuam para despertar, em todos os educadores goianos, o desejo de ler, pesquisar, planejar atividades desafiadoras e significativas, e, sobretudo para a reflexão de que não é a atividade em si que promove a aprendizagem, mas sim, o contexto didático em que ela está inserida.

Infelizmente muitos são os que ainda não tiveram acesso aos cadernos. Acreditamos que para o sucesso da nova proposta curricular é imprescindível que todos os professores os tenham em mãos. Vale conferir o resultado do trabalho. Leia, analise as experiências que vêm sendo vivenciadas e compartilhadas por nossos colegas **EDUCADORES** que assumiram o desafio de se tornarem melhores, de construir uma prática pedagógica diferenciada. Caso você ainda não tenha os cadernos 1, 2, 3, 4 e 5 procure imediatamente sua subsecretaria. Esta providenciará exemplares para todos os professores. Você pode também ter acesso aos cadernos por meio do site da Seduc: www.seduc.gov.br.

O Currículo em Debate, em todas as áreas do conhecimento, tem sido objeto de estudo nos encontros pedagógicos das escolas, das subsecretarias e da Suebas. Por isso, reiteramos que sua presença e participação efetiva nesses encontros é de fundamental importância.

Desta forma, com a realização de reuniões de estudos por área do conhecimento, com a ampliação de espaços para discussões coletivas, planejamentos e replanejamentos do trabalho pedagógico, conseguiremos transformar nossa prática, num esforço conjunto, e atender as exigências educacionais de nosso tempo e espaço. Assim buscamos vencer um grande desafio posto para todos nós, educadores - professores, coordenadores e gestores: a qualidade social do ensino nas escolas públicas de Goiás; o crescimento de nossos estudantes no domínio da leitura e da escrita, em todas as áreas do conhecimento; sua permanência, com sucesso, na escola fundamental e a terminalidade desse nível de ensino na fase prevista.

Contamos com o seu trabalho, professor, professora... com o seu esforço e compromisso nessa importante tarefa!

Superintendência de Educação Básica
Equipe do Núcleo de Desenvolvimento Curricular

UM DIÁLOGO ENTRE A UNIVERSIDADE E A REDE PÚBLICA DE ENSINO

Eliane Carolina de Oliveira¹

O exercício da docência é uma tarefa desafiante, cuja aprendizagem implica um processo complexo que abarca fatores de naturezas diversas. Ao entender que tanto a universidade quanto a escola são agências formadoras, é necessária a aproximação e a busca constante de parcerias entre estes *loci* principais de formação de professores. A consecução de um projeto neste modelo pode ser viabilizada unicamente a partir da conjunção de esforços entre Poder Público, Instituições de Educação Superior e Comunidade Escolar – fato este que vem se materializando nos últimos cinco anos em nosso Estado.

Nesse sentido, o processo de Reorientação Curricular em Goiás se constituiu na concretização dessa desejada parceria na qual todos os participantes tiveram garantida a sua condição de produtores de conhecimento. O espaço de interlocução, de partilha e democratização de saberes e conhecimentos entre os professores das escolas regulares, os técnicos da Superintendência da Escola Básica e os consultores do CENPEC e das universidades goianas tem sido significativo na construção dos produtos ora apresentados resultando em experiências enriquecedoras e ganhos qualitativos para todos os envolvidos.

Para a universidade, esse estreitar de laços propiciou uma visão mais ampla e concreta acerca da realidade fora do âmbito da academia e, nesse sentido, pôde-se discutir e propor subsídios teórico-metodológicos que melhor pudessem contribuir para a educação oferecida aos alunos nas várias áreas do conhecimento. Pôde, ainda, possibilitar aos futuros professores um contato mais direto com aqueles que estão envolvidos no processo de reorientação curricular e, eventualmente, aproximá-los das realidades educacionais e das reais exigências que encontrarão ao adentrarem o campo profissional.

Desafio e continuidade parecem ser as palavras-chave da parceria iniciada em 2004. Acreditamos que os trabalhos desenvolvidos durante todo o processo se constituirão em campos propícios ao desenvolvimento de atividades de pesquisa, de interlocução e aprendizagem contínuas. Que possamos continuar a fomentar as atividades de ensino e favorecer a articulação entre as diversas atividades empreendidas por todos os parceiros que compartilham da mesma intencionalidade que é garantir uma educação pública de qualidade para todos.

¹ Doutora em Linguística Aplicada (UFMG), professora universitária (UFG). Consultora da Reorientação Curricular de Língua Inglesa na Seduc/GO.

OS DESAFIOS DO PROCESSO DE ELABORAÇÃO DAS SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS

Equipe Cenpec¹

“Um passo à frente e já não estaremos mais no mesmo lugar”

Chico Science

I. O processo: uma escrita a muitas mãos

“a continuidade”

O processo de reorientação curricular, implementado na rede a partir de 2004, pela parceria entre Suebas, Cenpec, Universidade Federal de Goiás, Universidade Estadual de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás e Fundação Itaú Social, é fruto de várias ações e projetos desenvolvidos na rede estadual de ensino, que, gradativamente, produziram as condições para que, nesse dado momento, a partir dos indicadores educacionais de evasão e repetência e do questionamento do currículo em vigência, fossem desencadeadas ações de debate sobre a situação do ensino no estado de Goiás.

Esse amplo processo atravessou duas administrações, num esforço coletivo para caracterizá-lo como ação de estado e não de governo, razão pela qual, acreditamos que apesar das adversidades e contradições próprias da implementação de qualquer política pública, ele pôde crescer, se consolidar e, agora, ter potencial para permanecer.

Nesse esforço, foram produzidos os cadernos “Currículo em Debate” que expressam os momentos vividos pela rede no processo de reorientação curricular, durante os últimos anos, culminando com a elaboração das matrizes curriculares, como referência para o estado, e com exemplos de sequências di-

¹ Adriano Vieira; Maria José Reginato e Meyri Venci Chieffi: Assessores do Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária -CENPEC

dáticas, por área de conhecimento, que ajudassem os professores a visualizar a concretização da metodologia proposta para sua área específica. Para legitimar as matrizes e as sequências didáticas, o processo de produção foi acompanhado de um processo de validação pela rede, que orientou as mudanças necessárias.

Acreditamos que a natureza da parceria, envolvendo um órgão governamental, universidades locais, uma organização da sociedade civil e uma fundação empresarial, assim como a participação de diferentes segmentos da rede estadual de ensino, durante todo o processo, foram fatores determinantes para que não houvesse interrupção na construção e implementação do projeto de reorientação curricular. É nesta continuidade que apostamos, às vésperas de novas mudanças no executivo.

“ a unidade na diversidade”

O estado de Goiás tem 38 subsecretarias de educação, com realidades distintas. Envolver toda a rede no mesmo processo, contemplando as diferenças regionais e as diferenças de formação, foi um grande desafio na elaboração das matrizes e das sequências didáticas.

O que garantiu a unidade na diversidade foram as concepções de currículo, de ensino e aprendizagem e seus pressupostos, bem como as diretrizes e os eixos da proposta curricular que perpassaram tanto os objetivos educacionais quanto a metodologia de ensino de cada área do conhecimento.

Assim, os conteúdos curriculares e as expectativas de aprendizagem apontadas no caderno 5 , bem como as atividades das sequências didáticas do caderno 6 (sexto e sétimo anos) e do caderno 7 (oitavo e nono anos, a ser publicado em 2010) tem como pressupostos os eixos já apontados nos cadernos 1,2,3 e 4, como: o direito de toda criança e de todo adolescente de aprender e concluir o ensino fundamental com sucesso; a democratização da escola como condição para a realização de uma educação humanizadora e o trabalho coletivo como garantia do envolvimento de todos. Esses pressupostos se expressam nas diretrizes da reorientação curricular, quais sejam: reduzir a evasão e repetência no estado, ampliar os espaços coletivos nas escolas e no sistema e desenvolver um currículo significativo que considere o universo cultural dos alunos. Expressam-se, também, nos eixos das propostas específicas de cada área do conhecimento, que afirmam o compromisso de todas elas com a leitura e produção de textos, a valorização da cultura local e da cultura juvenil e a proposição de uma metodologia dialógica. Desta forma, os cadernos do 1 ao 7 se interrelacionam, buscando as mesmas conquistas. No que toca, propria-

mente, aos conteúdos curriculares, há uma integração muito grande entre os cadernos 3- concepção das áreas, caderno 5- matrizes curriculares e cadernos 6 e 7- sequências didáticas. Cabe esclarecer que as próprias sequências didáticas conferem unidade às áreas do conhecimento, na forma de organização dos conteúdos, em momentos específicos do processo de ensino e aprendizagem.

II. O que entendemos por sequência didática

É uma situação de ensino e aprendizagem planejada, organizada passo a passo e orientada pelo objetivo de promover uma aprendizagem definida. São atividades sequenciadas, com a intenção de oferecer desafios de diferentes complexidades para que os alunos possam, gradativamente, apropriarem-se de conhecimentos, atitudes e valores considerados fundamentais.

Nessa direção, optamos pelas sequências didáticas como forma de organizar os conteúdos escolhidos ou indicados pelos professores, para concretizar situações exemplares de ensino e aprendizagem, como apoio metodológico à rede.

A estrutura das sequências

As sequências didáticas seguem a seguinte estrutura: apresentação da proposta de trabalho; levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos; ampliação do conhecimento em questão; sistematização e avaliação. Ressaltamos que os momentos citados não são lineares nem estanques, mas se interpenetram, podendo até um conter o outro, como no caso de se promover a ampliação do conhecimento e uma sistematização, no próprio momento de levantar os conhecimentos prévios.

1. apresentação da proposta

É o anúncio do que vai ser estudado, o compartilhamento da proposta de trabalho com os estudantes, fornecendo uma visão geral do processo a ser desenvolvido e explicitando os pontos de chegada.

2. levantamento dos conhecimentos prévios

Os conhecimentos prévios são aqueles que os alunos adquiriram em suas experiências anteriores, dentro e fora da escola, sobre o assunto a ser estudado.

É importante conhecê-los para relacioná-los intencionalmente ao que se quer ensinar.

É o momento de se fazer o mapeamento do conhecimento que os alunos têm sobre os principais conceitos que serão trabalhados. Para ativá-los, problematizamos, de diversas formas, os temas em questão, propondo desafios, de modo que ponham em jogo o que sabem. Este momento pode ser desenvolvido por meio de rodas de conversa, leitura de imagens e/ou textos escritos, resolução de problemas, debates, dentre outras estratégias.

O registro dos conhecimentos prévios pode ser reapresentado ao final da sequência para fornecer elementos de avaliação ao professor e ao próprio estudante.

3. ampliação do conhecimento

Este é um momento importantíssimo que requer do professor segurança em relação ao conteúdo e às formas de desenvolvê-lo, considerando a heterogeneidade dos níveis de conhecimento e a faixa etária dos adolescentes e jovens.

As atividades devem proporcionar um “mergulho” no tema, por isso, no material, são propostas estratégias bem diversificadas: aulas dialogadas, projeção de vídeos e filmes, leitura e produção de textos, pesquisas em bibliotecas, na internet, nos livros didáticos adotados pela escola, entrevistas, saídas em campo.

4. sistematização do conhecimento

Consiste na retomada do percurso, organizando as principais noções e conceitos trabalhados, por meio de registros, promovendo a apropriação das aprendizagens desenvolvidas pelos alunos e permitindo a professores e alunos uma visão geral do trabalho que foi feito, com os avanços e as dificuldades encontradas. É um momento de síntese e de divulgação dos produtos finais do trabalho.

5. avaliação

A marcha da aprendizagem define a marcha do ensino, que tem como referencial as expectativas de aprendizagem definidas para tal, no caso, as apontadas pelas matrizes curriculares.

Daí a importância da avaliação processual, no decorrer das sequências, por meio de reflexões e registros do professor e dos alunos a respeito das aprendizagens realizadas, dos avanços, das dificuldades.

É importante, também, desenvolver um processo de auto-avaliação,

para que os alunos aprendam a identificar o que aprenderam, as dificuldades que tiveram, as dúvidas que ainda precisam ser esclarecidas. Esse exercício irá torná-los conscientes do próprio processo de aprendizagem, desenvolvendo a sua autonomia intelectual.

III. Um convite

Como é possível constatar, um grande trabalho foi feito e muitos participaram desta construção.

Por isso, acreditamos na possibilidade da continuidade, permanência e enraizamento deste processo.

Sendo assim, convidamos todos os professores da rede estadual de Goiás a fazer um debate crítico sobre as sequências didáticas ora apresentadas, discutindo-as no interior das escolas e em encontros nas subsecretarias, para que sejam apropriadas e se tornem de fato instrumento de trabalho, ajudando no planejamento e desenvolvimento das aulas, da maneira mais adequada à realidade de cada escola, cada professor, cada sala de aula.

E, que nessas discussões, se pense muito nos estudantes e na forma como eles veem respondendo às propostas das sequências, pois eles são os destinatários desse trabalho; são eles, afinal, que dão sentido à nossa profissão de professor.

Como ensinar por meio de gêneros textuais?

Autores:

Arivaldo Alves Vila Real¹
Arminda Maria de Freitas Santos²
Janete Rodrigues da Silva³
Neuracy Pereira Silva Borges⁴
Rosely Aparecida Wanderley Araújo⁵
Terezinha Luzia Barbosa⁶

Leitores críticos:

Agostinho Potenciano de Souza⁷
Anna Helena Altenfelder⁸
Luiza Esmeralda Faustinoni⁹

Este documento, que consiste em orientações didáticas para o ensino de Língua Portuguesa do 6º e 7º anos, é especialmente dedicado aos professores dessa área, na rede estadual de Goiás.

Em continuidade ao processo da Reorientação Curricular iniciado pela SEDUC, em 2004, em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação e Cultura - CENPEC - e docentes de universidades goianas, realizamos em 2008, com professores representantes das unidades escolares estaduais de diversas regiões do Estado, encontros de formação para construir sequências didáticas de alguns gêneros textuais propostos nas matrizes curriculares de Língua Portuguesa - Caderno 5, da série *Currículo em debate*.

-
- 1 Especialista em Língua Portuguesa, autor de propostas curriculares e gestor de Currículo da SEDUC/GO
 - 2 Especialista em Planejamento Educacional, autora de propostas curriculares e Gestor de Currículo da SEDUC/GO
 - 3 Especialista em Administração Educacional, autora de propostas curriculares e professora da SEDUC/GO
 - 4 Especialista em Língua Portuguesa, autora de propostas curriculares e Técnica pedagógica da SUEBAS
 - 5 Especialista em Língua Portuguesa, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
 - 6 Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino, autora de propostas curriculares e técnica pedagógica da SEDUC/GO
 - 7 Doutor em Análise do Discurso e professor da Faculdade de Letras da UFG
 - 8 Mestre em Psicologia da Educação, autora de propostas curriculares e pesquisadora do CENPEC
 - 9 Mestre em Linguística Aplicada, autora de propostas curriculares e pesquisadora do CENPEC

Nesses encontros, aprofundamos estudos sobre o ensino de Língua Portuguesa na perspectiva de gêneros textuais; vivenciamos metodologias com o objetivo de possibilitar ao professor articular, no trabalho com a língua com foco nos gêneros, a oralidade, a leitura, a escrita, a análise e reflexão sobre a língua (direcionada às exigências e características de cada gênero); vivenciamos uma sequência didática para o ensino do gênero *Contos Populares* com o objetivo de apresentar aos professores o passo a passo dessa metodologia que supõe um rico processo de interação em sala de aula.

Ao optar pela proposta do ensino de Língua Portuguesa com foco nos gêneros de texto, a SEDUC baseia-se nas diretrizes apresentadas pelos PCNs, há dez anos que, por sua vez, fundamenta-se na concepção de que o uso dos gêneros como instrumentos de ensino na escola dá mais significação aos estudos escolares, por aproximá-los da língua que usamos no nosso dia-a-dia, nas comunicações formais e informais.

Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que o determinam. (PCN de Língua Portuguesa, 5ª a 8ª série, 1998, p.21)

A opção pelo trabalho com sequências didáticas é em decorrência de ser esta uma metodologia que permite aos estudantes conhecerem a proposta de trabalho, terem clareza sobre o gênero que será ensinado e chegarem, gradativamente, ao domínio desse gênero. Sequência didática é um conjunto de atividades planejadas para ensinar um conteúdo, no caso específico de Língua Portuguesa, um gênero, etapa por etapa, numa situação real de uso, favorecendo, portanto, uma aprendizagem mais significativa e prazerosa.

Para se ensinar dessa forma, primeiro é preciso planejar, gradativamente, cada etapa do trabalho a ser desenvolvido, levando em consideração a organização do tempo e a diversidade dos grupos de estudantes.

O planejamento é fundamental no desenvolvimento do trabalho pedagógico. Planejar torna possível definir o que se pretende alcançar, prever situações e obter recursos (materiais ou humanos), organizar as atividades, dividir tarefas para facilitar o trabalho, avaliar com o objetivo de replanejar determinadas atividades ou criar outras. Permite-nos, também, refletir sobre situações não previstas na complexa dinâmica da sala de aula e agir de modo mais adequado.

O planejamento na escola deve estar a serviço do conjunto de professores que o realizou, ser fonte de consultas ao longo do ano, atender a necessidades práticas dos professores, permitir a observação de atividades que proporcionaram aprendizagens e aquelas que precisam ser melhoradas, proporcionar uma avaliação constante do processo de ensino e aprendizagem oferecido. Como

ferramenta de organização do trabalho pedagógico, o planejamento deve auxiliar os professores no alcance das aprendizagens esperadas, de modo que o ensino cumpra sua finalidade.

Para que os conteúdos tenham significado e possibilitem que os estudantes deles se apropriem, de acordo com os objetivos propostos, o planejamento sistemático das aulas, deve considerar:

a) atividades para identificação dos conhecimentos prévios - atividades que visam identificar o que os estudantes já sabem/ouviram falar sobre o gênero, para subsidiar o planejamento do professor(a), que decidirá os aspectos que devem ser aprofundados.

b) atividades de ampliação dos conhecimentos - atividades propostas para desenvolver novos conteúdos de forma significativa, a fim de que os estudantes ampliem e se apropriem de novos conhecimentos.

c) atividades de sistematização dos conhecimentos - atividades de retomada do percurso e do levantamento do que foi aprendido. Consiste no momento de sínteses e de aplicação dos conceitos aprendidos em novas situações; no momento de registro e divulgação das aprendizagens desenvolvidas ou produtos finais.

d) avaliação - A presente proposta prevê uma avaliação formativa. Assim, a avaliação não deve acontecer somente ao término da sequência didática, mas durante todas as atividades, pois sua finalidade não é, apenas, a de qualificar os estudantes. Pretende-se, também, permitir ao professor acompanhá-los e fazer as devidas intervenções, ajustando o processo de ensino ao processo de aprendizagem, observando a evolução dos estudantes e estabelecendo novos encaminhamentos em relação à sua aprendizagem.

Assim, ao organizar uma sequência didática para alcançar um objetivo de ensino, o professor precisa considerar a necessidade de envolvimento dos estudantes na proposta de trabalho, seus conhecimentos prévios sobre o gênero em estudo, o desenvolvimento e a sistematização de novos conceitos e a avaliação formativa. É preciso que os estudantes conheçam os objetivos do trabalho que será realizado, o que irão aprender ao desenvolver as atividades propostas. Assim, poderão também avaliar suas aprendizagens, identificar dúvidas, dar pistas ao professor sobre necessidades de retomadas ao longo do processo.

Este trabalho exige do professor organização e sistematização dos conhecimentos com os estudantes, situações constantes de análise e reflexão sobre a língua, produções coletivas, individuais, aprimoramento e reescrita dos textos produzidos por eles. (Ver orientações de reescrita ao final do documento).

A leitura e a produção de textos, orais ou escritos, exigem contato com textos do gênero em estudo para a ampliação do repertório dos estudantes. É

necessário, portanto, realizar com eles um estudo detalhado das características, usos sociais e esferas de circulação de cada gênero.

Apresentamos, a seguir, o resultado do trabalho realizado junto aos professores durante os encontros nos anos de 2008 e 2009. Nesses encontros foi desenvolvida a sequência didática de contos populares, produzida pela equipe de Língua Portuguesa da SEDUC, que elaborou, também, a sequência de contos literários. Como tarefa, foi solicitado que os professores produzissem, ainda, sequências didáticas de outros gêneros textuais, considerados essenciais, e propostos na matriz curricular do 6º ano e 7º anos.

Coube à equipe da SEDUC sistematizar as sequências de dois gêneros textuais, dentre as que foram elaboradas por professores da rede estadual de ensino, para integrar este Caderno. Para realizar essa seleção, levou-se em consideração a quantidade de sequências produzidas para o mesmo gênero, que chegaram à SEDUC até o limite da data estabelecida para o seu envio.

Assim, o presente documento consta das sequências didáticas de:

- *Contos populares e Contos Literários*, produzidos pela equipe de Língua Portuguesa da SEDUC.
- *E-mail*, produzida por professores das subsecretarias de Jataí, Luziânia, Minaçu, Pires do Rio e Porangatu.
- *Charge*, produzida por professores das subsecretarias de Goiânia e Rubiataba

Agradecemos, professor (a), a sua participação nos encontros realizados e o seu envolvimento nas tarefas propostas, o que contribuiu imensamente para a produção deste material. Ressaltamos que é imprescindível a socialização deste Caderno entre os professores da área, pois o seu estudo, a sua utilização de forma crítica e a realização das atividades, aqui apresentadas, abrirão novas possibilidades de ensino e subsidiarão o planejamento conjunto de novas sequências didáticas para os demais gêneros textuais, que compõem a proposta de Língua Portuguesa para o ensino fundamental da rede estadual de Goiás, apresentados no quadro abaixo:

CONTEÚDOS	6º ANO	7º ANO	8º ANO	9º ANO
I. TEXTOS NARRATIVOS/LITERÁRIOS	1. Histórias de Tradição Oral <ul style="list-style-type: none"> • Contos populares 2. Poesias <ul style="list-style-type: none"> • Poemas • Poemas de cordel 3. Canções 4. Quadrinhos <ul style="list-style-type: none"> • Tirinhas • Histórias em Quadrinhos • Gibis 	1. Literários <ul style="list-style-type: none"> • Poemas • Contos 2. Quadrinhos <ul style="list-style-type: none"> • Charges • Cartuns 	1. Literários <ul style="list-style-type: none"> • Poemas • Crônicas 	1. Literários <ul style="list-style-type: none"> • Poemas • Teatros
II. TEXTOS ARGUMENTATIVOS	1. Escolares <ul style="list-style-type: none"> • Júris simulados 	1. Escolares <ul style="list-style-type: none"> • Debates regrados • Comentários 2. De imprensa <ul style="list-style-type: none"> • Cartas do Leitor 	1. Jornalísticos <ul style="list-style-type: none"> • Artigos de opinião 	1. De imprensa <ul style="list-style-type: none"> • Editoriais
III. TEXTOS EXPOSITIVOS	1. Escolares <ul style="list-style-type: none"> • Resumos 	1. Escolares <ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas 	1. Escolares <ul style="list-style-type: none"> • Resenhas 	1. Escolares <ul style="list-style-type: none"> • Fichamentos
IV. TEXTOS DESCRITIVOS	1. De imprensa <ul style="list-style-type: none"> • Manchetes • Notícias 	1. Relatos <ul style="list-style-type: none"> • Memórias literárias 	1. Correspondências <ul style="list-style-type: none"> • Faturas e boletos 	1. Correspondência <ul style="list-style-type: none"> • Formulários • Cadastros
V. TEXTOS INJUNTIVOS	1. Correspondência <ul style="list-style-type: none"> • Correspondências • Correspondências digitais 	1. Instrucionais <ul style="list-style-type: none"> • Manuais de instrução 	1. Publicitários <ul style="list-style-type: none"> • Anúncios publicitários 	1. Normativos <ul style="list-style-type: none"> • ECA



SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 6º ANO

CONTOS POPULARES

LÍNGUA PORTUGUESA

Fico Feliz por saber que estamos atingindo o alvo principal da reorientação que é a leitura e a escrita.

Profª. Clemilda Dias de Assis
Palmeiras de Goiás/GO

Este encontro foi de grande importância para acrescentarmos informações ao trabalho iniciado sobre a reorientação curricular.

Profª. Enivany
Piracanjuba/GO

Acredito que o ato de planejar só será considerado um sucesso, se nós educadores executarmos de forma contextualizada, integrada e participativa as sequências didáticas.

Juanita Carla M. Vaz
Pires do Rio/GO

A sequência didática... leva-nos a uma reflexão... quanto ao verdadeiro ensinar.

Profª. Rosilda Ferreira da Silva Azevedo
Uruaçu/GO

Contos Populares

Autores:

Arivaldo Alves Vila Real¹
Arminda Maria de Freitas Santos²
Janete Rodrigues da Silva³
Neuracy Pereira Silva Borges⁴
Rosely Aparecida Wanderley Araújo⁵
Terezinha Luzia Barbosa⁶

Leitores críticos:

Agostinho Potenciano de Souza⁷
Anna Helena Altenfelder⁸
Luiza Esmeralda Faustinoni⁹
Equipe de Língua Portuguesa¹⁰

GÊNERO: CONTOS POPULARES

OBJETIVO: Ouvir, ler, compreender, apreciar, contar e recontar contos populares

PÚBLICO ALVO: estudantes do 6º ano

NÚMERO DE AULAS: 15 aulas

-
- 1 Especialista em Língua Portuguesa, autor de propostas curriculares e gestor de Currículo da SEDUC/GO
 - 2 Especialista em Planejamento Educacional, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
 - 3 Especialista em Administração Educacional, autora de propostas curriculares e professora da SEDUC/GO
 - 4 Especialista em Língua Portuguesa, autora de propostas curriculares e Técnica pedagógica da SEDUC/GO
 - 5 Especialista em Língua Portuguesa, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
 - 6 Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino, autora de propostas curriculares e técnica pedagógica da SEDUC/GO
 - 7 Doutor em Análise do Discurso e professor da Faculdade de Letras da UFG
 - 8 Mestre em Psicologia da Educação, autora de propostas curriculares e pesquisadora do CENPEC
 - 9 Mestre em Linguística Aplicada, autora de propostas curriculares e pesquisadora do CENPEC
 - 10 Carla Vieira de Freitas, Débora Cunha Freire, Hérica de Souza Nascimento Meyer, Kássia Miguel, Marilda de Oliveira Rodovalho e Marlene Carlos Pereira- Gestores de Currículo da SEDUC/GO

ATIVIDADES PARA IDENTIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS

Ambiência da sala de aula

Organize a sala de forma a criar um ambiente para iniciar uma sessão de contação de histórias. Torne ambiência da sala de aula significativa envolvendo todos os estudantes. Selecione livros com títulos da tradição oral do acervo da biblioteca e crie um cantinho de leitura. Proponha momentos diários de leitura prazerosa do material exposto, para dar significado e utilidade à ambiência.

1ª Atividade: Quem não gosta de uma boa história?

Expectativas de Ensino e aprendizagem

- Ouvir histórias contadas pelo(a) professor(a), colegas de classe, equipe escolar e comunidade local.

Número de aulas: 2 aulas

Professor (a), ao longo desta sequência didática, além do passo a passo de cada atividade (que você deve ler com calma para apropriar-se dos conteúdos e das expectativas de aprendizagem a serem trabalhados), procuramos inserir algumas dicas que julgamos importantes para auxiliá-lo no desenvolvimento deste trabalho. Entretanto, é importante que você planeje cada passo desta sequência didática, pois ninguém melhor que você para definir a forma mais eficiente de se trabalhar com seus estudantes.

Inicie conversando com os estudantes sobre o gênero a ser estudado. Pergunte-lhes se gostam de ouvir, ler ou contar histórias. Comente que algumas histórias são contadas por pessoas comuns, como se fossem fatos realmente acontecidos. Através da tradição oral, as pessoas mais velhas conseguem transmitir muitos aspectos da sua cultura, ou da cultura de outros povos, à geração mais jovem. Chame a atenção deles para o fato de que as histórias da tradição oral muitas vezes são carregadas nos aspectos fantasiosos.

Peça-lhes que tentem se lembrar de alguns títulos de histórias da tradição oral, e vá registrando-os no quadro ou em um cartaz. Ajude-os a se recordarem de “causos”, histórias maravilhosas, moralizantes, de esperteza, de assombração, contos de fada; fábulas, lendas, mitos etc. Incentive-os a contarem algumas delas, contando você, professor(a), uma história para a classe, ou até convidando alguém da comunidade, que tenha esta habilidade, para fazê-lo.

Contadores de Histórias: os contadores de histórias, como bem sabem Rolando Boldrin, no Programa Sr. Brasil, da TV Cultura; os comediantes Nilton Pinto e Tom Carvalho, o escritor Bariani Ortencio e o apresentador do Programa *Frutos da Terra*, da TV Anhanguera, Hamilton Carneiro, criam um clima próprio para a história que vão contar: observam a entonação da voz; utilizam um ar de suspense, mistério ou galhofa; imitam vozes, barulho, som da natureza, para prender a atenção dos ouvintes. Esses recursos devem ser ensinados para os estudantes no decorrer dessa sequência didática.

Em seguida, pergunte se gostariam de contar uma história também. Se necessário estimule-os, instigando-os a se lembrar de histórias que ouviram da família ou de amigos. Talvez, nesse momento, não se lembrem de muitas. Caso isso aconteça, peça que escutem algumas histórias dos pais, avós, pessoas da comunidade e tragam para recontá-las na aula seguinte. Dessa forma, ao longo do tempo, os estudantes ampliarão o seu repertório.

2ª Atividade: Quem conta um conto...

Texto: O diabo e o granjeiro, de Tatiana Belink

Fonte: Nova Escola, São Paulo, Vol. 10, nº 84, PP.30-31, Maio 1995

Expectativas de Ensino e aprendizagem

- Recontar contos populares ouvidos ou lidos, observando a temporalidade e o encadeamento dos fatos, utilizando estratégias de interação com o texto, como o ritmo, a entonação, as pausas, os efeitos de humor, de emoção etc.
- Reconhecer a relevância de elementos que contribuem para estabelecer a comunicação.
- contador/ouvinte: a voz, o olhar, a expressão facial, os gestos, a postura corporal.
- Ler com fluência e autonomia, construindo significados e inferindo informações implícitas.
- Falar e ouvir o outro com atenção, respeitando o seu ponto de vista.
- Desenvolver a argumentação oral.

Número de aulas: 2 aulas

Conto popular

Tem sua origem na tradição oral e possui algumas características próprias:

- Contornos de verossimilhança, ou seja, trazem fatos que são possíveis de acontecer, mas as ações também acontecem na esfera do maravilhoso e do sobrenatural;
- número pequeno de personagens que, algumas vezes, são estereotipadas ou caracterizadas de forma imprecisa;
- imprecisão de referências de tempo e espaço;
- ação simples, sem grande complexidade;
- registro de usos e costumes, fórmulas, modos de convivência, atualizando a moral de um tempo distante.

Apesar de seus aspectos comuns os contos populares têm diferentes classificações, optamos por utilizar a de Luis da Câmara Cascudo, em seu dicionário do Folclore Brasileiro:

- Contos de Encantamento: também é conhecido como conto maravilhoso ou conto de fada.
- Contos de Animais: são contos em que os animais são dotados de qualidades, defeitos e sentimentos humanos.
- Contos de Exemplo: são aqueles estruturados pelo antagonismo BEM versus MAL.
- Contos Religiosos: caracterizam-se pela presença ou interferência divina.
- Causos: são histórias cobertas de fantasia, cujo contador, geralmente, é o personagem principal.
- Contos de Anequês/ Facécias: narrativas curtas, em tom de chacota leve e alegre.
- Contos Acumulativos: também conhecidos como “lengalenga”, têm características de uma longa parlenda.
- Contos Etiológicos: explicam ou dão razão a origem de um aspecto, forma, hábito de qualquer pessoa ou coisa.
- Demônio Logrado: contos em que o demônio intervém, perde a aposta e é derrotado.

Texto adaptado do Dicionário do Folclore Brasileiro de Luís da Câmara Cascudo

Proponha que os estudantes se sentem no chão ou em almofadas, formando uma grande roda, na sala de aula ou em outro ambiente (esse momento pode ser realizado, também, em ambientes fora da escola: jardins, praças, museus, bosques

da região etc.). Peça-lhes para imaginar que estão em volta de uma fogueira, em uma noite ao ar livre, quem sabe no meio do mato, ou às margens de um rio, como o Araguaia ou outro rio da região. Que imaginem o fogo, o silêncio, o perfume do mato, o barulho das águas do rio, cachoeiras etc.

Diga-lhes que chegou o momento de recontarem as histórias que ouviram dos pais, avós, pessoas da comunidade, conforme solicitado na aula anterior. Pergunte-lhes em que situações ouviram as histórias: Quem contou? Em que lugar? Como? Oriente-os a atentar para os elementos que contribuem para estabelecer a comunicação contador/ouvinte. Esta avaliação é importante, pois vai orientá-lo(a), professor(a), na mediação que fará, junto aos estudantes, para aprofundar os conhecimentos sobre a situação de produção.

Após cada reconto, incentive-os a comentar a história, se necessário faça algumas perguntas, como: Então, vocês gostaram da história que ouviram? O que chamou a atenção de vocês nessa história? O que há de semelhante ou de diferente entre ela e as demais histórias que já ouvimos até agora?

Encerre a sessão de contação de histórias, recontando o conto popular *O diabo e o granjeiro*. Conte a história da melhor maneira que você puder e incentive os estudantes a comentá-la livremente. Discuta com eles sobre a classificação do conto, de acordo com Luís da Câmara Cascudo. Se necessário, ajude-os perguntando: O que fez a mulher do granjeiro? A quem ela enganou? O que significa diabo logrado? Por que podemos classificar este conto desta maneira? Questione se observaram os recursos que você usou para que eles ficassem atentos à história. Peça-lhes, ainda, que comentem o seu desempenho e registre as observações que você achar pertinentes, professor(a), no seu caderno de registro.

Finalmente, proponha aos estudantes um debate bem descontraído sobre a atitude da mulher do granjeiro. Peça-lhes que se manifestem a favor ou contra a mulher, apresentando argumentos coerentes e convincentes para defenderem a sua posição. Registre as conclusões no quadro e peça-lhes que façam o mesmo no caderno.

ATIVIDADES PARA AMPLIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

3ª Atividade: Lendo e recontando

Texto: *Os porcos do compadre, de Pedro Bandeira*

Fonte: *Malasaventuras - Safadezas de Malasartes*, Ed. Moderna, PP.55-61

Expectativas de Ensino e aprendizagem

- Ler com fluência e autonomia, construindo significados e inferindo informações implícitas
- Falar e ouvir o outro com atenção, respeitando o seu ponto de vista
- Comparar os diversos contos populares lidos
- Desenvolver a argumentação oral
- Analisar o uso da linguagem no gênero em estudo
- Recontar contos populares numa situação real de uso considerando sua finalidade, os possíveis leitores e as características do gênero.

Número de aulas: 3 aulas

Inicie esta atividade com a leitura do conto popular *Os porcos do compadre*, de Pedro Bandeira, publicado no livro *Malasaventuras – Safadezas de Malasartes*. Vale ressaltar que, antes da leitura de qualquer texto, é importante promover uma conversa com os estudantes, para despertar-lhes o interesse e aguçar-lhes a curiosidade. Para isto, utilize a estratégia de antecipação, dizendo-lhes que irão ler um conto popular muito conhecido, e recontado por Pedro Bandeira, motivando-os a levantarem hipóteses sobre o seu conteúdo; sobre o que o título sugere; se tem conhecimento do autor do texto; se conhecem outros textos do autor. Fale-lhes um pouco, também, sobre Pedro Malasartes: pergunte-lhes se conhecem esse famoso personagem de outras histórias; quais? Aproveite para citar algumas; enfim, diga-lhes que Pedro Malasartes é o personagem típico dos contos populares.

Diga-lhes, ainda, que o conto popular que irão ler é classificado como Conto de Anekdota. Pergunte-lhes se sabem o que isto quer dizer; se necessário, retome com eles a classificação de Câmara Cascudo, explicando seu significado.

Pedro Bandeira nasceu em Santos (SP), em 1942, e é um dos maiores escritores de literatura juvenil brasileira. Autor de livros de grande sucesso, como *Mariana*, *Brincadeira mortal* e *Malasaventuras – Safadezas de Malasartes*. Este último traz narrativas curtas, em versos, contadas com humor e ritmo: os porcos do compadre é uma delas.

Em seguida, distribua o texto aos estudantes e faça com eles uma leitura compartilhada, utilizando as estratégias de inferência e checagem das hipóteses levantadas no momento da antecipação, ou mesmo no desenvolvimento da leitura. Retome o estudo do gênero, perguntando à turma:

Quais as semelhanças e diferenças entre esta história e o conto popular *O diabo e o granjeiro*? *Os porcos do compadre* é um conto popular? Que elementos do texto nos confirmam isto?

Discuta com a classe a atitude de Malasartes, conforme foi feito em relação à mulher do granjeiro. Incentive-os a ampliar o poder de argumentação, ajudando-os a elaborar argumentos mais ricos e consistentes. Para isto, divida o quadro em duas partes e peça que metade da classe levante argumentos favoráveis, e a outra metade apresente argumentos contrários à atitude de Malasartes, e vá mediando esta atividade com questionamentos que direcionem respostas mais completas, coesas e coerentes.

Convide agora os estudantes a fazerem como Pedro Bandeira e recontarem um conto popular. Não precisa ser da mesma forma que o autor fez, recontando a história em versos, é preferível que se recontem a história com detalhes e não se preocupem em construir as rimas. Peça que resgatem todos os contos que ouviram ou leram até então e listem nos cadernos os três preferidos. Incentive-os, então, a escolherem, cada um o seu preferido e convide-os a recontarem por escrito este conto. Dê um clima de desafio a esse ato de produção. Estimule o desejo pelo ato de produzir, de serem escritores de um conto popular. Explique que o objetivo da produção individual, neste momento, é comparar o que o estudante consegue fazer antes e depois de desenvolver a sequência de atividades sugeridas aqui. A ideia da produção inicial é demonstrar tanto a você, professor(a), quanto aos estudantes, o que foi aprendido com esta sequência didática. Portanto, você deve recolher as produções de todos para um trabalho de reescrita no final da sequência.

4ª Atividade: Lendo e aprendendo

Texto: *A procissão dos mortos, de Cecília Pereira de Souza*

Fonte: Histórias Populares de Jaraguá. Goiânia: CECUP/UFG, 1983

Expectativas de Ensino e aprendizagem

- Ler com fluência e autonomia, construindo significados, inferindo informações implícitas, identificando e analisando os elementos do conto popular.
- Desenvolver o senso crítico, por meio de leituras que retratem as temáticas/práticas sociais e culturais da região ou do Estado.

Número de aulas: 2 aulas

Proceda como nos textos anteriores. Converse com os estudantes sobre histórias de assombração. Pergunte-lhes se conhecem alguma, deixando-os contá-las e comentá-las livremente. Com relação ao texto que será estudado, é importante dizer que é uma história recontada pela autora Cecília Pereira de Souza e transcrita do livro *Histórias Populares de Jaraguá*, organizado pela professora goiana Ione Maria Valadares (suporte textual). É importante também falar um pouco de Jaraguá, cidade do interior de Goiás, conhecida nacionalmente pelo comércio de confecção e revenda de *jeans*.

Após essa conversa, organize a classe em duplas e proponha-lhes a leitura silenciosa do conto popular *A procissão dos mortos*, publicado também no material *Ensinar e Aprender – Adaptação para o Estado de Goiás, 2002*. Em seguida, estimule-os a comentar o texto, entre si (duplas):

- O que você achou dessa história?
- Acredita que as pessoas depois de mortas podem voltar à terra?
- Sabe o que é procissão e o seu sentido?
- Já participou de uma ou pelo menos já viu alguma na sua cidade?
- Você conhece alguém que vive falando mal dos outros?

É importante que os estudantes percebam que o texto em estudo é uma história de assombração em que os mortos apareceriam para castigar a personagem da “janeleira”, que se preocupava com a vida alheia -, recontada com a intenção de transmitir crenças e valores. Convide algumas duplas para fazerem a leitura oral do conto, observando as estratégias de interação com a classe.

Agora é o momento de os estudantes aprenderem mais com o texto. Para isso, você deve iniciar aqui um estudo sobre os elementos do conto popular. Faça-o de uma forma leve, problematizando as questões e fazendo com que os estudantes levantem hipóteses e as confirmem, recorrendo sempre ao texto.

O conto lido é um conto popular. Discuta com os estudantes até que ponto esta história segue o modelo descrito abaixo:

- Narrador que não é personagem da história, mas sabe tudo o que acontece inclusive o que os personagens pensam e sentem
- Contornos de verossimilhança, ou seja, trazem fatos que são possíveis de acontecer, mas as ações também acontecem na esfera do maravilhoso e do sobrenatural;
- número pequeno de personagens que, algumas vezes, são estereotipadas ou caracterizadas de forma imprecisa;
- imprecisão de referências de tempo e espaço;

- ação simples, sem grande complexidade;
- registro de usos e costumes, fórmulas, modos de convivência, atualizando a moral de um tempo distante.

Peça que os estudantes registrem no caderno as conclusões a que chegaram após a discussão, justificando-as com exemplos do texto, como: quem é o narrador? Podemos dizer que esta história poderia acontecer de verdade? Quais fatos realmente poderiam ocorrer e quais não? Onde se passa a história? Podemos saber exatamente em que cidade, estado ou mesmo país a história acontece? Quando os fatos acontecem? Qual a duração da história? Quem são os personagens? O que acontece na história? Ela tem um ensinamento sobre bons costumes?

É fundamental fazer registros sobre a participação dos estudantes, observar se estão expondo suas opiniões e ideias, se compreendem as leituras feitas, quais os principais problemas apresentados por eles. Essa observação possibilitará a você, professor(a), planejar as intervenções necessárias para que eles avancem. Os estudantes que apresentam muitas dificuldades em contar, escutar e ler histórias devem participar de todas as atividades e receber ajuda para o que ainda não conseguem fazer sozinhos. Insista para que acompanhem as leituras, participem dos comentários orais, tentem reproduzir trechos das histórias do jeito que souberem, escrevam os títulos, nomes das personagens, enfim, tudo o que for possível requerer deles nesse momento.

5ª Atividade: Lendo e dialogando

Texto: *O caso do espelho, de Ricardo Azevedo*

Fonte: Nova Escola, São Paulo

Expectativas de Ensino e aprendizagem

- Ler com fluência e autonomia, construindo significados, inferindo informações implícitas, identificando e analisando os elementos do conto popular .
- Reconhecer o valor expressivo da pontuação específica do gênero em estudo.
- Analisar o emprego dos discursos direto e indireto no conto popular.

Número de aulas: 2 aulas

Antes da leitura do texto, siga as mesmas orientações propostas nas atividades anteriores (*antecipação* da leitura). É importante dizer aos estudantes que esse é mais um conto popular e que irá ampliar o seu repertório. Peça aos

estudantes que leiam individualmente o texto e em seguida, apresente-lhes as questões: O texto é uma ficção ou não-ficção, ou seja, a história tem personagens baseadas na realidade ou não? Peça que justifiquem. A história provoca o riso? Por quê? O que ela tem em comum com as demais histórias lidas até o momento? Observe o seu desfecho e o compare com o desfecho do texto *A procissão dos mortos*. Qual dos dois é mais interessante? Por quê?

Professor(a), estes comentários são importantes, pois auxiliam o estudante a organizar o que leu e enriquecer sua leitura com aspectos levantados pelos colegas.

Este texto permite retomar ou introduzir o travessão, enfocando especificamente as marcas que distinguem, no texto escrito, as falas dos personagens e do narrador.

Discuta com os estudantes a necessidade de indicar (marcar) quem fala quando se escreve. Quando falamos, temos o(s) outro(s) à nossa frente e, portanto, vemos quem está falando. Já na escrita isso não acontece e é preciso fazer marcas: é preciso ajudar o leitor a saber quem está falando naquele momento, se é o narrador ou se é algum personagem.

Solicite aos estudantes que observem o texto e apontem os trechos onde os personagens estão falando e onde quem fala é o narrador.


Divida a classe em grupos de cinco estudantes e proponha que façam uma leitura dialogada do texto, nos grupos. Um estudante será o narrador e os outros quatro representarão as personagens do texto. Escolha cinco estudantes, um de cada grupo (se possível), para dramatizarem o texto. Use um microfone (ou improvise um objeto para desempenhar a sua função) e combine apenas com esses cinco que, cada vez que um personagem falar, o microfone passará às mãos do estudante que representa essa personagem. Não conte ao restante da classe o que vocês combinaram. Proponha que a classe acompanhe a leitura e tente descobrir qual marca, no texto, corresponde à mudança de mãos do microfone.

Após a leitura, questione os estudantes:

- Por que o uso do microfone na leitura dialogada? (Marca da fala das personagens)
- A que sinal de pontuação do texto, o microfone foi associado? (Travessão)
- Qual o sinal que está sempre antes do travessão? (Dois pontos)
- Para que serve esse sinal? (Indicação das falas, do discurso direto)

À medida que forem levantando as hipóteses, vá sistematizando no quadro e peça-lhes que registrem suas conclusões no caderno. Registre você, também, aspectos importantes que tiver observado, com relação à aprendizagem dos estudantes.

Em seguida, abra uma discussão sobre as marcas da oralidade: gestos, expressões fisionômicas, ritmos, entonação de voz – questione-os como estas apa-



recem no texto. Enfatize a entonação de voz, pedindo-os para ler trechos do texto com ponto de interrogação e ponto final. Questione sobre o teor destes trechos: se estão perguntando ou afirmando. Como podemos identificar esse recurso na fala? Através da entonação. Como podemos identificá-lo na escrita? Por meio do ponto de interrogação ou ponto final. Proponha-lhes que retirem, do conto em estudo, exemplos de frases que expressam surpresa, grito, afirmação, espanto, ou outras exclamativas. Após registrá-las no quadro, peça-lhes que façam a leitura, individualmente, em voz alta, e observem o que essas frases expressam na fala e como são representadas na escrita. Neste momento o destaque é o ponto de exclamação.

Finalmente, diga aos estudantes que ao falar algo ou contar uma história, as pessoas, às vezes, intencionalmente, demoram completar o que querem dizer, dão pausa durante a conversa. Diga-lhes que na escrita existe um sinal que representa essa pausa da fala chamado de reticências. Indique o parágrafo do texto *O caso do espelho* em que as reticências aparecem. Peça para dramatizarem essa passagem e faça com que percebam que o personagem deu uma pausa na fala.

Após a discussão, peça aos estudantes que elaborem conceitos para os usos dos pontos de interrogação/exclamação/ponto final e reticências. Registre os conceitos elaborados no quadro e solicite-lhes que comparem os conceitos elaborados por eles aos que apresentam os livros didáticos, as gramáticas etc.

É bom lembrar-lhes, professor(a), que estas atividades, mesmo estando no bloco das atividades de ampliação dos conhecimentos, têm também o objetivo de avaliar os conhecimentos e habilidades que os estudantes já possuem, e de sistematizar os conhecimentos que vão se construindo neste processo.

ATIVIDADES PARA SISTEMATIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

Por que sistematizar?

Para identificar, reconhecer e organizar os conteúdos trabalhados, entender as características que definem os temas e assuntos estudados, compreender e explicar como eles se relacionam e se articulam entre si, com as experiências e com os conhecimentos prévios dos estudantes e com outros conhecimentos.

A sistematização possibilita chegar a uma maior apropriação crítica dos conhecimentos, reconstituir e recriar outros, recuperar e socializar as experiências mais significativas vividas pelo grupo no processo ensino e aprendizagem. É um momento privilegiado da prática pedagógica que possibilita a reflexão e a análise na retomada de pontos relevantes dos conteúdos trabalhados (sem registros não há como sistematizar e produzir novos conhecimentos).

Pode ser realizada no final de uma aula, no final de um conteúdo específico, de uma sequência didática, ou em outros momentos considerados pertinentes e relevantes pelo professor.

6ª Atividade: Recontando coletivamente

Expectativas de Ensino e aprendizagem

- Recontar contos populares numa situação real de uso, considerando sua finalidade, os possíveis leitores e as características do gênero.
- Utilizar estratégias textuais para marcar a relação lógico-discursiva nas narrativas de tradição oral.
- Caracterizar as personagens nos contos populares produzidos.
- Correlacionar corretamente os tempos verbais aos fatos narrados.
- Refletir sobre o valor das expressões que marcam o tempo passado nos textos narrativos.
- Identificar e caracterizar o espaço e o tempo nos contos populares.
- Reproduzir contos populares, observando a sequência cronológica dos fatos.
- Empregar os discursos direto e indireto nos contos populares.
- Utilizar os diferentes níveis de linguagem (coloquial, culta, regionalismo, jargão, gíria) nos contos populares, conforme a situação.

Número de aulas: 2 aulas

Chegou o momento da produção coletiva. Produzir um texto coletivamente, mesmo que seja no caso de recontar, como é a proposta desta ati-

vidade, ajuda os estudantes a resgatar e organizar os recursos aprendidos nas atividades anteriores.

O texto coletivo exige negociação, pois precisa ocorrer de forma organizada para que haja espaço para a troca entre estudantes mais e menos experientes e a oportunidade para o crescimento de todos. Portanto, professor(a), é fundamental a sua mediação na condução das perguntas e orientações, ao mesmo tempo em que deve cuidar para promover a concentração e a atenção.

Não se deve confundir o momento de elaboração do texto coletivo com um momento no qual a autoria pertence a você, professor (a), restando aos estudantes o papel de reprodutores. Por outro lado, você também não é um mero “escriba”, ou seja, aquele que se limita a transcrever a fala dos estudantes. Você continua sendo o mediador que pode e deve contribuir fazendo perguntas e dando orientações à sua turma, propiciando, assim, espaço para a constituição de novos conhecimentos durante a negociação.

Para que o trabalho dê o resultado esperado, é preciso que essa negociação ocorra de forma organizada, evitando a dispersão, comum nos momentos de trabalho coletivo com um público de crianças e adolescentes. Pode e deve contribuir fazendo perguntas e dando orientações à sua turma.

Assim, lembre com eles todas as atividades. Ajude-os a fazer um rápido resumo de tudo o que aprenderam sobre as histórias ouvidas e lidas. Você pode anotar os pontos principais em um cartaz e afixá-lo na sala.

Explique aos estudantes que esta é uma etapa importante para o aprimoramento do texto produzido na quarta atividade.

Proponha o reconto do texto *A procissão dos mortos*. Hora de recontar! Ajude a turma escrever o primeiro parágrafo e vá anotando no quadro. Incentive-os a expandir as ideias propostas no texto; a caracterizar os espaços e as personagens com mais precisão; a utilizar palavras e expressões regionalistas para manter o tom gostoso dos contos populares; a enfatizar o clímax e até alterar o desfecho. Leia em voz alta para ver se todos concordam e inclua as alterações sugeridas.

Faça perguntas, instigue-os para que coloquem as ideias no texto. Lembre-se de utilizar os tempos verbais corretamente, a pontuação para organizar a narrativa e expressar as emoções. Sentimentos, impressões e sensações não podem faltar e devem ser revelados ao longo do texto.

Tudo pronto, releia o texto com os estudantes, pergunte-lhes se está gostoso de ser lido. Se eles estão satisfeitos com a escrita, se é possível fazer alguma alteração para melhorá-la. Para o aprimoramento do texto, revise-o com muito cuidado. Parabenize-os pelo sucesso, diga-lhes que eles já são escritores e que são capazes de produzir um texto individualmente.

7ª Atividade: Reescrevendo coletivamente

Expectativas de Ensino e aprendizagem

- Reescrever o texto visando assegurar clareza, coerência, coesão, ampliação das ideias e a presença dos elementos característicos do gênero textual produzido.
- Observar o uso da língua de maneira a dar conta da variação intrínseca ao processo linguístico no que se refere a: variedades regionais, urbanas e rurais; variedades sociais; expressões do passado e do presente.
- Analisar os termos utilizados no diálogo entre os interlocutores e as palavras e expressões que revelam as finalidades com que se comunicam.
- Levantar hipóteses, formular regras e conceitos, relativos à ortografia, à acentuação gráfica e à pontuação, recorrendo a dicionários, gramáticas, manuais técnicos, outros textos, internet etc.
- Comparar o texto inicial com o texto reescrito coletivamente.
- Analisar o emprego dos discursos direto e indireto nas narrativas.
- Reconhecer o valor expressivo da pontuação (pontuação de final de frases: ponto de exclamação, ponto de interrogação, ponto final, reticências; travessão e dois pontos em discurso direto) para marcar as sequências narrativas.
- Reescrever textos (trechos) revendo a pontuação de final de frases.
- Analisar as características e ações dos personagens com base no emprego de adjetivos e verbos.
- Explorar adequadamente as flexões verbais nos textos narrativos.
- Correlacionar corretamente os tempos verbais aos fatos narrados.
- Analisar a caracterização dos personagens e de espaços feita por meio de adjetivos e locuções adjetivas.
- Fazer reformulações que assegurem, também, as características próprias dos contos populares.

Número de aulas: 2 aulas

Inicie a atividade resgatando todo o processo vivido até então nesta sequência didática. Aponte que no percurso a classe acumulou muitos conhecimentos sobre contos populares e também tem agora um belo repertório de diferentes contos. Não seria interessante compartilhar isto com os colegas de outras classes ou mesmo com as famílias?

Como poderiam fazer isto? Dê algumas sugestões: uma exposição no mural da escola, publicações em jornais do local ou, quem sabe, até mesmo para compor uma

coletânea de contos populares da turma que pode circular nas famílias e depois ficar na biblioteca da escola .

Pergunte aos estudantes se lembram da produção que fizeram na atividade 4. Que tal usarem estas produções para fazer a exposição ou o livro de coletânea?

Depois de decidir, em conjunto com a classe, como os textos irão ser socializados, explique que para serem divulgados, publicados, os contos precisam ser aprimorados, reescritos. É importante que para a reescrita esteja bem claro para os estudantes qual o objetivo do texto, quem serão seus leitores e onde eles irão circular

Professor(a), a reescrita é fundamental para que os estudantes consigam progressos em suas produções escritas. Entretanto, precisamos tomar muito cuidado para que esta não se torne uma atividade mecânica.

É importante que os estudantes reflitam sobre a função social da escrita: os recontos que produziram serão lidos também por outros leitores e, portanto, precisam estar claros e atingir o objetivo a que se propõem os contos populares: agradar, divertir, emocionar etc.

Diga-lhes que qualquer escritor reescreve o seu texto quantas vezes forem necessárias até que ele fique pronto para ser publicado, e que eles devem fazer o mesmo, sempre que as suas produções se destinarem a qualquer divulgação: elaboração de uma coletânea de contos da turma, exposição no mural da escola, publicação em jornais etc.

Explique que para que possam compreender bem o processo de reescrita , inicialmente irão fazer isso coletivamente, como na atividade acima.

Para a reescrita coletiva, selecione um dos recontos produzidos pelos estudantes na 4ª atividade. Escolha aquele que melhor represente as dificuldades da classe, que estejam relacionadas aos aspectos discursivos relativos ao gênero, aos aspectos básicos de clareza, coerência e coesão textual (contradições; repetições de idéias, palavras ou expressões; emprego inadequado da pontuação, paragrafação, discurso direto, tempo verbal etc.).

Converse antecipadamente com o autor do texto, solicitando-lhe autorização para utilizar a sua produção. Incentive-o, dizendo-lhe que seu texto ficará melhor, mais bonito. Diga-lhe, ainda, que não farão modificação alguma sem o seu consentimento, e que esta reescrita servirá de parâmetro para os colegas também reescreverem os próprios textos. Convide-o a ocupar um lugar de destaque no momento da reescrita, para que possa ser consultado sempre que necessário.

Copie o texto no quadro, ou traga-o copiado em papel pardo, já corrigido em seus aspectos ortográficos e morfosintáticos - concordâncias verbal e nominal, flexões verbais, emprego de pronomes etc.

Com a colaboração dos estudantes, separe um parágrafo para cada idéia, tendo o cuidado de não descaracterizar o texto e respeitar a autoria. Proble-

matize algumas questões (O quê? Quem? Quando? Onde?) em função dos aspectos que devem ser melhorados e vá anotando as sugestões no quadro. Incentive-os a expandir as ideias propostas no texto; a caracterizar os espaços e as personagens; a utilizar palavras e expressões regionalistas para manter o tom gostoso dos contos populares; a enfatizar o clímax. Lembre-os de que é necessário utilizar os tempos verbais corretamente, fazer uso da pontuação para organizar a história e expressar as emoções ao longo do texto.

Recorra sempre ao autor e somente inclua as alterações sugeridas com o seu consentimento,

Discuta com os estudantes as modificações feitas, reescreva o texto com as alterações propostas e aceitas pelo autor e proponha que comparem o texto reescrito com o original. Finalmente, solicite a retomada de seus contos para fazerem a reescrita individual.

8ª Atividade: Reescrevendo individualmente

Expectativas de Ensino e aprendizagem

- Reformular os textos produzidos com base na reescrita coletiva orientada pelo professor

Número de aulas: 2 aulas

Chegou o momento de retomar o reconto produzido pelos estudantes na quarta atividade. Aqui eles devem aprimorar o texto, produzido inicialmente, observando todos os elementos trabalhados nos decorrer desta sequência didática e retomados na produção e reescrita coletivas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) *Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões*, (PCNs, 1998, p.77). Um bom texto vem de um rascunho e passa por sucessivas versões que serão aperfeiçoadas até chegarem ao produto final.

Entregue os textos aos estudantes e solicite-lhes que o comparem com o texto reescrito coletivamente, verificando se há neles problemas da mesma natureza, para corrigi-los. Peça-lhes que reflitam sobre a língua, observando se há coerência e coesão no desenvolvimento das ideias, revendo as características do gênero que foram estudadas e avaliando se o seu texto foi escrito de modo satisfatório.

Percorra a sala para ajudá-los a marcar a reorganização ou o acréscimo de ideias, a correção de palavras, as mudanças na pontuação etc.

Prontos os textos é só organizar a exposição, a coletânea, enfim o que foi combinado com o grupo.

Anexos

O diabo e o granjeiro

Lenda alemã contada por Tatiana Belinki

Um pobre lavrador precisava construir a casa de sua pequena granja, mas não conseguia realizar esse sonho, pois o que ganhava mal dava para alimentá-lo, junto com sua mulher. Por mais economia que fizesse, não conseguia juntar o necessário para começar a construção.

Um dia, estando a caminhar pelo seu pedaço de chão, mergulhado em triste pensamento, deu com um velho esquisito que lhe disse com voz desagradável:

– Pára de preocupar-te, homem. Eu posso resolver o teu problema antes do primeiro canto do galo, amanhã cedo.

– Como assim? – espantou-se o lavrador.

– Tu precisas construir a casa da granja, certo?

Pois eu me encarrego de construir e entregar-te essa obra, antes do canto do galo, em troca de uma pequena promessa tua.

– Que promessa? Não tenho nada para te oferecer em troca de tal serviço.

– Não importa: o que quero que me prometas é um bem que tu tens mas ainda não sabes. É topar ou largar.

O pobre granjeiro pensou com seus botões *o que é que eu tenho a perder?* e, sem hesitar mais, respondeu ao velho que aceitava o trato e fez uma promessa.


– Só que quero ver a casa da granja construída, amanhã, antes do canto do galo – observou, ainda meio incrédulo.

E voltou correndo para casa, para comunicar à esposa o bom negócio que acabara de fechar.

A pobre mulher ficou horrorizada:

– Tu és um louco, marido! Acabas de prometer àquele velho, que só pode ser o próprio diabo, o nosso primeiro filho, que vai nascer daqui a alguns meses!

O homem, que não sabia da gravidez, pôs as mãos na cabeça, mas não havia mais nada a fazer: o pacto estava selado. Porém, a mulher, que não estava disposta a aceitá-lo, ficou pensando num jeito de frustrar o plano do diabo. E naquela noite, sem conseguir dormir, ficou o tempo todo escutando apavorada o barulho que o demônio e seus auxiliares infernais faziam, ao construírem a tal obra, com espantosa rapidez.



A noite ia passando, aproximava-se a madrugada. Mas, pouco antes de o céu clarear, quando faltavam só umas poucas telhas para a conclusão da obra, a atenta mulher do grangeiro pulou da cama e, rápida e ágil, correu até o galinheiro, onde o galo ainda não despertara. Tomando fôlego, imitou o canto do galo, com tal perfeição, que todos os galos da vizinhança, junto com o seu próprio, lhe responderam com um coro sonoro de cocoricós matinais, momentos antes do romper da aurora.

Como um trato com o diabo tem de ser estritamente observado, tanto pela vítima como por ele mesmo, a obra em final de construção teve de ser parada naquele mesmo instante, por quebra de contrato *antes do primeiro canto do galo*.

E o diabo, espumando de raiva por se ver assim ludibriado e espoliado, se mandou de volta para o inferno, junto com seus acólitos, para nunca mais voltar àquele lugar.

Mas a casa da granja permaneceu construída, para alegria do grangeiro, faltando apenas umas poucas telhas que jamais puderam ser colocadas.

Transcrito de Nova Escola, São Paulo, v.10, n.84, p.30-1, maio 1995

Os porcos do compadre

Pedro bandeira

De outra feita, o Malasartes
aprontou bela trapaça.
Foram os porcos do compadre
que causaram toda a graça.

Malasartes era compadre
de um honesto sitiante,
a quem tinham enganado
de uma forma humilhante.

Certa vez um fazendeiro,
desonesto e pão-duro,
enganou o tal compadre,
que ficou num grande apuro.

O compadre tinha porcos,
eram vinte ou pouco mais.
O pão-duro comprou todos,
porém não pagou jamais.

- Malasartes, ai, me acuda!

Ele nunca vai pagar!

- Fique calmo, meu compadre.

Eu sei como te vingar!

Malasartes, muito humilde,
foi à casa do danado.

Pedi pra vender os porcos
e foi logo empregado.

Malasartes fez que foi
Para os lados do mercado
Mas foi mesmo para a casa
do compadre aperreado.

- Pegue logo, tudo é seu.

Vou agora preparar

Para esse fazendeiro

A lição mais exemplar.

Em seguida, no mercado,
tratou logo de comprar
duas dúzias de rabinhos
pro pão -duro engabelar.
A cem metros da fazenda,
para onde foi ligeiro,
os rabinhos espetou
bem certinho no atoleiro.

Correu pra fazenda aflito:

- Oh, patrão, vem cá ligeiro!

Os seus porcos se afundaram

bem no meio do atoleiro!

-Que desgraça, meus porquinhos?



O atoleiro é muito fundo.
Venha, Pedro, me ajudar.
Chame logo todo mundo!

*- Não há tempo, meu patrão.
Temos de nos apressar.
Pois se a gente perder tempo,
vão os porcos se afogar!*

*- Me ajude a puxar os porcos,
Vamos, força, meu rapaz!*

Bem nervoso, o fazendeiro
Correu com o Pedro atrás:

*- Meu patrão, tenha cuidado!
Sua força é demais,
pois está arrancando os rabos
desses pobres animais!*

Pra salvar os tais porquinhos,
o patrão se esforçava:
quanto mais força fazia,
mais rabinhos arrancava...

*- Vai pra casa Malasartes,
bem depressa a correr!
Acho que só tem um modo
Para os porcos socorrer,
Só cavando vai dar jeito,
se algum jeito ainda houver.
Vê se traz dois enxadões,
peça pra minha mulher!*



Malasartes foi depressa
para a casa da fazenda
e falou para a patroa
que havia uma encomenda
muito boa com certeza,
que acabara de chegar,
e pediu dois mil “pacotes”
pro patrão poder pegar.

A patroa era sabida,
bem difícil de enganar.
Estranhando aquela história,
resolveu assim falar:

*- Meu marido é controlado,
nunca deu nada a ninguém.
Você está é me enganando,
não vou dar nenhum vintém!*

Apontou o Malasartes
para o lado do patrão,
com dois dedos como um V,
e pediu explicação:

*- Meu patrão, não eram dois?
Diga logo, tenha dó.
Ou será que me enganei
e vai ver que foi um só?*

A pensar nos enxadões,
o caipira se enganou.

Apontou também dois dedos
e a mentira confirmou.

A mulher se convenceu
e entregou todo o dinheiro.
Malasartes pôs no bolso
e sumiu dali ligeiro...



Foi bem feito pro caipira.
Quem mandou ser desonesto?
Pois ficou sem os tais porcos
e perdeu ainda o resto!

Depois de tanta aventura,
Vai ficar esta certeza:
quem não tem força e poder
tem de usar a esperteza...

Malasaventuras-Safadezas de Malasartes, vol.5. Editora Ática, São Paulo. 2007.

A procissão dos mortos

Cecília Pereira de Souza

Aqui em Jaraguá, no largo do Rosário, morava u'a mulher. Ela ficava sempre na janela para explorar a vida dos outros, para falar da vida alheia. Essa mulher só vivia falando, olhando, murmurando. Falava de um, de outro, de moça, de tudo.

Entardecia e ela continuava na janela. Chegava a noite, todo o mundo ia dormir, ela continuava lá, até a meia-noite, explorando o tempo.

Um dia, dizem, quando ela estava na janela, passou bem em frente uma procissão. Era uma procissão muito grande. Ela ficou olhando um, olhando outro, mas não reconheceu ninguém.

Quando, então, saiu dessa procissão u'a moça, chegou perto de sua janela e disse:

– Olha, dona, a senhora toma essas velas aqui. Eu quero que a senhora guarde elas pra mim até amanhã. Eu quero que a senhora me entregue elas amanhã, nessa mesma hora.

Ela recebeu as velas, mas ficou receosa, porque não estava reconhecendo ninguém daquela procissão.

Depois que a procissão acabou, foi olhar as velas e viu que aquilo era canela de defunto.

Era osso da canela de defunto.

Ela ficou muito nervosa e não conseguiu dormir a noite inteira, pensando naquilo, imaginando que tinha de devolver aqueles ossos.

Na noite seguinte, ficou lá na janela com as *velas* na mão. Quando veio a procissão, a moça que tinha entregado as velas aproximou-se dela e falou:

– Olha, escuta aqui. Isso aqui é uma procissão dos mortos. Essas *velas* são ossos de quem já morreu. Você não fique na janela mais, explorando a vida dos outros não, porque isso é muito feio, é muito ruim, é até pecado.

Transcrito de Ione M. O. Valadares (org), *História popular de Jaraguá*. Goiânia: CECUP/UFG, 1983. p.37.

O caso do espelho

Ricardo Azevedo

Era um homem que não sabia quase nada.

Morava longe, numa casinha de sapé esquecida nos cafundós da mata.

Um dia, precisando ir à cidade, passou em frente a uma loja e viu um espelho pendurado do lado de fora. O homem abriu a boca, apertou os olhos. Depois gritou, com o espelho nas mãos:

– Mas o que é que o retrato de meu pai está fazendo aqui?

– Isso é um espelho – explicou o dono da loja.

– Não sei se é espelho ou se não é, só sei que é o retrato do meu pai.

Os olhos do homem ficaram molhados.

– O senhor... conheceu meu pai? – perguntou ele ao comerciante.

O dono da loja sorriu. Explicou de novo. Aquilo era só um espelho comum, desses de vidro e moldura de madeira.

– É não! Respondeu o outro. – Isso é o retrato do meu pai. É ele, sim! Olha o rosto dele. Olha a testa. E o cabelo? E o nariz? E aquele sorriso meio sem jeito?

O homem quis saber o preço. O comerciante sacudiu os ombros e vendeu o espelho, baratinho.

Naquele dia, o homem que não sabia quase nada entrou em casa todo contente. Guardou, cuidadosamente, o espelho embrulhado na gaveta da penteadeira.

A mulher ficou só olhando.

No outro dia, esperou o marido sair para trabalhar e correu para o quarto. Abrindo a gaveta da penteadeira, desembulhou o espelho, olhou e deu um passo atrás. Fez o sinal da cruz tapando a boca com as mãos. Em seguida, guardou o espelho na gaveta e saiu chorando.

– Ah, meu Deus! – gritava ela desnorreada. – É o retrato de outra mulher! Meu marido não gosta mais de mim! A outra é linda demais! Que olhos bonitos! Que cabeleira solta! Que pele macia! A diaba é mil vezes mais bonita e mais moça do que eu!

– Quando o homem voltou, no fim do dia, achou a casa toda desarrumada. A mulher, chorando sentada no chão, não tinha feito nem a comida.

– Que foi isso, mulher?

– Ah, seu traidor de uma figa! Quem é aquela jararaca lá no retrato?

– Que retrato? – perguntou o marido, surpreso.

– Aquele mesmo que você escondeu na gaveta da penteadeira!

O homem não estava entendendo nada.

– Mas aquilo é o retrato do meu pai!

Indignada, a mulher colocou as mãos no peito:

– Cachorro sem-vergonha, miserável! Pensa que eu não sei a diferença entre um velho lazarento e uma jabiraca safada e horrorosa?

A discussão fervia feito água na chaleira.

– Velho lazarento coisa nenhuma! – gritou o homem, ofendido.

A mãe da moça morava perto, escutou a gritaria e veio ver o que estava acontecendo. Encontrou a filha chorando feito criança que se perdeu e não consegue mais voltar pra casa.

– Que é isso, menina?

– Aquele cafajeste arranjou outra!

– Ela ficou maluca – berrou o homem, de cara amarrada.

– Ontem eu o vi escondendo um pacote na gaveta lá do quarto, mãe! Hoje, depois que ele saiu, fui ver o que era. Tá lá! É o retrato de outra mulher!

A boa senhora resolveu, ela mesma, verificar o tal retrato.

Entrando no quarto, abriu a gaveta, desembulhou o pacote e espiou. Arregalou os olhos. Olhou de novo. Soltou uma sonora gargalhada.

– Só se for o retrato da bisavó dele! A tal fulana é a coisa mais enrugada, feia, velha cacarenta, murcha, arruinada, desengonçada, capenga, careca, caduca, torta e desdentada que eu já vi até hoje!

E completou feliz, abraçando a filha:

– Fica tranquila. A bruaca do retrato já está com os dois pés na cova!

Conto popular recontado por Ricardo Azevedo



SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 6º ANO

E-MAIL

LÍNGUA PORTUGUESA

Percebi o quanto é necessário o planejamento de atividades que proporcionem uma aprendizagem significativa aos alunos, e a sequência didática é uma ótima ferramenta para esse fim.

Profª. Maria da Consolação Barbosa
Anápolis/GO

Trabalhar a Reorientação Curricular na perspectiva de sequência didática e produção de texto está sendo ótimo para enriquecer meus conhecimentos e inovar a minha prática pedagógica. A troca de experiência vai facilitar o meu dia-a-dia na sala de aula.

Profª. Gilzei Maria de Brito Cautinho
Iporá/GO

Eu me despertei para detalhes que faltavam para melhorar as aulas de Língua Portuguesa.

Profª. Clárisse M. Reis Nogueira
Itapuranga/GO

A Reorientação Curricular está sendo muito importante para o nosso aperfeiçoamento enquanto educador. É o momento em que pensamos e repensamos nossa prática pedagógica para, então, enriquecê-la e, o melhor, ajudar a construir um currículo que esteja de acordo com a nossa realidade e a do aluno.

Prof. Jeymes Martins Silva
Morrinhos/GO

Autores

Andréa Jacinta da Costa¹
Cleane França Fernandes Venâncio²
Dilma Braz de Oliveira³
Elma de Abreu Ramos Caixeta⁴
Helaing Aparecida Guerino⁵
Ieda Caixeta da Silva⁶
Ivanice Alves de Oliveira⁷
Layne Beatriz Nunes⁸
Lúcia Geralda Aparecida⁹
Luciene Aparecida Marques¹⁰
Maria Abadia Braga Silva¹¹
Maria do Carmo M. de Paula¹²
Maria do Socorro Rosa Silva¹³
Marly Aparecida da Silva¹⁴
Mary Lucy Oliveira Lunezzo¹⁵
Síntia Palhares Ferreira Silva¹⁶
Ronaldo José Cardoso¹⁷
Sônia Felipe de Oliveira Rodrigues¹⁸
Sueli Batista dos Santos Souza¹⁹
Vaneide Teles dos Santos Dourado²⁰

-
- 1 Colégio Estadual Senador Antonio de Ramos Caiado Santa Cruz de Goiás. SRE Pires do Rio
 - 2 Escola Estadual Antônio Rodrigues dos Santos. Colinas do Sul. SRE Minaçu
 - 3 Colégio Estadual Santo Antônio de Canabrava. Distrito de Santo Antônio. SRE Minaçu
 - 4 Colégio Est. Alceu de Araújo Roriz. SRE Luziânia
 - 5 Colégio Estadual Senador Antonio de Ramos Caiado. Santa Cruz de Goiás. SRE Pires do Rio
 - 6 CEPLOS. SRE. Luziânia
 - 7 Colégio Est. Antônio Albino Ferreira SRE Minaçu
 - 8 Subsecretaria Regional de Educação de Minaçu
 - 9 Subsecretaria Regional de Educação de Minaçu
 - 10 Colégio Estadual Cônego Ramiro. SRE Luziânia
 - 11 Escola Estadual Polivante Dante Mosconi. SRE Jataí
 - 12 Colégio Estadual Senador Antonio de Ramos Caiado. Santa Cruz de Goiás. SRE Pires do Rio
 - 13 Subsecretaria Regional de Educação de Minaçu
 - 14 Colégio Estadual Senador Antonio de Ramos Caiado. Santa Cruz de Goiás. SRE Pires do Rio
 - 15 Colégio Estadual João Roberto Moreira. Naveslândia. SRE Jataí
 - 16 Colégio Estadual Valdomiro Lopes Rezende Estrela do Norte. SRE Porangatu
 - 17 Subsecretaria Regional de Educação de Jataí
 - 18 Colégio Estadual Ministro Santiago Dantas. SRE Minaçu
 - 19 Colégio Estadual Alceu de Araújo Roriz. SRE Luziânia
 - 20 Colégio Estadual Epaminondas Roriz. SRE Luziânia

Coautores

Arivaldo Alves Vila Real²¹
Arminda Maria de Freitas Santos²²
Carla Vieira de Freitas²³
Débora Cunha Freire²⁴
Hérica de Souza Nascimento Meyer²⁵
Janete Rodrigues da Silva²⁶
Kássia Miguel²⁷
Marilda de Oliveira Rodvalho²⁸
Marlene Carlos Pereira²⁹
Rosely Aparecida Wanderley Araújo³⁰
Terezinha Luzia Barbosa³¹

Leitores críticos

Agostinho Potenciano de Souza³²
Anna Helena Altenfelder³³
Luiza Esmeralda Faustinoni³⁴

ATIVIDADES PARA IDENTIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS

GÊNERO: E-MAIL

OBJETIVO: Ler, compreender, produzir e enviar e-mails

PÚBLICO ALVO: estudantes do 6º ano

NÚMERO DE AULAS: 15 aulas

-
- 21 Especialista em Língua Portuguesa, autor de propostas curriculares e Gestor de Currículo da SEDUC/GO
22 Especialista em Planejamento Educacional, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
23 Graduada em Letras e em Economia, especialista em Gestão Empresarial Educacional e Gestora de currículo da SEDUC/GO
24 Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
25 Especialista em Língua Portuguesa e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
26 Especialista em Administração Escolar, autora de Propostas Curriculares e Professora da Educação Básica da SEDUC/GO
27 Especialista em Docência do Ensino Superior, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
28 Mestre em Estudos Linguísticos e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
29 Graduada em Letras, especialista em Estudos Socioambientais e Culturais e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
30 Especialista em Língua Portuguesa, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
31 Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino, autora de propostas curriculares e técnica Pedagógica da SEDUC/GO
32 Doutor em Análise do Discurso e professor da Faculdade de Letras da UFG
33 Mestre em Psicologia da Educação, autora de propostas curriculares e pesquisadora do CENPEC
34 Mestre em Linguística Aplicada, autora de propostas curriculares e pesquisadora do CENPEC

1ª Atividade: Para início de conversa

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Discutir a importância do uso da informática nas práticas interacionais da sociedade.

Número de aulas: 1 aula

Inicie a aula com uma pequena conversa sobre comunicação. Explore o tema, perguntando aos estudantes quais são os meios de comunicação mais utilizados atualmente. Caso não citem a informática, estimule-os a fazê-lo, dizendo-lhes que irão entrar em contato com o mundo do computador e da internet, que propõe novas maneiras de ler, escrever, de buscar informações e de se comunicar.

Nesse momento, professor(a), você terá oportunidade de diagnosticar os conhecimentos que a sua turma já possui sobre o gênero em estudo; o que lhe dará subsídios para o planejamento das aulas seguintes.

Divida a classe em pequenos grupos para que respondam as seguintes questões:

- a. Quais os meios de comunicação que você utiliza?
- b. Hoje em dia qual é a forma mais rápida, prática e econômica de comunicação?
- c. Você utiliza a internet para se comunicar?
- d. Com que frequência?
- e. Com qual objetivo o faz?
- f. A internet possui uma variedade de recursos e serviços, como comunicação instantânea e compartilhamento de arquivos. Você acha que a internet é a mais importante rede de comunicação da vida contemporânea? Por quê?
- g. Quais benefícios a internet trouxe para a vida moderna?
- h. Existem perigos na internet? Você conhece algum?
- i. Você utiliza algum desses meios para se comunicar?
- j. Tem o hábito de enviar e receber *e-mail*?

k. O que você sabe sobre *e-mail*?

l. Você gostaria de aprender mais sobre comunicação via *e-mail*?

É importante que cada grupo eleja um relator que socializará as discussões para a classe. Após a socialização, ajude-os a organizar a discussão feita e registre tudo no quadro. Peça que os estudantes façam o mesmo no seu caderno.

ATIVIDADES PARA AMPLIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

2ª Atividade: Comunicar é preciso

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Dialogar sobre a estrutura e a linguagem utilizada nos textos digitais em estudo.
- Discutir a importância do *e-mail* nas práticas interacionais da sociedade contemporânea.
- Reconhecer os recursos utilizados na configuração de *e-mails*.
- Manusear o computador para criar endereços eletrônicos e *e-mails*.
- Refletir sobre o uso da linguagem digital - mais informal, livre, rápida.
- Utilizar o computador para produzir e enviar mensagens digitais.

Número de aulas: 3 aulas

Professor(a), há discussões sobre e-mail. Se é gênero ou suporte. Paiva (2004, p.77) afirma que "a velocidade na composição e na transmissão do texto é um fator determinante na caracterização do gênero". Diz que pelo correio eletrônico circula uma série de gêneros, tais como ofício, abaixo-assinado, receitas culinárias, mas defende que existe um gênero que se associa a esse novo suporte. Cita ainda que cientistas como McLuhan e Campbell percebem que "a informalidade, a inobservância de algumas regras ortográficas, a objetividade, e a ausência de pré-sequências são algumas características do gênero."

Marcuschi considera os gêneros digitais como emergentes, sugerindo um paralelo existente entre gêneros novos e antigos. Assim, numa tentativa muito aproximada, o e-mail é um gênero textual emergente e a carta pessoal e o bilhete são os gêneros textuais antigos correspondentes, assim como para o endereço eletrônico já existia o endereço postal.

Inicie esta atividade retomando a aula anterior, dizendo aos estudantes que, ao romper fronteiras, a internet apenas transmuta as formas já existentes de comunicação e que o usuário da internet também precisa ter um endereço: o endereço eletrônico, assim como precisamos de um endereço postal para enviarmos uma carta pelo correio convencional.

Utilize o quadro abaixo para nortear a discussão, questionando-os sobre as principais diferenças entre o endereço eletrônico e o endereço postal. Registre as considerações no quadro e peça-lhes que registrem também, no caderno. É importante salientar que a velocidade na escrita e na transmissão do *e-mail* é um ponto determinante para distingui-lo das correspondências enviadas pelo correio convencional.

O endereço eletrônico

O endereço eletrônico é um dos identificadores pessoais dos indivíduos para todo tipo de participação na comunicação eletrônica. Contudo, em muitos casos ele não aparece, como por exemplo nas salas de bate-papos. Já no caso dos *emails* eles estão sempre presentes como se fossem o “envelope” da carta.

A estrutura dos endereços é hoje padronizada e conta, assim, com alguns elementos obrigatórios, como os endereços postais. Quanto à sua relação com os endereços postais, os endereços eletrônicos podem variar quanto ao nome do usuário que é muito mais uma sigla, ou uma invenção, que o nome pessoal em si. O mesmo indivíduo pode ter uma multiplicidade de endereços eletrônicos a depender de quantas **contas** ou **caixas postais eletrônicas** ele tiver aberto. Com as facilidades atuais e a multiplicação de provedores comerciais que permitem “contas eletrônicas grátis”, a maioria das pessoas usa mais de um endereço eletrônico.

O endereço postal tem, em geral, a seguinte configuração (excetuando os casos em que se use uma caixa postal, o que evita nome de rua):

Categorias

Nome
Logradouro
Bairro
CEP / cidade / estado
País

Dados

João Andrade da Silva
Rua da Hora, 45 apto. 145
Bairro de Apipucos
50000-000 Recife PE
Brasil

Já o endereço eletrônico tem esta configuração:

Categorias

Endereço eletrônico pessoal:
(nome/arroba/servidor/natureza/país)

Endereço de um portal/ home-page

Exemplos

lamarcuschi@uol.com.br
lumar@npd.ufpe.br

<http://www.uol.com.br>
<http://www.caixa.org.br>

Um aspecto extremamente importante no caso de endereços eletrônicos é a **exatidão**. Esses endereços não admitem nenhuma alteração - um simples espaço a mais ou a mudança de uma letra é suficiente para que ele não funcione. Esta é uma diferença notável dos endereços postais que podem ter até o nome da Rua equivocado, mas o Código Postal (CEP) correto e a carta chega.

Finalize essa aula com o registro sistematizado das discussões realizadas no quadro, orientando os estudantes para que registrem tudo no caderno.

Na aula seguinte, leve-os ao laboratório. É importante lembrar, professor (a), que o sucesso da aula dependerá de um planejamento prévio com o dinamizador do laboratório de informática. Peça-lhes que, em duplas, dirijam-se a um computador para cadastrarem os próprios endereços eletrônicos, e àqueles que já os possuem, que demonstrem aos colegas como se faz para criá-lo, com base no seguinte passo a passo:

- a) Digite a página do *e-mail*.
- b) Abra o navegador.
- c) Invente um nome para seu *e-mail*. Depois clique em *verificar disponibilidade* para ver se ele já existe. Se existir, invente outro, e assim por diante, até que você encontre um que não exista.
- d) Invente uma senha com, no mínimo, seis dígitos (números ou letras).
- e) Escolha uma pergunta e a resposta no retângulo que surgirá na tela, que o fará lembrar da senha criada, caso você a esqueça.
- f) Escreva todos os seus dados pessoais.
- g) Digite o código com os caracteres exibidos.
- h) Clique no link *aceito* para concluir o cadastro e espere abrir a página de seu *e-mail*.

Relacione os endereços de todos os estudantes no quadro, ou em um grande cartaz, e peça-lhes que adicionem todos os endereços na sua caixa de mensagens e que escrevam um *e-mail* a um colega de sala indicado por você, de forma a contemplar todos eles, solicitando-lhe um livro para fazer uma pesquisa escolar.

Finalize esse momento, solicitando-lhes que imprimam os *e-mails* produzidos. Recolha-os para serem utilizados, posteriormente, em uma outra atividade.

Durante a atividade é fundamental que você, professor (a), juntamente com o dinamizador, oriente cada dupla, de forma pontual, atendendo-as nas suas necessidades específicas no momento da produção dos e-mails. Atente também para o que os estudantes escrevem, para evitar palavras ou expressões que possam ser ofensivas.

3ª Atividade: Rompendo fronteiras

Música: *Pela internet*, de Gilberto Gil

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Ler com fluência e autonomia, construindo significados e inferindo informações implícitas.
- Dialogar sobre a estrutura e a linguagem utilizada nos textos da mídia digital (*e-mail*).

Número de aulas: 2 aulas

Comece esta atividade ouvindo a música *Pela internet*, de Gilberto Gil. Chame a atenção dos estudantes para as palavras que pertencem a linguagem da informática e peça-lhes que as sublinhem no texto. Pergunte-lhes se já conhecem o significado dessas palavras, ou o que acham que elas significam (inferência). Registre as respostas no quadro-giz.

Explique aos estudantes que o desenvolvimento e a expansão da informática obrigaram os usuários a utilizarem um novo vocabulário para designar as ferramentas e as tarefas realizadas no computador.

Algumas dessas palavras derivam do inglês como *mouse*, *delete* ou *home page* e outras são palavras em português que ganham novo sentido, como *navegar* que, neste contexto, significa percorrer as diferentes páginas da internet e conhecer seus conteúdos. Aponte que na letra da canção o autor faz um jogo interessante com o duplo sentido da palavra *navegar*.

Em seguida, solicite que os estudantes identifiquem no texto, palavras próprias da navegação em mar ou rio. Pesquise as respostas propondo-lhes uma consulta cuidadosa no dicionário. Registre o resultado da pesquisa no quadro e peça que eles façam o mesmo no caderno. Peça-lhes, ainda, que localizem no mapa-múndi, previamente afixado na classe, os lugares de diferentes pontos do Planeta citados na música, registrando tudo no quadro. Finalmente promova uma conversa com os estudantes, instigando-lhes para que percebam que a internet rompe fronteiras e como tal ideia é reafirmada pelo cantor e compositor Gilberto Gil, na sua canção. Para isso é necessário que eles consigam estabelecer a relação existente entre os lugares citados na música, as palavras próprias da navegação em mar ou rio e a internet – que possibilita a comunicação quase instantânea, apesar das longas distâncias citadas na música. Registre as conclusões das discussões no quadro.

A maioria das inovações da área de informática foram produzidas nos Estados Unidos, assim muitos termos usados são procedentes da língua inglesa. Além dos termos, a maioria das siglas usadas nessa área também se origina do inglês, como *www* (World Wide Web) que pode ser traduzida aos estudantes como teia de alcance mundial.

4ª Atividade: navegar também é preciso

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Reconhecer os recursos utilizados na configuração de mensagens digitais com E-mail.
- Refletir sobre o uso da linguagem digital- mais informal, livre, rápida e objetiva- e de recursos como símbolos, gírias, emoticons, animações, reduções vocabulares, siglas.
- Analisar e refletir sobre a comunicação extremamente dialógica dos textos digitais.
- Refletir sobre o uso de figuras de linguagem presentes no gênero em estudo.

Número de aulas: 2 aulas

Inicie esta atividade lembrando com os estudantes a música de Gilberto Gil e destaque no quadro as palavras que se referem à navegação. Retome a discussão sobre a relação existente entre a internet e a idéia de **navegar**, presente nas palavras anotadas. Mostre que a utilização desse verbo para se referir à rede de comunicação pode ser entendida porque remete à idéia de viajar por lugares distantes, conhecendo pessoas e costumes diferentes, mundos diversos.

Chame a atenção da turma para o fato de que não há, na língua, outra palavra que diga o mesmo; não foi criada nenhuma palavra específica no vocabulário digital, por isso usamos uma palavra “emprestada”.

Dê outros exemplos como o verbo **embarcar** que, embora venha da palavra barco, hoje em dia é usada para todos os outros meios de transporte, como por exemplo *embarcar no avião ou no trem*.

Diga-lhes que o verbo **embarcar**, quando se refere ao avião, não está empregado em sentido figurado, pois já foi consagrado pelo uso, e também por não haver outro termo (próprio da aviação) para designar a ação de entrar no avião.

Peça-lhes que pensem em outros exemplos, anote-os no quadro e diga para que façam o mesmo no caderno. Em seguida, diga-lhes para que, em duplas ou trios, criem ilustrações engraçadas com alguns dos termos anotados, como por exemplo *o pé da mesa, o braço da cadeira, o dente do alho*.

Exponha os desenhos na sala para que sejam apreciados pela turma.

5ª Atividade: Em outro nível

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Distinguir o gênero de correspondência em estudo, com base na estrutura, destinatário, e espaço de circulação.
- Produzir e-mail em uma situação real de uso, observando os elementos próprios do gênero.
- Analisar as formas de expressão utilizadas entre os interlocutores, e as finalidades dos textos de correspondência pelos quais se comunicam.
- Refletir sobre o uso de pronomes no gênero em estudo.

Número de aulas: 2 aulas

Professor, comece esta atividade devolvendo aos estudantes os e-mails enviados por eles e recolhidos por você na atividade 2. Chame a atenção para o fato de, naquele *e-mail*, enviado a um amigo, a linguagem utilizada era informal e permitia o emprego de gírias, abreviações e outros recursos próprios da linguagem digital como os *emoticons*, desenhos que expressam sentimentos, e que em alguns programas podem ser animados.

Diga-lhes que nem sempre é possível fazer uso desse tipo de linguagem e leve-os a refletir sobre situações em que uma linguagem formal é necessária.

Em seguida, proponha aos estudantes o envio de um e-mail a uma autoridade municipal (prefeito, secretário, vereador) solicitando algo de interesse da comunidade. Discuta com eles sobre os problemas enfrentados pela escola, moradores do bairro ou segmento da sociedade e que são da competência do município resolver. Decidam juntos, o que solicitar e a quem.

Oriente-os a escreverem o texto observando algumas normas de educação e formalidade como o emprego de linguagem sem gírias ou abreviações. Peça-lhes que guardem o texto para um posterior trabalho de reescrita.

6ª Atividade: Observando a cortesia

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Refletir sobre o uso de pronomes pessoais e vocativos no gênero em estudo.

- Analisar as formas de expressão utilizadas entre os interlocutores e as finalidades dos textos de correspondência pelos quais se comunicam.

Número de aulas: 3 aulas

Nesta atividade, professor, serão trabalhados alguns pronomes de tratamento que hoje andam um pouco esquecidos pelas pessoas em geral e, principalmente, pelos jovens. Você pode começar promovendo um debate com os estudantes sobre as normas e regras sociais que nos levam a empregar diferentes formas de tratamento adequadas às diferentes pessoas com quem mantemos contato e em que situação. Pergunte-lhes como tratam os pais e avós, professores e funcionários da escola, se utilizam o termo *você ou senhor(a)*.

Diga-lhes que esses termos são chamados pronomes de tratamento e estabelecem diferentes graus de respeito, cortesia e mesmo intimidade entre os usuários da língua. Peça-lhes que pesquisem em gramáticas, em livros didáticos, outros exemplos de pronomes de tratamento e anotem no caderno. Socialize, na próxima aula, as respostas à tarefa.

Em seguida, divida a sala em grupos de quatro estudantes cada um, e diga-lhes para elaborarem um pequeno diálogo, empregando diferentes formas de tratamento adequadas à situação criada. Socialize o trabalho pedindo que os estudantes apresentem os diálogos para a turma.

ATIVIDADES PARA SISTEMATIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

7ª Atividade: Reescrevendo o texto.

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Revisar e reescrever o texto, melhorando seus aspectos discursivos e gramaticais, assegurando clareza, coesão e coerência.
- Fazer reformulações que assegurem, também, as características próprias do gênero.

Número de aulas: 2 aulas

Agora, professor, é o momento de retomar o texto produzido na atividade 5 e proceder à reescrita de acordo com as orientações. Destaque a importância do emprego correto das formas de tratamento, pontuação, concordância etc.

Terminada a reescrita, leve os estudantes ao laboratório de informática e oriente-os a enviarem os e-mails produzidos.

A reescrita é um momento importantíssimo do trabalho e deverá ser desenvolvido com muito critério para que os estudantes consigam progredir em suas produções escritas. Portanto com base no texto a seguir desenvolva a atividade sugerida, levando em consideração as orientações.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) *Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões*, (PCNs, 1998, p.77). Um bom texto vem de um rascunho e passa por sucessivas versões em que será aperfeiçoado até chegar ao produto final.

O momento da reescrita oferece ao estudante a chance de refletir sobre a língua, observar se há coerência e coesão no desenvolvimento das ideias, rever as estruturas do texto e avaliar se o tema foi apresentado de modo satisfatório.

{...} o objetivo é que os estudantes tenham uma atitude crítica em relação à sua própria produção de textos... (PCNs, 1997, p.47). O estudante sai do papel emocional de autor e assume o papel racional de leitor, (re) elabora a concepção acerca da estrutura textual, considerando aspectos relativos à informatividade do texto, à ortografia, à caligrafia, à concordância, entre outros.

Marcos Bagno, em sua obra *Preconceito Linguístico* (2003), chama a atenção para o papel do professor de português em relação a correção de textos dos estudantes, destacando que para muitos a forma é uma preocupação quase exclusiva, enquanto o conteúdo fica em segundo plano.

De acordo com Menegalo (2005): *Com a atividade de reescrita o professor fornece marcas no texto que levam o estudante a se deparar com suas possíveis dificuldades de competência linguística...* Contudo, é importante não perder de vista que o professor deve ser o mediador da correção e não o único a fazer a correção; para tanto, pode marcar no texto do estudante pistas para a análise e (re) organização das ideias, rever características do gênero trabalhado, sugerir o emprego do dicionário, levar o estudante a refletir sobre a língua, tornando-a significativa.

Os problemas mais frequentes podem ser anotados pelo professor e posteriormente trabalhados com a turma.

A reescrita é o momento final do trabalho com o texto, aqui entrarão os conteúdos de análise da língua que devem ser estudados no gênero em questão, destacando-se suas finalidades para a qualificação do texto, não devendo, portanto, serem trabalhados descontextualizadamente. Como afirmam Guedes e Souza (2001) *Orientar a reescrita não é apenas adequar o conteúdo às verdades estabelecidas da ciência nem à forma do texto ao modo consagrado de escrever [...] é, principalmente, levar o estudante a repensar a pertinência dos dados com que está lidando.*

(Texto adaptado por Marilda Rodovalho da SEDUC)

Professor (a), inserimos neste material as orientações gerais para reescrita de textos que podem ser utilizadas na reescrita de qualquer gênero textual em estudo. Orientamos que siga apenas os passos necessários ao gênero em estudo de acordo com os aspectos gramaticais trabalhados nos conteúdos de análise e reflexão sobre a língua.

Os procedimentos descritos a seguir foram retirados do Manual Ensinar e Aprender : Impulso Inicial e poderão ajudá-lo, professor, em sua tarefa de mediar o trabalho de reescrita do texto com os estudantes.

Para proceder a uma reformulação de ordem geral, visando clareza, coerência e coesão:

- selecione, dentre os textos produzidos pelos estudantes, um que seja representativo dos problemas da classe (ou seja, que apresente pelo menos um problema significativo para a classe como um todo);
- convide o autor do texto a ocupar lugar de destaque, para que possa ser consultado sempre que necessário;
- copie na lousa o texto (ou traga o texto já copiado em papel pardo) corrigido em seus aspectos ortográficos e morfosintáticos — concordância nominal e verbal, conjugação verbal, uso de pronomes etc.;
- proponha questões à classe em função dos aspectos a serem reestruturados, anotando as respostas na lousa; por exemplo, completando informações (o quê? quem? quando? onde?); eliminando redundâncias; expandindo ideias (por quê? como?); utilizando recursos de coesão (conjunções, pronomes, advérbios, tempos verbais adequados); eliminando contradições; pontuando e paragrafando adequadamente;
- discuta com os estudantes a importância das informações obtidas para a clareza, compreensão e aperfeiçoamento do texto;
- reescreva o novo texto ou trecho na lousa com a classe, incorporando as alterações discutidas;
- peça aos estudantes para comparar o texto reescrito com o original; solicite que verifiquem em seus próprios textos se há problemas da mesma natureza e que, nesse caso, os corrijam.

Os procedimentos para reformulações de ordem específica visam assegurar:

- nos textos **narrativos**, domínio da configuração da narração; sequência cronológica (diferentes possibilidades); passagem do discurso direto para o indireto e vice-versa; comparação entre diversas narrativas, observando os recursos utilizados e os diferentes níveis de linguagem (coloquial, jargão, culta, gíria, regionalismos);
- nos textos **informativos**, fidelidade aos fatos dos relatos, notícias ou re-

portagens; comparação entre diferentes formas de titular e configurar notícias e reportagens; relevância das informações;

- nos textos **argumentativos**, a manifestação de opinião; estabelecimento de correlações entre o fato, sua análise e os argumentos apresentados; domínio da configuração da dissertação, considerando a opinião defendida (tese); os argumentos apresentados (pertinência, finalidade e embasamento); a contra-argumentação; e a coerência entre tese e argumentos;
- nos textos **persuasivos**, configuração de propagandas, anúncios; a eficácia da mensagem;
- nos textos **prescritivos**, configuração de receitas, bulas, manuais de instrução; clareza e precisão das informações e instruções;
- nos textos **práticos**, configuração de cartas familiares, memorandos, ofícios, requerimentos, currículos; os elementos indispensáveis a esse tipo de texto;
- nos **resumos**, síntese e fidelidade das ideias; presença dos elementos fundamentais do texto.

Inventivo e livre ao elaborar suas canções, Gilberto Passos Gil Moreira, um dos maiores nomes da música popular brasileira, é um verdadeiro sincretismo musical. Transitando entre o baião, o funk, o rock, o afoxé, o samba, o reggae, o pop e a bossa nova, suas composições, de grande riqueza rítmica e melódica, mesclam a modernidade da vida urbana, como a tecnologia, aos elementos da cultura popular brasileira, como o carnaval, a religiosidade e a cultura africana, sem deixar de cantar o amor e a amizade. Nascido em Salvador, na Bahia, passou seus primeiros oito anos de vida em Ituaçu, em meio à banda local, aos sanfoneiros, aos cantores e violeiros, à música de Bach e Beethoven e de grandes ídolos do rádio, em especial Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro. Em Salvador, formou-se em Administração de Empresas e conheceu, em 1963, Caetano Veloso, Gal Costa, Maria Bethânia e Tom Zé, com quem se apresentou em público pela primeira vez com o show "Nós, por Exemplo", no Teatro Vila Velha (1964). Formado, conseguiu um estágio na Gessy Lever e mudou-se para São Paulo. Em 1966, concorreu como compositor no I Festival Internacional da Canção, da TV Rio, com "Minha Senhora", na voz de Gal, e no II Festival de MPB, da Record, com "Ensaio Geral" (classificada em 5º lugar), cantada por Elis Regina. Em 1966, Elis Regina gravou "Louvação". Com o sucesso da música, foi convidado a gravar seu primeiro LP, "Louvação", e

Anexos

Pela internet, de Gilberto Gil

Criar meu web site	Um grupo de tietes
Fazer minha home-page	De Connecticut
Com quantos gigabytes	
Se faz uma jangada	Eu quero tá na rede
Um barco que veleje...(2x)	Promover um debate
	Juntar via Internet
Que veleje nesse informar	Um grupo de tietes
Que aproveite a vazante	De Connecticut...
Da informaré	
Que leve um oriki	De Connecticut de acessar
Do meu velho orixá	O chefe da Mac
Ao porto um disquete	Milícia de Milão
De um micro em Taipé...	Um hacker mafioso
	Acaba de soltar
Um barco que veleje	Um vírus pra atacar
Nesse informar	Programas no Japão...
Que aproveite a vazante	Eu quero entrar na rede
Da informaré	
Que leve meu <i>e-mail</i> lá	Pra contactar
Até Calcutá	Os lares do Nepal
Depois de um hot-link	Os bares do Gabão
Num site de Helsinque	Que o chefe da polícia
Para abastecer	Carioca, avisa
Aihê! Aihê! Aihê	
Eu quero entrar na rede	Pelo celular
Promover um debate	Que lá na Praça Onze
Juntar via Internet	Tem um videopôquer

Para se jogar...
Jogar ah! ah! Ah!... (4x)

Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes
De Connecticut
Eu quero tá na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tiétes
De Connecticut...

De Connecticut de acessar
O chefe da Mac
Milícia de Milão
Um hacker mafioso
Acaba de soltar
Um vírus pra atacar
Programas no Japão.

Eu quero entrar na rede
Pra contactar
Os lares do Nepal
Os bares do Gabão...

Que o chefe da polícia
Carioca, avisa
Pelo celular

Que lá na Praça Onze
Tem um vídeo-pôquer
Para se jogar...

Ah! ah! ah!
Jogar ah! ah!...(3x)
Connect show! Connect show!
Connect show! Connect show!
Connecticut, Connecticut
Connecticut

abandonou a carreira de administrador. Influenciado pelos fenômenos da contracultura, pelo psicodelismo dos Beatles, pela montagem de "O Rei da Vela", de Oswald de Andrade, dirigida por José Celso Martinez Corrêa, e pelos filmes de Glauber Rocha, iniciou o movimento tropicália, cujo deboche e irreverência revolucionaram a música popular brasileira. Durante o III Festival de MPB da TV Record, em 1967, com "Domingo no Parque" (cantada com os Mutantes), causou polêmica e obteve o 2º lugar. Ao lado de Caetano Veloso, Gal, Rogério Duprat, Torquato Neto e os Mutantes lançou o disco "Tropicália ou Panis et Circensis" (1968). Com o Ato institucional número 5, foi preso e obrigado a exilar-se. Depois de passar dois meses na prisão, gravou "Aquele Abraço" e partiu para Londres (1969), onde lançou o disco "O Sonho Acabou". Regressou ao Brasil em 1972, quando surgiu "Expresso 2222", "Refazenda" (1975), "Os Doces Bárbaros" (1976), "Refavela" (1977), "Refestança" (1977), "Realce" (1979), revisitou a tropicália com Caetano Veloso, em "Tropicália II" (1993), gravou "Unplugged" (1994) e "Quanta" (1997). Gilberto Gil foi premiado com o Grammy na categoria de World Music em 1999, com o disco "Quanta Gente Veio Ver".



SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 7º ANO

CONTOS LITERÁRIOS

LÍNGUA PORTUGUESA

A sequência didática amplia nossa visão de educador, para buscar o interesse do aluno no conteúdo que é proposto, tendo significado para ele.

Prof^a. Klener
Mineiros/GO

Mediante tudo que vivenciamos nestes dois dias, nessa reorientação pedagógica, posso garantir que tudo foi e será de grande valia na preparação das aulas, pois adquirimos orientações sobre SD importantes que tornará nosso trabalho mais organizado.

Prof^a. Maria Aparecida Batista de Oliveira
Porangatu/GO

...refletimos sobre a importância de valorizar o aluno como ser que pensa e tem problemas e, a partir de então, pudemos construir com maior segurança as matrizes curriculares, buscando ver quais os conteúdos que, de fato, elevam o desenvolvimento cognitivo de nossos alunos.

Prof^a Rosineide S. F. Menezes
Posse/GO

Trabalhar com nossas vivências e experiências é sempre prazeroso, pois aprendemos a trocar sucessos e entender os insucessos para, assim, alcançarmos nossos objetivos de **por que** e **para que** estudar Língua Portuguesa.

Rubiataba/GO

Contos Literários

Leitores críticos:

Agostinho Potenciano de Souza¹

Anna Helena Altenfelder²

Luiza Esmeralda Faustinoni³

Autores:

Arivaldo Alves Vila Real⁴

Arminda Maria de Freitas Santos⁵

Janete Rodrigues da Silva⁶

Rosely Aparecida Wanderley Araújo⁷

Terezinha Luzia Barbosa⁸

Coautores:

Débora Cunha Freire⁹

Kássia Miguel¹⁰

Marilda de Oliveira Rodvalho¹¹

Marlene Carlos Pereira¹²

GÊNERO: CONTOS LITERÁRIOS

OBJETIVO: Ouvir, ler, compreender, apreciar e produzir contos literários

PÚBLICO ALVO: estudantes do 7º ano

NÚMERO DE AULAS: 20 aulas

1 Doutor em Análise do Discurso e professor da Faculdade de Letras da UFG

2 Mestre em Psicologia da Educação, autora de propostas curriculares e pesquisadora do CENPEC

3 Mestre em Linguística Aplicada, autora de propostas curriculares e pesquisadora do CENPEC

4 Especialista em Língua Portuguesa, autor de propostas curriculares e Gestor de Currículo da SEDUC/GO

5 Especialista em Planejamento Educacional, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO

6 Especialista em Administração Educacional, autora de propostas curriculares e Professora da Educação Básica da SEDUC/GO

7 Especialista em Língua Portuguesa, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO

8 Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino, autora de propostas curriculares e técnica pedagógica da SEDUC/GO

9 Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO

10 Especialista em Docência Superior, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO

11 Mestre em Estudos Linguísticos, autora de propostas curriculares e Gestora do Currículo da SEDUC/GO

12 Graduada em Letras, especialista em Estudos Socioambientais e Culturais e Gestora de Currículo da SEDUC/GO

ATIVIDADES PARA IDENTIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS

1ª Atividade: Prazer em ler

Texto: Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector

Fonte: Felicidade Clandestina, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1971.

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Valorizar a leitura literária como fonte de entretenimento e prazer.
- Partilhar com os colegas as percepções de leitura de contos lidos e ouvidos.

Número de aulas: 2 aulas

Para o trabalho com contos, faça um cartaz bem bonito de boas vindas e ambiente a sala de aula de modo que o estudante tenha acesso ao gênero. Organize a Prateleira da Leitura, nela coloque livros que contenham contos. Crie um ambiente propício à leitura com tapetes, esteiras, almofadas. Para o Palanque do Conto decore um caixote. Confeccione um caderno ou cartaz para registrar os livros lidos. Envolve todos no trabalho, cada um contribui com o que pode e todos são capazes de ajudar.

Disponha as carteiras em círculo e, no centro, coloque os contos da Prateleira da Leitura. Diga aos estudantes que durante o trabalho com contos eles terão um momento somente para leituras do gênero - A Hora do Conto. Peça-lhes que escolham aqueles que mais lhes agradar para uma leitura prazerosa, dando-lhes tempo para que isso aconteça. Oriente-os a relacionarem os títulos dos contos escolhidos no caderno de registros. Após a leitura, oportunize um tempo para que os estudantes apresentem a sua história no Palanque do Conto. Aproveite este momento para incentivar os estudantes a comparar contos do mesmo autor, de autores diferentes, do estilo de cada autor, a descrição dos espaços e do tempo, a caracterização dos personagens; bem como, apresentar suas impressões, suas emoções, durante a leitura. É importante que todos os estudantes escolham um exemplar para ler durante a semana e comentar no próximo palanque. A Hora do Conto deve acontecer pelo menos uma vez por semana, despertando nos estudantes o gosto e interesse pela leitura de livros literários.

Inicie esta atividade perguntando aos estudantes se gostam de ler e ouvir histórias. Diga-lhes que as histórias sempre encantaram os seres humanos e que, através das palavras de quem escreve, somos transportados para outro mundo, onde podemos acompanhar os seres que fazem parte das histórias, conhecer suas aventuras e dramas, compartilhando suas alegrias e tristezas. Elas falam de gente que, como você, tem sonhos, dificuldades e um enorme desejo

de ser feliz. Pergunte-lhes: vocês conhecem alguma história interessante? Qual? Ouvia de alguém? Quem? Leu em algum livro? Sabem quem é o seu autor? O que mais lhe chama atenção nas histórias?

Converse sobre o modo como as pessoas escrevem seus textos. Há pessoas que ao contar um fato qualquer acrescentam muitos detalhes desnecessários e isso acaba cansando o leitor; outras são tão sucintas que conseguem transformar uma história interessante numa simples informação. Entretanto, há outras, como os escritores, que, ao narrar um fato, por mais simples que seja, o fazem com tanta beleza e criatividade que emociona e prende a atenção do leitor, levando-o a viver a narrativa, participar dos acontecimentos. Uma boa história deve conter todas as informações que contribuam para dar vida e sentido ao texto, devendo descartar todos os fatos irrelevantes.

Em seguida, diga-lhes que irão ler uma história bela e emocionante. Antecipe-a com entusiasmo e emoção para despertar-lhes a curiosidade e o interesse pela leitura. Apresente-lhes o título e pergunte-lhes se conhecem a história ou se já leram outros textos da autora, se já ouviram falar de Clarice Lispector, etc. Fale um pouco dessa grande escritora.

Clarice Lispector nasce em Tchetchelmik, em 1920, na Ucrânia, no dia 10 de dezembro, tendo recebido o nome de Haia Lispector, terceira filha de Pinkouss e de Mania Lispector. Seu nascimento ocorreu durante a viagem de emigração da família em direção à América. Chega ao Brasil em 1922. Em 1944, ganha o prêmio Graça Aranha com seu livro "Perto do Coração Selvagem". Morre em 9 de dezembro de 1977, no Rio de Janeiro.

Faça uma leitura compartilhada do texto com a classe, abrindo, em seguida, um espaço para os comentários da história. Crie um momento de discussão para que os estudantes apresentem suas impressões a respeito. Como se sentiram ao ler a história? Vocês acham que este fato aconteceu realmente? Por quê?

Ajude-os a estabelecer a relação entre o título e a temática proposta no texto, o sofrimento da protagonista por não conseguir o seu objeto do desejo (livro), depois o prazer de ter esse objeto tão desejado *pelo tempo que quisesse* e, ainda, o exercício de crueldade expresso pelas desculpas da filha do livreiro. Oriente-os a refletir sobre os diversos aspectos propostos, voltando ao texto para confirmar ou refutar suas hipóteses. Discuta com a classe as respostas dadas, mostrando aos estudantes as várias possibilidades de interpretação levantadas. Os estudantes devem compreender que várias interpretações são possíveis e aceitáveis, desde que respaldadas pelo texto. Retome oralmente algumas características textuais desse conto (personagens, conflito, espaço...) de forma que os estudantes percebam e os relacionem.

ATIVIDADES PARA AMPLIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

2ª Atividade: O conto se apresenta

Texto: O Conto se apresenta, de Moacyr Scliar

Fonte: Era uma vez um conto, vol. 2. Companhia das Letrinhas, São Paulo. 2002.

Texto: Biruta, de Lygia Fagundes Telles

Fonte: De conto em conto, vol.2. Editora Ática, São Paulo. 2002.

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Valorizar a leitura literária como fonte de entretenimento e prazer.
- Antecipar o conteúdo das leituras com base em indícios como autor, título do texto, ilustrações.
- Ler com fluência e autonomia, construindo significados e inferindo informações implícitas.
- Ler contos, identificando seus elementos.
- Criar um conto (de pequena extensão) utilizando as características do conto literário.
- Refletir sobre as características do conto com base no texto de Moacyr Scliar.

Número de aulas: 4 aulas

Há algumas características que podem nos ajudar a identificar ou até mesmo a produzir um conto:

- É um texto em prosa, curto, conciso, breve, que dá o seu recado em reduzido número de páginas ou linhas.
- Deve emocionar quem o lê.
- Contém um só conflito, um só drama, uma só ação e poucos personagens.
- Todos os ingredientes do conto convergem para o mesmo ponto.
- Os fatos neste gênero literário acontecem em curto espaço de tempo: já que não interessam o passado e o futuro, as coisas se passam em horas, ou dias.
- A linguagem do conto é direta, concreta e objetiva.

Texto adaptado do livro O que é conto, de Luzia de Maria

Professor(a), antecipe com os estudantes algumas informações que podem estar no texto a ser lido a partir do título, do tema abordado, do autor e do gênero textual.

Em seguida, leia com a classe o texto *O conto se apresenta*, de Moacyr Scliar (Vol. 2 da Coleção Literatura em Minha Casa, 2001), com o objetivo de retomar as atividades anteriores e iniciar a ampliação do estudo do gênero Conto.

Moacyr Scliar nasceu em 1937, em Porto Alegre. Tem mais de cinquenta livros publicados, entre romances, contos, literatura juvenil e ensaios. Autor premiado, lançou diversos livros no exterior; algumas de suas obras foram adaptadas para o cinema, o teatro e a televisão.

Faça uma leitura oral com a classe, chamando a atenção dos estudantes para referências importantes do texto, como: *os vários tipos de histórias existentes; as narrativas da tradição oral; a invenção da escrita e, com ela, o surgimento da história escrita; a inspiração, as idéias que motivam a produção de um conto; como surgem os escritores de contos* etc. Leve-os a refletir sobre algumas particularidades do conto, apresentadas por Moacyr Scliar de forma tão leve e prazerosa: **histórias sobre gente comum, que aparecem em jornais, em revistas, em livros; escritas por gente que sabe usar as palavras para emocionar pessoas, para transmitir ideias - os escritores.**

Professor(a), como exemplo dessas particularidades, escolhemos o conto *Biruta*, de Lygia Fagundes Telles, que por sua grande emotividade e beleza, causa um efeito singular no leitor.

Posteriormente, apresente-lhes o conto *Biruta*, de Lygia Fagundes Telles (Vol. da Coleção Literatura em Minha Casa, 2001), utilizando a antecipação como estratégia de leitura para despertar a curiosidade e as expectativas dos estudantes. Pergunte a eles se conhecem a história; em caso negativo, o que o título “Biruta” lhes sugere; o que acham que irá acontecer na história; se já leram algum texto da autora; que impressões tiveram etc. Aproveite o momento para dizer-lhes quem é Lygia Fagundes Telles.

Lygia Fagundes Telles nasceu em 1923 na cidade de São Paulo, onde mora até hoje. Premiadíssima contista, escreveu vários contos, dentre eles o conto *Biruta*, originalmente publicado na sua obra *Histórias escolhidas* (1961). Também escreveu romances de grande repercussão, como *As meninas*.

Divida a turma em pequenos grupos e proponha-lhes a leitura do conto. Sugira-lhes que verifiquem as hipóteses levantadas no momento da antecipação, façam inferências das informações que não estão explícitas no texto, chequem dos fatos durante a leitura, identifiquem os elementos do conto, o suporte textual e os recursos de que a **escritora** utilizou para **emocionar** o leitor etc. Deixe que extravasem as

emoções provocadas pelo conto e relatem experiências semelhantes vividas por eles ou pessoas conhecidas.

Percorra os grupos para observar as impressões e os comentários dos estudantes sobre o conto, e ajudá-los na reflexão sobre os recursos utilizados pela autora para tornar a história tão interessante, a ponto de envolver e comover os leitores.

Promova a socialização das conclusões a que chegaram os grupos, instigando-os à troca de comentários sobre a leitura. Sistematize por meio da elaboração de uma tabela relacionando os elementos apresentados por Moacyr Scliar no texto *O Conto se Apresenta*, que estão presentes no conto *Biruta*, e peça que os estudantes registrem também nos seus cadernos.

Finalize esta atividade propondo-lhes a escrita individual de um conto. Lembre-se de que esta produção deve servir como diagnóstico e que poderá ser reescrita no final desta sequência para que você e os estudantes possam avaliar o quanto eles aprenderam sobre o gênero em foco. Portanto, recolha os textos, leia-os, faça as observações que julgar necessárias no seu caderno de registro.

3ª Atividade: Tecendo uma história

Texto: Passeio, de Fernando Sabino

Fonte: De conto em conto, vol.2. Editora Ática, São Paulo. 2002.

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Ler com fluência e autonomia, construindo significados, inferindo informações implícitas e verificando hipóteses.
- Ler contos identificando e analisando seus elementos.

Número de aulas: 2 aulas

Inicie esta atividade, fazendo uma pequena retomada dos recursos utilizados por Lygia Fagundes Telles para tornar o conto *Biruta* tão comovente. Apresente à turma outro contista, Fernando Sabino e o seu conto *Passeio*, procedendo à antecipação da leitura, como de costume. Proponha aos estudantes uma leitura silenciosa para conhecerem a história e reconhecerem os recursos que o autor utilizou para enredar seus leitores. Algumas questões poderão nortear esta primeira leitura: esta é uma história de gente comum? Como *Biruta*, emociona o

leitor? Por quê? Quais trechos do conto revelam sua carga dramática? Etc.

Professor(a), procure não interferir nesta leitura, reservando-se o direito de apenas observar o interesse dos estudantes pela temática e as suas reações durante a leitura.

Fernando Sabino nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1923. Romancista, contista, é um dos maiores nomes da literatura brasileira. Este texto foi originalmente publicado no seu livro *A companheira de viagem* (1965). Faleceu dia 11 de outubro de 2004 na cidade do Rio de Janeiro.

É importante compartilhar o que sentimos, por isso, professor(a), reserve alguns minutos para que os estudantes comentem suas impressões, seus sentimentos em relação à história. Em seguida, proponha-lhes uma segunda leitura, agora voltada para as referências do texto aos elementos do conto.

Forme pequenos grupos produtivos - estudantes com mais dificuldades junto com outros que já avançaram mais, para que todos possam usufruir dessa troca de experiência, o que favorece o confronto de diferentes pontos de vista e pode tornar essa experiência mais rica. Sugira que cada grupo leia um trecho em voz alta. À medida que a leitura se desenvolve, vá chamando a atenção dos estudantes para as referências do texto em relação *à narrativa linear e curta, à linguagem simples e direta, às ações que encaminham diretamente para o desfecho, ao envolvimento de poucas personagens em torno de uma única ação, às ações que se passam em um só espaço, constituindo um só eixo temático e um só conflito.*

Conversando sobre o trabalho em grupo

Assim como este, muitos outros trabalhos são propostos para serem realizados em grupo. Isso acontece porque acreditamos que as pessoas aprendem umas com as outras e que todas podem se desenvolver muito mais quando têm oportunidade de confrontar suas ideias com as dos colegas. Entretanto, isso só acontece se todos participarem igualmente de todas as atividades e disserem o que pensam realmente, se todos se esforçarem.

Quando há um trabalho para ser feito em grupo, de nada adianta dividi-lo e distribuir um pedaço para cada um, porque com isso cada um fica somente com a visão da sua parte e perde a visão do todo. Pior ainda é quando só um ou dois trabalham (porque o grupo acha que são mais inteligentes, ou mais estudiosos) e os outros ficam olhando, sem coragem ou com preguiça de participar. Além de não ser justo, os que não participam deixam de aprender.

Mesmo não sabendo direito como fazer, é preciso tentar. É assim que aprendemos. As atividades propostas podem ser realizadas por todos os estudantes, especialmente se uns ajudarem os outros. Quando um colega não sabe, deve-se dar dica, fazer junto, mas não fazer pelo outro. Quando fazemos pelo outro, não ajudamos, atrapalhamos, impedimos o outro de aprender. Além disso, às vezes, há colegas que acham que não sabem, porque nunca tentaram, mas eles podem se surpreender e descobrir que têm muito o que ensinar ao grupo.

Ensinar e Aprender, vol. 2, Língua Portuguesa, CENPEC – Correção de Fluxo. SEE/PR..

Professor, proceda à análise do conto *Passeio*, de Fernando Sabino, destacando os elementos que caracterizam o gênero.

- Narrativa linear e curta – a ação se passa durante o passeio à confeitaria.
- Linguagem simples e direta.
- As ações se encaminham diretamente para o desfecho – a conversa entre pai e filha.
- Envolvimento de poucas personagens – o pai e a filha.
- Um só espaço – a ação se desenvolve realmente na confeitaria.
- Um só eixo temático – a conversa sobre a separação do casal.

No momento em que for enumerado essas características, peça aos estudantes que busquem exemplos de cada uma no texto. Anote no quadro e oriente-os a fazer o mesmo.

Esteja atento(a) ao ritmo do grupo, ao tempo disponível, de forma que não se sintam sobrecarregados, nem demorem mais tempo do que o necessário para desenvolver a atividade. Destine um tempo da aula para que os grupos possam socializar o resultado deste trabalho.

4ª Atividade: Contos e histórias

Texto: *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, de Bernardo Lis

Fonte: Caminhos das Gerais, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Valorizar a leitura literária como fonte de entretenimento e prazer.
- Partilhar com os colegas as percepções de leitura do conto lido.
- Antecipar o conteúdo da leitura com base em indícios como autor, título do texto, ilustrações.
- Ler conto de autor goiano.
- Conhecer a cultura local, com base nos aspectos culturais e linguísticos presentes no conto.
- Observar o uso da língua de maneira a dar conta da variação intrínseca ao gênero.

- Analisar as formas do oral, o falar cotidiano, as marcas da goianidade no conto lido.

Número de aulas: 3 aulas

Inicie esta atividade antecipando com entusiasmo e emoção a leitura do texto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*, de *Bernardo Élis*, com o objetivo de despertar nos estudantes a curiosidade e o interesse pela leitura. Apresente-lhes o título e o autor e pergunte-lhes se conhecem a história ou se já leram outros textos desse autor, se já ouviram falar dele etc.

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado (1915 – 1997), nasceu em Corumbá de Goiás (GO). Advogado, professor, poeta, contista e romancista.

Em 1939, transferiu-se para Goiânia, onde foi nomeado secretário da Prefeitura Municipal, tendo exercido as funções de prefeito por duas vezes. Com um livro de poesias e outro de contos, que pretendia publicar, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, em 1942.

Não conseguindo seu intento, voltou a Goiás. Fundou a revista Oeste e nela publicou o conto *Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá*.

Recebeu vários prêmios, dentre eles o Prêmio Jabuti, e ingressou na Academia Brasileira de Letras em 1975.

Fonte: Academia Brasileira de Letras)

Fale um pouco desse grande escritor goiano e, se possível, mostre-lhes o livro (suporte textual) onde foi publicado este conto. Diga-lhes, ainda, que a história que irão ler aconteceu no interior de Goiás. Enfim, faça uma boa propaganda para que os estudantes façam antecipações e sintam-se motivados para a leitura do texto.

Faça uma leitura compartilhada do texto com a classe, abrindo, em seguida, um espaço para os comentários da história. Com os estudantes em círculo proponha uma discussão coletiva, partindo de questionamentos sobre o texto: Como se sentiram ao ler a história? Vocês acham que este fato aconteceu realmente? Por que Clemente, ao invés de tentar salvar sua mãe, a empurrou para dentro do rio? Como Clemente deve ter se sentido ao perceber que a mãe fora tragada pelas águas? Vocês acham que esta ação da natureza tem se repetido nos dias atuais? O que podemos fazer para impedir que este fato se repita? Dê oportunidade para que todos participem dessa socialização.

É importante, professor(a), que você chame a atenção dos estudantes para as variações linguísticas. Procure mostrar-lhes que o autor faz uso de palavras e expressões para marcar a cultura local, dar vida, beleza e espontaneidade ao texto.

Destacamos, aqui, todas as palavras e expressões presentes no texto que são marcas da goianidade:

- _ **Fio** fais um **zoio de boi** lá fora pra nois.
- ...enfincou o **calcanhar na lama** (...) **Isto era simpatia para fazer estiar.**
- _ *Chi, tá um mar d'água!* **Que vê, espia...**
- Estava **ensopadinho da silva.**
- Dependurou numa forquilha a **caroça.**
- ... mexeu e pôs-se a fazer **grandes capitães** com a mão...
- ... um biruzinho sempre **perrengado.**
- _ **Océ bota** a gente hoje **em riba** do jirau.
- O menino saiu do rancho com um **baixeiro** na cabeça...
- _ **Adonde** será que tá chulinho?
- Eu **num sabia** que era raso.

Procure mostrar-lhes que o autor faz uso dessas palavras e expressões para marcar a cultura local, dar vida, beleza e espontaneidade ao texto. Recorte as expressões em tiras de papel e distribua-as entre os grupos. Peça-lhes que procurem explicar seu significado na região local, e em seguida, elabore o resultado desse trabalho em cartaz, conforme modelo abaixo.

EXPRESSÕES	SIGNIFICADO

Em seguida, oriente-os a buscarem junto a familiares e a comunidade expressões que caracterizem a goianidade, ou seja, o jeito goiano de falar. Socialize o resultado da pesquisa pedindo-lhes que confirmem os significados no dicionário.

5ª Atividade: O mundo das personagens

Texto: Ninho de Periquitos, de Hugo de Carvalho Ramos

Fonte: Tropas e Boiadas. Livraria e Editora Cultura Goiana, Goiânia.

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Ler contos de autor goiano.
- Conhecer a cultura local, com base nos aspectos culturais e linguísticos presentes no conto.
- Analisar as formas do oral, o falar cotidiano, as marcas da *goianidade*, no conto lido.
- Analisar o emprego de adjetivos e locuções adjetivas para a caracterização das personagens e dos espaços no conto.
- Perceber a existência de preconceitos com relação à sexualidade, à mulher, ao negro, ao índio, ao pobre, à criança, ao velho, ao homem do campo, nos contos populares lidos.

Número de aulas: 3 aulas

Inicie esta atividade lembrando aos estudantes que nas aulas anteriores leram vários contos interessantes e analisaram elementos deste gênero. Diga-lhes que para envolver o leitor, é preciso que ele (o leitor) *participe* dos fatos narrados, viva o que os personagens estão vivendo, *veja* o cenário, como se este estivesse diante de si. Um conto literário deve prender a atenção do leitor, ao contar os fatos. Explique que desenvolverão exercícios de escrita de textos envolvendo os aspectos trabalhados até agora, enfocando a criação de personagem. Comente que, antes, farão a leitura do conto *Ninho de Periquitos*, do escritor goiano **Hugo de Carvalho Ramos**.

Hugo de Carvalho Ramos nasceu em 21 de maio de 1895, em Vila Boa, então capital do Estado de Goiás. Em 1917 publicou *Tropas e Boiadas*, uma coletânea de contos de inspiração sertaneja, que mereceu referências elogiosas da crítica nacional. Faleceu em 31 de março de 1921.

Não se esqueça de fazer a antecipação da leitura, pois é imprescindível conversar com os estudantes sobre o texto no intuito de despertar-lhes a curiosidade e interesse.

Em seguida, proponha que formem trios para desenvolverem o trabalho. Oriente-os para que realizem uma primeira leitura em grupo para conhecer a história. Peça-lhes que durante a leitura observem bem as personagens. Pergunte aos estudantes se gostaram da história, se conhecem alguma história parecida, que sentimentos ela lhes despertou. Comente que o autor utilizou uma linguagem regional, valorizando a cultura local e respeitando a variedade linguística – o sertanejo – especificamente. Em conjunto com a turma, busque dar significado às expressões desconhecidas; recorra ao dicionário se necessário.

Outro aspecto relevante presente na linguagem do conto é o emprego de sinonímia. O autor utiliza vários sinônimos para se referir ao pai de Janjão. Peça aos estudantes que os localizem no texto e os registre no caderno. À medida que forem socializando o resultado da tarefa, proceda ao registro no quadro. Em seguida, divida-os em pequenos grupos e solicite-lhes que busquem o significado de cada palavra no dicionário, orientando-os a registrarem todas as definições apresentadas para cada termo.

Roceiro	
Caipira	
Lavrador	
Matuto	
Caboclo	

No momento de socializar as respostas, chame a atenção da turma para o fato de que, embora as palavras se refiram à mesma pessoa e tenham pelo menos um de seus significados em comum, apresentam diferenças de significação, o que acrescenta diferentes informações, enriquecendo, assim, a caracterização da personagem.

Chame a atenção dos estudantes para o fato de que o emprego dos sinônimos ajuda na caracterização da personagem, retomando com eles o conto em estudo. Peça-lhes que observem que a caracterização do pai de Janjão não se dá pela qualificação, e sim pela ações que desenvolve na história. Nesse momento, professor(a), é importante ficar atento aos sinônimos encontrados, para evitar as conotações preconceituosas que poderão surgir entre os estudantes.

Há duas maneiras de caracterizar um personagem, seja ele linear ou complexo: uma é pela qualificação, outra pelas ações. No primeiro caso, o personagem é descrito pelo narrador ou por outros personagens: características físicas (estatura, aparência, idade, cor etc.), características psicológicas (personalidade, qualidades e defeitos, sonhos, desejos, emoções, pensamentos, frustrações, carências), características sociais (família, amizades, atividades, situação econômica etc.). No segundo caso, o personagem vai-se definindo pelo que faz, isto é, por suas ações o leitor vai percebendo como ele é. Algumas vezes essas ações não são externas: passam-se na cabeça dos personagens, são ações interiores, psicológicas. Entretanto, essas duas possibilidades se completam, pois os autores recorrem tanto à qualificação quanto à ação para mostrar a personagem. (Ensinar e Aprender, Vol. 2. Língua Portuguesa. CENPEC, 2003.

No conto em estudo, a caracterização das personagens se dá pelas suas ações. Que tal, propor à classe que crie características físicas, psicológicas e sociais para o pai de Janjão, com base na sua vida, nas suas ações e nas informações da leitura do texto e da pesquisa com o dicionário:

Características físicas:

- nome e apelido (se tiver);
- idade, aparência (aproximados);
- olhos, cabelos e pele, boca, nariz, pernas etc.;
- condições de saúde.

Características psicológicas:

- qualidades, habilidades, defeitos, dificuldades;
- o que gosta, adora, provoca irritação, detesta em relação a comidas, divertimentos, estudo, trabalho, esportes, religião, política, roupas;
- o que deseja, de que tem medo;
- o que faz questão de mostrar, o que faz questão de esconder;
- hábitos, manias.

Características sociais:

- família: como são e o que fazem seus integrantes, estado civil (solteiro, casado etc.);
- condições econômicas: vantagens e dificuldades;
- moradia: localização, como é a casa, como é a vizinhança;
- relações afetivas: namoros, quem são seus amigos e inimigos, como são;
- trabalho e/ou estudo: o que faz, onde;
- lazer: como ocupa seu tempo livre, se diverte, lugares que frequenta;
- acontecimentos que marcaram sua vida.

Divida a classe em grupos e peça-lhes que caracterizem o pai de Janjão, elaborando uma ficha conforme as orientações apresentadas acima e utilizando as informações trazidas pelo emprego dos diferentes sinônimos.

Em seguida, organize com a turma a apresentação da personagem caracterizada. Vá registrando no quadro as conclusões dos grupos, com base no conto em estudo. Peça para registrarem tudo no caderno.

ATIVIDADES PARA SISTEMATIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

6ª Atividade: Construindo juntos uma história

Expectativas de Ensino e aprendizagem

- Produzir conto literário numa situação real de uso, considerando sua finalidade, os possíveis leitores e as características do gênero.
- Caracterizar as personagens no conto literário produzido.
- Identificar e caracterizar o espaço e o tempo no conto literário.
- Utilizar os diferentes níveis de linguagem (coloquial, culta, regionalismo, jargão, gíria) no conto literário, conforme a situação.

Número de aulas: 2 aulas

Chegou o momento da produção coletiva. Produzir um texto coletivamente ajuda os estudantes a resgatar e organizar os recursos aprendidos nas atividades anteriores.

Explique-lhes que escrita coletiva é uma etapa importante para a preparação da escrita individual que farão a seguir. É um momento de negociação em que você, professor, é o mediador. Procure estabelecer com os estudantes sobre **o que deve ser escrito, em que ordem e como**, buscando a interação de todos. Esteja atento para que não haja dispersão dos estudantes; para tanto, faça perguntas, dê orientações, tendo sempre o cuidado de não assumir sozinho(a) a autoria do texto, nem tornar-se apenas o escriba das ideias dos estudantes, registrando-as simplesmente.

Depois de escrito é preciso escolher título. Ajude-os a pensar em algo bem sugestivo. O título tem que dar pista do que será contado no texto.

Tudo pronto, releia com os estudantes, pergunte-lhes se o texto está gostoso de ser lido. Se eles estão satisfeitos com a escrita, se é possível fazer alguma coisa para melhorá-la. Para o aprimoramento do texto, revise-o com muito cuidado. Parabenize-os pelo sucesso, diga-lhes que eles já são escritores e que são capazes de produzir um texto individualmente.

Professor(a), para ajudá-lo(a) sugerimos que utilize as orientações abaixo apresentadas no texto *O desafio do texto coletivo do almanaque Na Ponta do Lápis, n.º 7, pp. 12-13 - CENPEC, ano 2007.*

Antes de iniciar a produção coletiva

- Explique aos estudantes a importância da escrita do texto coletivo.
- Recupere com eles a situação de comunicação (quem fala; de que lugar; com que objetivo; para quem ler) e o roteiro dos aspectos próprios do gênero.

Durante a elaboração do texto

- Converse sobre o tema/assunto que será escrito.
- Decida com o grupo a melhor forma de iniciar o texto.
- Ouça as propostas dos estudantes e ajude-os a transformar as ideias apresentadas (oralidade) em discurso escrito.
- Releia com o grupo cada parágrafo produzido para verificar o encadeamento do texto. Faça alterações necessárias.
- Prossiga o texto de modo que a organização da sequência de parágrafos não perca a unidade, coesão e coerência.
- Fique atento, no desenrolar do texto, se os aspectos próprios do gênero estão sendo preservados.
- Verifique o uso correto da pontuação. Escolha, com a turma, um título sugestivo para o texto.
- Transcreva o texto coletivo em papel pardo e combine com o grupo que ele será revisado e aprimorado posteriormente.

7ª Atividade: De conto em conto...

Expectativas de Ensino e aprendizagem

- Utilizar diferentes recursos expressivos na produção de um conto literário e reconhecer o seu papel no estabelecimento do estilo do próprio texto.

Número de aulas: 2 aulas

Professor(a), com o objetivo de organizar os conhecimentos já adquiridos pelos estudantes até aqui, diga –lhes que nesta atividade produzirão individualmente, um conto literário. Retome com eles as características do gênero; destaque a importância da concisão (o conto não deve ser longo), a precisão, a emotividade (deve emocionar o leitor), o trabalho com linguagem (emprego da variação linguística, linguagem figurada etc).

É importante destacar nesse momento que a escrita deve apresentar uma finalidade, ou seja, ao escrevermos temos em mente o nosso objetivo: para quê escrevemos; quem será nosso leitor: para quem escrevemos. Assim, antes de pedir aos estudantes que comecem a escrever, decida com eles algumas situações de produção.

Os contos produzidos serão reunidos em um livro que representará a produção da turma e terá como leitores pais e comunidade em geral, ou serão selecionados e publicados no jornalzinho da escola para que sejam lidos pela comunidade escolar? Outra sugestão seria montar um varal de contos deixando-os à disposição de toda a turma. Enfim, você pode decidir com eles essas questões que os ajudarão a se tornarem verdadeiros escritores.

8ª Atividade: Reescrevendo individual e coletivamente

Expectativas de Ensino e aprendizagem

- Reformular os textos produzidos com base na reescrita orientada pelo professor.
- Reescrever o texto visando assegurar clareza, coerência, coesão, ampliação das ideias e a presença dos elementos característicos do gênero textual produzido.
- Observar o uso da língua de maneira a dar conta da variação intrínseca ao processo linguístico no que se refere a: variedades regionais, urbanas e rurais variedades sociais; expressões do passado e do presente.
- Analisar os termos utilizados no diálogo entre os interlocutores e as palavras e expressões que revelam as finalidades com que se comunicam.
- Levantar hipóteses, formular regras e conceitos, relativos à ortografia, à acentuação gráfica e à pontuação, recorrendo a dicionários, gramáticas, manuais técnicos, outros textos, internet etc.
- Analisar o emprego dos discursos direto e indireto nas narrativas.
- Reconhecer o valor expressivo da pontuação (pontuação de final de frases: ponto de exclamação, ponto de interrogação, ponto final, reticências; travessão e dois pontos em discurso direto) para marcar as sequências narrativas.
- Reescrever textos (trechos) revendo a pontuação de final de frases.
- Analisar a caracterização dos personagens por meio da linguagem (emprego de sinônimos, adjetivos e locuções adjetivas).

- Fazer reformulações que assegurem, também, as características próprias dos contos literários.

Número de aulas: 2 aulas

Professor(a), a reescrita é um momento importantíssimo do trabalho e deverá ser desenvolvido com muito critério para que os estudantes consigam progredir em suas produções escritas. Portanto, com base no texto a seguir, desenvolva a atividade sugerida, levando em consideração as orientações.

Como diz os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) *Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões*, (PCNs, 1998, p.77). Um bom texto vem de um rascunho e passa por sucessivas versões em que será aperfeiçoado até chegar ao produto final.

O momento da reescrita oferece ao estudante a chance de refletir sobre a língua, observar se há coerência e coesão no desenvolvimento das ideias, rever as estruturas do texto e avaliar se o tema foi apresentado de modo satisfatório.

{...} *o objetivo é que os estudantes tenham uma atitude crítica em relação à sua própria produção de textos...* (PCNs, 1997, p.47). O estudante sai do papel emocional de autor e assume o papel racional de leitor, (re) elabora a concepção acerca da estrutura textual, considerando aspectos relativos à informatividade do texto, à ortografia, à caligrafia, à concordância, entre outros.

Marcos Bagno, em sua obra *Preconceito Linguístico* (2003), chama a atenção para o papel do professor de português em relação a correção de textos dos estudantes, destacando que para muitos a forma é uma preocupação quase exclusiva, enquanto o conteúdo fica em segundo plano.

De acordo com Menegolo e Menegolo (2005): *Com a atividade de reescrita o professor fornece marcas no texto que levam o estudante a se deparar com suas possíveis dificuldades de competência linguística...* Contudo, é importante não perder de vista que o professor deve ser o mediador da correção e não o único a fazer a correção; para tanto, pode marcar no texto do estudante pistas para a análise e (re) organização das ideias, rever características do gênero trabalhado, sugerir o emprego do dicionário, levar o estudante a refletir sobre a língua, tornando-a significativa.

Os problemas mais frequentes podem ser anotados pelo professor e posteriormente trabalhados com a turma.

A reescrita é o momento final do trabalho com o texto, aqui entrarão os conteúdos de análise da língua que devem ser estudados no gênero em questão, destacando-se suas finalidades para a qualificação do texto, não devendo, portanto, serem trabalhados descontextualizadamente. Como afirmam Guedes e Souza (2001) *Orientar a reescrita não é apenas adequar o conteúdo às verdades*

estabelecidas da ciência nem à forma do texto ao modo consagrado de escrever [...] é principalmente levar o estudante a repensar a pertinência dos dados com que está lidando.

(Texto adaptado por Marilda Rodvalho da SEDUC)

Professor (a), inserimos neste material as orientações gerais para reescrita de textos que podem ser utilizadas na reescrita de qualquer gênero textual em estudo. Orientamos que siga apenas os passos necessários ao gênero em estudo de acordo com os aspectos gramaticais trabalhados nos conteúdos de análise e reflexão sobre a língua.

Os procedimentos descritos a seguir foram retirados do Manual *Ensinar e Aprender, Língua Portuguesa, Impulso Inicial, Projeto de Correção de Fluxo, CENPEC - SEE/PR* e poderão ajudá-lo, professor, em sua tarefa de mediar o trabalho de reescrita do texto com os estudantes.

Para proceder a uma reformulação de ordem geral, visando clareza, coerência e coesão:

- selecione, dentre os textos produzidos pelos estudantes, um que seja representativo dos problemas da classe (ou seja, que apresente pelo menos um problema significativo para a classe como um todo);
- convide o autor do texto a ocupar lugar de destaque, para que possa ser consultado sempre que necessário;
- copie na lousa o texto (ou traga o texto já copiado em papel pardo) corrigido em seus aspectos ortográficos e morfosintáticos — concordância nominal e verbal, conjugação verbal, uso de pronomes etc;
- proponha questões à classe em função dos aspectos a serem reestruturados, anotando as respostas na lousa; por exemplo, completando informações (o quê? quem? quando? onde?); eliminando redundâncias; expandindo ideias (por quê? como?); utilizando recursos de coesão (conjunções, pronomes, advérbios, tempos verbais adequados); eliminando contradições; pontuando e paragrafando adequadamente;
- discuta com os estudantes a importância das informações obtidas para a clareza, compreensão e aperfeiçoamento do texto;
- reescreva o novo texto ou trecho na lousa com a classe, incorporando as alterações discutidas;
- peça aos estudantes para comparar o texto reescrito com o original; solicite que verifiquem em seus próprios textos se há problemas da mesma natureza e que, nesse caso, os corrijam.

Os procedimentos para reformulações de ordem específica visam assegurar:

- nos textos **narrativos**, domínio da configuração da narração; sequência cronológica (diferentes possibilidades); passagem do discurso direto para o indireto e vice-versa; comparação entre diversas narrativas, observando os recursos utilizados e os diferentes níveis de linguagem (coloquial, jargão, culta, gíria, regionalismos);
- nos textos **informativos**, fidelidade aos fatos dos relatos, notícias ou reportagens; comparação entre diferentes formas de titular e configurar notícias e reportagens; relevância das informações;
- nos textos **argumentativos**, a manifestação de opinião; estabelecimento de correlações entre o fato, sua análise e os argumentos apresentados; domínio da configuração da dissertação, considerando a opinião defendida (tese); os argumentos apresentados (pertinência, finalidade e embasamento); a contra-argumentação; e a coerência entre tese e argumentos;
- nos textos **persuasivos**, configuração de propagandas, anúncios; a eficácia da mensagem;
- nos textos **prescritivos**, configuração de receitas, bulas, manuais de instrução; clareza e precisão das informações e instruções;
- nos textos **práticos**, configuração de cartas familiares, memorandos, ofícios, requerimentos, currículos; os elementos indispensáveis a esse tipo de texto;
- nos **resumos**, síntese e fidelidade das ideias; presença dos elementos fundamentais do texto.

ANEXOS

Felicidade clandestina

Clarice Lispector

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arriuvados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim um tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato. Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E, completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança de alegria: eu não vivia, nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono da livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.


Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comencei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina



que era a felicidade. A felicidade sempre ia ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

Felicidade Clandestina - Ed. Rocco - Rio de Janeiro, 1998

O conto se apresenta

Moacir Scliar

Olá!

Não, não adianta olhar ao redor: você não vai me enxergar. Não sou pessoa como você. Sou, vamos dizer assim, uma voz. Uma voz que fala com você ao vivo, como estou fazendo agora. Ou então que lhe fala dos livros que você lê.

Não fique tão surpreso assim: você me conhece. Na verdade, somos até velhos amigos. Você já me ouviu falando de Chapeuzinho Vermelho e do Príncipe Encantado, de reis, de bruxas, do Saci-Pererê. Falo de muitas coisas, conto muitas histórias, mas nunca falei de mim próprio. É o que vou fazer agora, em homenagem a você. E começo me apresentando: eu sou o conto. Sabe o contos de fadas, o conto de mistério? Sou eu. O Conto.

Vejo que você ficou curioso. Quer saber coisas sobre mim. Por exemplo, qual a minha idade.

Devo lhe dizer que sou muito antigo. Porque contar histórias é uma coisa que as pessoas fazem a muito, muito tempo. É uma coisa natural, que brota de dentro da gente. Faça o seguinte: feche os olhos e imagine uma cena, uma cena que se passou há muitos milhares de anos. É de noite e uma tribo dos nossos antepassados, aqueles que vivem nas cavernas, está sentada em redor da fogueira. Eles têm medo de escuro, porque no escuro estão as feras que os ameaçam, aqueles enormes tigres e outras mais. Então alguém olha para a lua e pergunta: por que é que as vezes a lua desaparece? Todos se voltam para um homem velho, que é uma espécie de guru para eles. Esperam que o homem dê a resposta. Mas ele não sabe o que responder. E então eu apareço. Eu, o Conto. Surjo lá da escuridão e, sem que ninguém note, falo baixinho ao ouvido do velho:

– Conte uma história para eles. E ele conta. É uma história sobre um grande tigre que anda pelo céu e que de vez em quando come a lua. E a lua some. Mas a lua não é uma coisa muito boa para comer, de modo que lá pelas tantas o grande tigre bota a lua para fora de novo. E ela aparece no céu, brilhante.

Todos escutam o conto. Todo mundo: homens, mulheres, crianças. Todos estão encantados. E felizes: antes, havia um mistério: por que a lua some? Agora, aquele mistério não existe mais. Existe uma história que fala de coisas que eles conhecem: tigre, lua, comer – mas fala como essas coisas poderiam ser, não como eles são. Existe um conto. As pessoas vão lembrar esse conto por toda a vida. E quando as crianças da tribo crescerem e tiverem seus próprios filhos, vão contar a história para explicar a eles por que a lua some de vez em quando. Aquele conto.

No começo, portanto, é assim que eu existo: quando as pessoas falam em mim, quando as pessoas narram histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas. Histórias que atravessam os tempos, que duram séculos. Como eu.

Aí surge a escrita. Uma grande invenção, a escrita, você não concorda? Com a escrita, eu existo somente como uma voz. Agora estou ali, naqueles sinais chamados letras, que permitem que pessoas se comuniquem, mesmo à distância. E aquelas histórias – sobre deuses, sobre monstros, sobre criaturas fantásticas – vão aparecer em forma de palavras escrita.

E é nesse momento que eu tenho uma grande idéia. Uma inspiração, vamos dizer assim. Você sabe o que é inspiração? Inspiração é aquela descoberta que a gente faz de repente, de repente tem uma idéia muito boa. A inspiração não vem de fora, não; não é uma coisa misteriosa que entra na nossa cabeça. A boa idéia já estava dentro de nós; só que a gente não sabia. A gente tem muitas boas idéias, pode crer.

E então, com aquela boa idéia, chego perto de um homem ainda jovem. Ele não me vê. Como você não me vê. Eu me apresento, como me apresentei a você, digo-lhe que estou ali com uma missão especial – com um pedido.

– Escreva uma história.

Num primeiro momento, ele fica surpreso, assim como você ficou. Na verdade, ele já havia pensado nisso, em escrever uma história. Mas tinha dúvidas: ele, escrever uma história? Como aquelas histórias que todas as pessoas contavam e que vinham de um passado? Ele, escrever uma história? E assinar seu próprio nome? Será que pode fazer isso? Dou força:

– Vá em frente, cara. Escreva uma história. Você vai gostar de escrever. E as pessoas vão gostar de ler.

Então ele senta, e escreve uma história. É uma história sobre uma criança, uma história muito bonita. Ele lê o que escreveu. Nota que algumas coisas não ficaram muito bem. Então escreve de novo. E de novo. E mais uma vez. E aí, sim, ele gosta do que escreveu. Mostra para outras pessoas, para os amigos, para a namorada. Todos gostam, todos se emocionam com a história.

E eu vou em frente. Procuro uma moça muito delicada, muito sensível. Mesma coisa:

– Escreve uma história.

Ela escreve. E assim vão surgindo escritores. Os contos deles aparecem em jornais, em revistas, em livros. Já não são histórias sobre deuses, sobre criaturas fantásticas. Não, são histórias sobre gente comum - porque as histórias sobre as pessoas comuns muitas vezes são mais interessantes do que

histórias sobre deuses e criaturas fantásticas: até porque deuses e criaturas fantásticas podem ser inventados por qualquer pessoa. O mundo da nossa imaginação é muito grande. Mas a nossa vida, a vida de cada dia, está cheia de emoções. E onde há emoção, pode haver conto. Onde há gente que sabe usar as palavras para emocionar pessoas, para transmitir idéias, existem escritores.

Alguns deles – grandes escritores.

- Eu sou o conto.

Era uma vez um conto, vol.2. Companhia das Letrinhas, São Paulo. 2002.

Biruta

Lygia Fagundes Telles

Alonso foi para o quintal carregando uma bacia cheia de louça suja. Andava com dificuldade, tentando equilibrar a bacia que era demasiado pesada para seus bracinhos finos.

— Biruta, êh, Biruta! — chamou sem se voltar.

O cachorro saiu de dentro da garagem. Era pequenino e branco, uma orelha em pé e a outra completamente caída.

— Sente-se aí, Biruta, que vamos ter uma conversinha. — disse Alonso pousando a bacia ao lado do tanque. Ajoelhou-se, arregaçou as mangas da camisa e começou a lavar os pratos. Biruta sentou-se muito atento, inclinando interrogativamente a cabeça ora para a direita, ora para a esquerda, como se quisesse apreender melhor as palavras do seu dono. A orelha caída ergueu-se um pouco, enquanto a outra empinou, aguda e reta. Entre elas, formaram-se dois vincos, próprios de uma testa franzida no esforço da meditação.

— Leduína disse que você entrou no quarto dela — começou o menino num tom brando. — E subiu em cima da cama e focinhou as cobertas e mordeu uma carteirinha de couro que ela deixou lá. A carteira era meio velha e ela não ligou muito. Mas se fosse uma carteira nova, Biruta! Se fosse uma carteira nova! Me diga agora o que é que ia acontecer se ela fosse uma carteira nova!? Leduína te dava uma suna e eu não podia fazer nada, como daquela outra vez que você arreventou a franja da cortina, lembra? Você se lembra muito bem, sim senhor, não precisa fazer essa cara de inocente!... Biruta deitou-se, enfiou, o focinho entre as patas e baixou a orelha. Agora, ambas as orelhas estavam no mesmo nível, murchas, as pontas quase tocando o chão, Seu olhar interrogativo parecia perguntar: “Mas que foi que eu fiz, Abuso?”

Não me lembro de nada...”

— Lembra sim senhor! E não adianta ficar aí com essa cara de doente, que não acredito, ouviu? Ouviu, Biruta?! — repetiu Alonso lavando furiosamente os pratos. Com um gesto irritado, arregaçou as mangas que já escorregavam sobre os pulsos finos. Sacudiu as mãos cheias de espuma. Tinha mãos de velho.

— Alonso, anda ligeiro com essa louça! — gritou Leduína, aparecendo por um momento na janela da cozinha. — Já está escurecendo, tenho que sair!

— Já vou indo — respondeu o menino enquanto removia a água da bacia. Voltou-se para o cachorro. E seu rostinho pálido se confrangeu de tristeza. Por que Biruta não se emendava, por quê? Por que não se esforçava um pouco para

ser melhorzinho? Dona Zulu já andava impaciente, Leduína também, Biruta fez isso, Biruta fez aquilo...

Lembrou-se do dia em que o cachorro entrou na geladeira e tirou de lá a carne. Leduína ficou desesperada, vinham visitas para o jantar, precisava encher os pasteis, “Alonso, você não viu onde deixei a carne?” Ele estremeceu. Biruta! Disfarçadamente foi à garagem no fundo do quintal, onde dormia com o cachorro num velho colchão metido num ângulo da parede. Binita estava lá, deitado bem em cima do travesseiro, com a posta de carne entre as patas, comendo tranquilamente. Alonso arrancou-lhe a carne, escondeu-a dentro da camisa e voltou à cozinha. Deteve-se na porta ao ouvir Leduína queixar-se à dona Zulu que a carne desaparecera, aproximava-se a hora do jantar e o açougue já estava fechado, “que é que eu faço, dona Zulu?!”

Ambas estavam na sala. Podia entrever a patroa a escovar freneticamente os cabelos. Ele então tirou a carne de dentro da camisa, ajeitou o papel já todo roto que a envolvia e entrou com a posta na mão.

— Está aqui, Leduína.

— Mas falta um pedaço!

— Esse pedaço eu tirei pra mim. Eu estava com vontade de comer um bife e aproveitei quando você foi na quitanda.

— Mas por que você escondeu o resto? —

perguntou a patroa, aproximando-se.

— Porque fiquei com medo.

Tinha bem viva na memória a dor que sentira nas mãos corajosamente abertas para os golpes da escova. Lágrimas saltaram-lhe dos olhos. Os dedos foram ficando roxos, mas ela continuava batendo com aquele mesmo vigor obstinado com que escovara os cabelos, batendo, batendo como se não pudesse parar nunca mais.

— Atrevido! Ainda te devolvo pro asilo, seu ladrãozinho!

Quando ele voltou à garagem, Birutajá estava lá, as duas orelhas caídas, o focinho entre as patas, piscando, piscando os olhinhos temos. “Biruta, Biruta, apanhei por sua causa, mas não faz mal. Não faz mal.”

Biruta então ganiu sentidamente. Lambeu-lhe as lágrimas. Lambeu-lhe as mãos.

Isso tinha acontecido há duas semanas. E agora Biruta mordera a carteirainha de Leduína. E se fosse a carteira de dona Zulu?

— Hem, Biruta?! E se fosse a carteira de dona Zulu?

Já desinteressado, Biruta mascava uma folha seca.

— Por que você não arrebenta as minhas coisas? — prosseguiu o menino elevando a voz.

— Você sabe que tem todas as minhas coisas pra morder, não sabe? Pois agora não te dou presente de Natal, está acabado. Você vai ver se ganha alguma coisa. Você vai ver!...

Girou sobre os calcanhares, dando as costas ao cachorro. Resmungou ainda enquanto empilhava a louça na bacia. Em seguida, calou-se, esperando qualquer reação por parte do cachorro. Como a reação tardasse, lançou-lhe um olhar furtivo. Biruta dormia profundamente.

Alonso então sorriu. Biruta era como uma criança. Por que não entendiam isso? Não fazia nada por mal, queria só brincar... Por que dona Zulu tinha tanta raiva dele? Ele só queria brincar, como as crianças. Por que dona Zulu tinha tanta raiva de crianças? Uma expressão desolada amarfanhou o rostinho do menino. “Por que dona Zulu tem que ser assim? O doutor é bom, quer dizer, nunca se importou nem comigo nem com você, é como se a gente não existisse. Leduína tem aquele jeitão dela, mas duas vezes já me protegeu. Só dona Zulu não entende que você é que nem uma criança. Ah, Biruta, Biruta, cresça logo, pelo amor de Deus! Cresça logo e fique um cachorro sossegado, com bastante pelo e as duas orelhas de pé! Você vai ficar lindo quando crescer, Biruta, eu sei que vai!”

— Alonso! — Era a voz de Leduína. — Deixe de falar sozinho e traga logo essa bacia. Já está quase noite, menino.

— Chega de dormir, seu vagabundo! — disse Alonso espargindo água no focinho do cachorro. Biruta abriu os olhos, bocejou com um ganido e levantou-se, estirando as patas dianteiras, num longo espreguiçamento. O menino equilibrou penosamente a bacia na cabeça. Biruta seguiu-o aos pulos, mordendo-lhe os tornozelos, dependurando-se com os dentes na barra do seu avental.

— Aproveita, seu bandidinho! — riu-se Alonso.

— Aproveita que eu estou com a mão ocupada, aproveita!

Assim que colocou a bacia na mesa, ele inclinou-se para agarrar o cachorro. Mas Biruta esquivou-se, latindo. O menino vergou o corpo sacudido pelo riso.

— Ai, Leduína, que o Biruta judiou de mim!... A empregada pôs-se a guardar rapidamente a louça. Estendeu-lhe uma caçarola com batatas:

— Olha aí para o seu jantar. Tem ainda arroz e carne no forno.

— Mas só eu vou jantar? — surpreendeu-se Alonso, ajeitando a caçarola no colo.

— Hoje é dia de Natal, menino. Eles vão jantar fora, eu também tenho a minha festa. Você vai jantar sozinho.

— Alonso inclinou-se. E espiou apreensivo para debaixo do fogão. Dois olhinhos brilharam no escuro: Biruta ainda estava lá. Alonso suspirou. Era tão bom quando Biruta resolvia se sentar!

Melhor ainda quando dormia. Tinha então a certeza de que não estava acontecendo nada. A trégua. Voltou-se para Leduína.

— O que o seu filho vai ganhar?

— Um cavalinho — disse a mulher. A voz suavizou. — Quando ele acordar amanhã, vai encontrar o cavalinho dentro do sapato dele. Vivia me atormentando que queria um cavalinho, que queria um cavalinho...

Alonso pegou uma batata cozida, morna ainda. Fechou-a nas mãos arroxeadas.

— Lá no asilo, no Natal, apareciam umas moças com uns saquinhos de balas e roupas. Tinha uma que já me conhecia, me dava sempre dois pacotinhos em lugar de um. A madrinha. Um dia, me deu sapatos, um casaquinho de malha e uma camisa.

— Por que ela não ficou com você?

— Ela disse uma vez que ia me levar, ela disse. Depois, não sei por que ela não apareceu mais...

Deixou cair na caçarola a batata já fria. E ficou em silêncio, as mãos abertas em torno da vasilha. Apertou os olhos. Deles, irradiou-se para todo o rosto uma expressão dura. Dois anos seguidos esperou por ela. Pois não prometera levá-lo? Não prometera? Nem lhe sabia o nome, não sabia nada a seu respeito, era apenas “a madrinha”. Inutilmente a procurava entre as moças que apareciam no fim do ano com os pacotes de presentes. Inutilmente cantava mais alto do que todos no fim da festa, quando então se reunia aos meninos na capela. Ah, se ela pudesse ouvi-lo! “...O bom Jesus é quem nos traz a mensagem de amor e alegria”...

— Também, é muita responsabilidade tirar criança pra criar! — disse Leduína desamarrando o avental. — Já chega os que a gente tem.

Alonso baixou o olhar. E de repente, sua fisionomia iluminou-se. Puxou o cachorro pelo rabo.

— Êh, Biruta! Está com fome, Biruta? Seu vagabundo! vagabundo!... Sabe, Leduína, Biruta também vai ganhar um presente que está escondido lá debaixo do meu travesseiro. Com aquele dinheirinho que você me deu, lembra? Agora ele não vai precisar mais morder suas coisas, tem a bolinha só pra isso. Ele não vai mais mexer em nada, sabe, Leduína?

— Hoje cedo ele não esteve no quarto de dona Zulu? O menino empalideceu.

— Só se foi na hora que fui lavar o automóvel... Por que, Leduína? Por quê? Que foi que aconteceu? Ela hesitou. E encolheu os ombros.

— Nada. Perguntei à toa. A porta abriu-se bruscamente e a patroa apareceu. Alonso encolheu-se um pouco. Sondou a fisionomia da mulher. Mas ela estava sorridente. O menino sorriu também.

— Ainda não foi pra sua festa, Leduína? — perguntou a moça num tom afável. Abotoava os punhos do vestido de renda. — Pensei que você já tivesse saído... — E antes que a empregada respondesse, ela voltou-se para Alonso: — Então? Preparando seu jantarzinho?

O menino baixou a cabeça. Quando ela lhe falava assim mansamente, ele não sabia o que dizer.

— O Biruta está limpo, não está? — prosseguiu a mulher, inclinando-se para fazer uma carícia na cabeça do cachorro. Biruta baixou as orelhas, ganiu dolorido e escondeu-se debaixo do fogão. Alonso tentou encobrir-lhe a fuga:

— Biruta, Biruta! Cachorro mais bobo, deu agora de se esconder... — Voltou-se para a patroa. E sorriu desculpando-se: — Até de mim ele se esconde.

A mulher pousou a mão no ombro do menino:

— Vou numa festa onde tem um menininho assim do seu tamanho. Ele adora cachorros. Então me lembrei de levar o Biruta emprestado só por esta noite, O pequeno está doente, vai ficar radiante, o pobrezinho. Você empresta seu Biruta só por hoje, não empresta? O automóvel já está na porta. Ponha ele lá que estamos de saída. O rosto do menino resplandeceu. Mas então era isso?!... Dona Zulu pedindo Biruta emprestado, precisando do Biruta! Abriu a boca para dizer-lhe que sim, que o Biruta estava limpinho e que ficaria contente de emprestá-lo ao menino doente. Mas sem dar-lhe tempo de responder a mulher saiu apressadamente da cozinha.

Viu, Biruta? Você vai numa festa! — exclamou. — Numa festa com crianças, com doces, com tudo! Numa festa, seu sem-vergonha! — repetiu, beijando o focinho do cachorro. — Mas, pelo amor de Deus, tenha juízo, nada de desordens! Se você se comportar, amanhã cedinho te dou uma coisa. Vou te esperar acordado, hem? Tem um presente no seu sapato... — acrescentou num sussurro, com a boca encostada na orelha do cachorro. Apertou-lhe a pata.

— Te espero acordado, Biru... Mas não demore muito!

O patrão já estava na direção do carro. Alonso aproximou-se.

— O Biruta, doutor.

O homem voltou-se ligeiramente. Baixou os olhos.

— Está bem, está bem. Deixe ele aí atrás.

Alonso ainda beijou o focinho do cachorro. Em seguida, fez-lhe uma última carícia, colocou-o no assento do automóvel e afastou-se correndo.

— Biruta vai adorar a festa! — exclamou assim que entrou na cozinha. — E lá tem doces, tem crianças, ele não quer outra coisa! — Fez uma pausa. Sentou-se. — Hoje tem festa em toda parte, não, Leduína? A mulher já se preparava para sair.

— Decerto. Alonso pôs-se a mastigar pensativamente. — Foi hoje que Nossa Senhora fugiu no burrinho?

— Não, menino. Foi hoje que Jesus nasceu. Depois então é que aquele rei manda prender os três.

Alonso concentrou-se:

— Estava.

— E tão boazinha. Você não achou que hoje ela estava boazinha?

— Estava, estava muito boazinha...

— Por que você está rindo?

— Nada — respondeu ela pegando a sacola. Dirigiu-se à porta. Mas antes, parecia querer dizer qualquer coisa de desagradável e por isso hesitava, contraindo a boca.

Alonso observou-a. E julgou adivinhar o que a preocupava.

— Sabe, Leduína, você não precisa dizer pra dona Zulu que ele mordeu sua carteirinha, eu já falei com ele, já surrei ele. Não vai fazer mais isso nunca, eu prometo que não.

A mulher voltou-se para o menino. Pela primeira vez, encarou-o. Vacilou ainda um instante.

Decidiu-se:

— Olha aqui, se eles gostam de enganar os outros, eu não gosto, entendeu? Ela mentiu pra você, Biruta não vai mais voltar.

— Sabe, Leduína, se algum rei malvado quisesse matar o Biruta, eu me escondia com ele no meio do mato e ficava morando lá a vida inteira, só nós dois! — Riu-se metendo uma batata na boca. E de repente ficou sério, ouvindo o ruído do carro que já saía. — Dona Zulu estava linda, não?

— Não vai o quê? — perguntou Alonso pondo a caçarola em cima da mesa. Engoliu com dificuldade o pedaço de batata que ainda tinha na boca. Levantou-se. — Não vai o quê, Leduína?

— Não vai mais voltar. Hoje cedo ele foi no quarto dela e rasgou um pé de meia que estava no chão. Ela ficou daquele jeito. Mas não te disse nada e agora de tardinha, enquanto você lavava a louça, escutei a *conversa* dela com o doutor: que não queria mais esse vira-lata, que ele tinha que ir embora hoje mesmo, e mais isso, e mais aquilo... O doutor pediu pra ela esperar, que amanhã dava um jeito, você ia sentir muito, hoje era Natal... Não adiantou. Vão soltar o cachorro bem longe daqui e depois seguem pra festa. Amanhã ela vinha dizer que o cachorro fugiu da casa do tal menino. Mas eu não gosto dessa história de enganar os outros, não gosto. É melhor que você fique sabendo desde já, o Biruta não vai voltar.

Alonso fixou na mulher o olhar inexpressivo. Abriu a boca. A voz era um sopro.

— Não?..

Ela perturbou-se.

— Que gente também! — explodiu. Bateu desajeitadamente no ombro do menino.

— Não se importe, não, filho. Vai, vai jantar.

Ele deixou cair os braços ao longo do corpo. E arrastando os pés, num andar de velho, foi saindo para o quintal. Dirigiu-se à garagem.

A porta de ferro estava erguida. A luz fria do luar chegava até a borda do colchão desmantelado. Alonso cravou os olhos brilhantes num pedaço de osso roído, meio encoberto sob um rasgão do lençol. Ajoelhou-se. Estendeu a mão tateante. Tirou debaixo do travesseiro uma bola de borracha.

— Biruta — chamou baixinho. — Biruta... — e desta vez só os lábios se moveram e não saiu som algum.

Muito tempo ele ficou ali ajoelhado, segurando a bola. Depois apertou-a fortemente contra o coração.

De conto em conto, vol.2. Editora Ática, São Paulo. 2002.

Passeio

Fernando Sabino

Aonde vamos, papai?

Seguiam devagar, de mãos dadas, em direção ao túnel. Ele olhou em redor, desorientado.

– Dar um passeio... Vamos passar pelo túnel – resolveu. – A pé, você já passou pelo túnel a pé?

– Não – disse a menina, extasiada. Num passeio com o pai, tudo era motivo de prazer. – A gente pode?

– Pode. Tem um lugar do lado que é para a gente passar.

– De que é feito o túnel, papai?

De que era feito o túnel? Essa era uma pergunta meio tola. Tinha oito anos e parecia inteligente... O túnel era um buraco na montanha, não era feito de nada.

– Ah...

De repente, porém, ela o surpreendeu:

– Túnel deprime muito a gente.

– Deprime? Com quem você aprendeu isso?

– Com mamãe: nós duas andamos muito deprimidas.

Positivamente, a mulher deveria ter mais cuidado com o que falava. O que seria daquela menina, sem ele perto, para... para...

– E por que vocês andam deprimidas?

– Não sei: acho que é porque não temos vontade de comer.

Era preciso falar – e falar com jeito, sem escandalizar a menina, assustá-la para a vida. Não dê motivo fútil – era o que recomendavam. O que uma menina de oito anos entenderia por motivo fútil?

– Você já está mocinha – tentou, desajeitadamente, e não soube continuar.

– Aonde nós vamos, papai?

Sáiram do túnel. O melhor era procurar um lugar calmo, sossegado. Uma confeitaria, talvez.

– Você quer tomar um sorvete?

– Mamãe disse que está muito frio.

– Não tem importância – disse ele apressadamente: – Vamos tomar um sorvete.

Satisfeitos ambos com a resolução, entraram num ônibus e saltaram à porta da confeitaria. Ela se deteve junto à vitrine:

– Olha, papai, que bonito.

Era uma horrorosa caixa de bombons em forma de coração.

– Dou de presente, você quer? – e puxou-a pelo braço, em direção à entrada. Dar-lhe-ia tudo que quisesse, como a comprar sua simpatia para o que tinha a dizer.

– Mamãe falou que não posso comer bombom senão não janto.

– Hoje você pode, sim.

A mãe também estava exagerando, oprimindo a menina. Não tinha nada de mais comer um bombom de vez em quando. E aquele dia não era um dia comum – pensou, sem perceber que violentava as regras intransigentes de educação da filha que ele próprio firmara e que a mulher agora não fazia senão obedecer. Oprimindo a menina. Nós duas andamos muito deprimidas.

Pessoas entravam e saíam da confeitaria, movimentada àquela hora da tarde. Moças e rapazes esperavam à mesa, conversando em grupos, alguns olharam aquele homem tímido, meio curvado, que entrava com uma menina pela mão. Sentiu-se constrangido no ambiente elegante da confeitaria, sentiu-se velho entre aqueles rapazes de suéter e aquelas moças de calça comprida, como rapazes. Em dez anos a filha estaria assim. Dez anos passam depressa. Dez anos haviam passado.

– Aqui não tem lugar – disse ele, contendo a menina. – Vamos ali para o fundo.

Passaram ao outro lado da confeitaria, de aspecto mais humilde.

– Aqui tem sorvete também. Não está bom?

A menina sacudiu a cabeça, submissa:

– Lá na frente era melhor...

– Lá na frente não tem lugar.

– Mas aqui não tem bombom.

– Ah, me esqueci de sua caixa de bombons! Espere aí que eu vou buscar.

Sentou-se a uma das mesas e ordenou ao garçom:

– Traga um sorvete para esta menina. Que sorvete você quer, minha filha? De coco? Chocolate?

– *Milk shake* – disse ela, com displicência, o garçom logo a entendeu. O pai olhou-a espantado:

– Que é que você pediu?

– *Milk shake*. Venho aqui sempre com mamãe e ela pede *milk shake*.

– Então espera aí direitinho que vou buscar seus bombons, volto já.

Passou à outra parte da confeitaria, dirigiu-se ao balcão:

– Quero aquela caixa de bombons que está ali na vitrine, aquela feia, em forma de coração.

De longe avistou a filha, perninhas dependuradas, a chupar o canudo do refresco, olhos vagos, distraídos, inconstantes – os olhos da mãe.

– Demorei? – e sentou-se ao lado dela.

– Fiquei com medo de você ir embora.

– Então eu ia fazer uma coisa dessas, minha filha, ir embora?

A menina apontou a mesa com os olhos, sem abandonar a palha do refresco:

– Pedi um *Milk shake* para você.

Ele se ajeitou na cadeira e acendeu um cigarro. Chegara o momento – como começar?

– Você sentiu saudade do papai?

– Não, porque você demorou pouco. Comprou?

– Comprei, olha aqui – exibiu-lhe o embrulho.

– Vou levar para mamãe – resolveu ela, subitamente inspirada. – Pode?

– Pode – e ela passou a mão pelo rosto, desconcertado. – Um presente seu para ela.

– Meu, não: seu – fez a menina, como a experimentá-lo. Não respondeu. Ela voltara a chupar o canudo de palha, agora soprava para dentro do copo, fazendo espuma no refresco.

– Eu pergunto se você sentiu saudade de mim não foi agora não, foi quando estive viajando.

– Você esteve viajando mesmo?

Meu Deus, como começar? Era preciso começar, já se fazia tarde, o refresco se acabava, em pouco tinha de levá-la de volta para a mãe. Estivera viajando sim, por que haveria de mentir?

– E chegou assim, sem mala, sem nada?

– É porque eu cheguei... Isto é... Olha aqui, toma este outro também, papai não está com vontade – e passou-lhe o copo.

– Assim não janto e mamãe zanga – disse ela, indecisa, a boca a meio caminho do segundo refresco.

– Não tinha importância. Diga que fui eu.

Não tinha importância – o importante era dizer, contar tudo, escandalizar, violentar a inocência da menina. Assim recomendavam todos hoje em dia: as crianças devem saber tudo, porque senão inventam por conta própria, e é pior. O que não é capaz de inventar uma criança? Antigamente na escola, entre as amigas, a criança se sentia a única, mas hoje em dia podia-se dizer que era a regra, tantos casais separados! E sacudiam a cabeça, convictos: sobretudo não dê motivo fútil.

– Escuta, minha filha, você é uma mocinha, já deve saber as coisas.

Voltava à fórmula da mocinha. Agora era continuar, custasse o que custasse. Daria tudo para não viver jamais aquele instante. Pensou se não seria bom tomar antes um conhaque.

– Estive viajando sim, mas não é só por isso que não estou morando mais com você. Agora, por exemplo, já cheguei e não vou dormir lá em casa.

– Onde é que você vai dormir?

– Noutro lugar – respondeu ele, evasivo: não pensava em dizer onde estava morando, ela poderia querer ir com ele.

– E quem é que vai dormir com a mamãe?

A pergunta apanhou-o desprevenido, sentiu-se jogado de súbito naquela atmosfera de ansiedade que precedera a separação.

– Me diga uma coisa, filhinha – ele não resistia, e se inclinava, ansioso, sobre a mesa, segurando a mão da filha: – Você disse que vem aqui sempre com sua mãe... Sozinha? Não vem ninguém mais com vocês?

A menina limitou-se a negar com a cabeça, sempre tomando o refresco.

– E lá em casa? Tem ido alguém visitar mamãe?

Desta vez ela sacudiu a cabeça afirmativamente.

– Quem?

Desgarrou os lábios da palha já amassada para responder:

– Vovó.

Ele chamou o garçom e pediu um conhaque. Voltou a acomodar-se na cadeira, perturbado. Não interessava! Tudo acabado para sempre. Agora restava contar a filha:

– Sabe, filhinha, você já é uma... Bem, isso eu já disse. Quero dizer o seguinte: você sabe que papai gosta muito de sua mãe...

Antes de mais nada, deixar bem a mãe: era o que também aconselhavam. Tomou de uma só vez o conhaque e prosseguiu:

– Sua mãe é muito boa, sabe? Muito boa mesmo, gosta muito de você, você deve ser muito obediente e boazinha para ela.

Não, não era isso. Precisava dizer logo, ou não diria nunca:

– Papai gosta dela e ela de papai. Mas acontece, sabe? que ela é muito diferente do papai, gosta de uma coisa, papai de outra...

Motivo fútil. O que não seria motivo fútil?

– Bem, eu e sua mãe gostamos muito um do outro mas eu andava muito cansado, trabalhando o dia todo, sua mãe muito nervosa, nós vivíamos discutindo... brigando...

– Se gostam, por que é que brigam?

Foi a única vez que a menina o interrompeu. Dali por diante ficou calada, olhando para outro lado, e ele prosseguiu como pôde, dizendo: ela não tinha uma amiguinha no colégio? não gostavam uma da outra? e de vez em quando não brigavam? Pois então? Com eles também era assim. E para viver junto era preciso não brigar nunca, era preciso ser muito bom um para o outro, era preciso...

– Minha filha, você não está me escutando.

– Estou sim, papai...

A menina terminara o refresco e agora riscava distraidamente a mesa com a palha umedecida.

– Que é que estou dizendo?

Ela voltou-se para ele:

– Está dizendo que você e mamãe vão separar.

Ele respirou fundo, num misto de angústia e alívio:

– Mas vou visitar vocês sempre...

– Eu sei.

– Posso levar você para passear.


– Sei.

– Posso... Posso...

Ela se levantou, puxando-o pela mão:

– Papai, me leva embora que já está ficando tarde.

– Minha filha – disse ele, confuso e comovido, e não resistiu, tomou-a no



colo, abraçou-a com força, enquanto lágrimas lhe enchiam os olhos. Quis falar e as palavras se prenderam num engasgo. Um casal sentado ao fundo da confeitaria, mãos dadas sobre a mesa, voltou-se curiosamente para vê-lo. Ele depositou a menina no chão, sem que ela oferecesse resistência. Chamou o garçom, pagou, reteve a filha:

– Olha, você está esquecendo os bombons.

Saíram, e a menina o conduzia pela mão, como a um cego.

De conto em conto, vol.2. Editora Ática, São Paulo. 2002.

Nhola dos Anjos e a cheia do Corumbá

Bernardo Élis

— Fio, fais um zoio de boi lá fora pra nois.

— O menino saiu do rancho com um baixeiro na cabeça, e no terreiro, debaixo da chuva miúda e continuada, enfiou o calcanhar na lama, rodou sobre ele o pé, riscando com o dedão uma circunferência no chão mole — outra e mais outra. Três círculos entrelaçados, cujos centros formavam um triângulo equilátero.

Isto era simpatia para fazer estiar. E o menino voltou: — Pronto, vó.

— O rio já encheu mais? — perguntou ela.

— Chi, tá um mar d'água! Qué vê, espia, — e apontou com o dedo para fora do rancho. A velha foi até a porta e lançou a vista. Para todo lado havia água. Somente para o sul, para a várzea, é que estava mais enxuto, pois o braço do rio aí era pequeno. A velha voltou para dentro, arrastando-se pelo chão, feito um cachorro, cadela, aliás: era entrevada. Havia vinte anos apanhara um “ar de estupor” e desde então nunca mais se valera das pernas, que murcharam e se estorceram.

Começou a escurecer nevroticamente. Uma noite que vinha vagarosamente, irremediavelmente, como o progresso de uma doença fatal.

O Quelemente, filho da velha, entrou. Estava ensopadinho da silva. Dependurou numa forquilha a caroca, — que é a maneira mais analfabeta de se esconder da chuva, — tirou a camisa molhada do corpo e se agachou na beira da fornalha.

— Mãe, o vau tá que tá sumino a gente. Este ano mesmo, se Deus ajudá, nois se muda.

Onde ele se agachou, estava agora uma lagoa, da água escorrida da calça de algodão grosso.

A velha trouxe-lhe um prato de folha e ele começou a tirar, com a colher de pau, o feijão quente da panela de barro. Era um feijão brancacento, cascudo, cozido sem gordura. Derrubou farinha de mandioca em cima, mexeu e pôs-se a fazer grandes capitães com a mão, com que entrouxava a bocarra.

Agora a gente só ouvia o ronco do rio lá embaixo — ronco confuso, rouco, ora mais forte, ora mais fraco, como se fosse um zunzum subterrâneo.

A calça de algodão cru do roceiro fumegava ante o calor da fornalha, como se pegasse fogo.

Já tinha pra mais de oitenta anos que os dos Anjos moravam ali na foz

do Capivari no Corumbá. O rancho se erguia num morrote a cavaleiro de terrenos baixos e paludosos. A casa ficava num triângulo, de que dois lados eram formados por rios, e o terceiro, por uma vargem de buritis. Nos tempos de cheias os habitantes ficavam ilhados, mas a passagem da várzea era rasa e podia-se vadear perfeitamente.

No tempo da guerra do Lopes, ou antes ainda, o avô de Quelemente veio de Minas e montou ali sua fazenda de gado, pois a formação geográfica construíra um excelente apartador. O gado, porém, quando o velho morreu, já estava quase extinto pelas ervas daninhas. Daí para cá foi a decadência. No lugar da casa de telhas, que ruiu, ergueram um rancho de palhas. A erva se incumbiu de arrasar o resto do gado e as febres as pessoas.

“— Este ano, se Deus ajudá, nois se muda.” Há quarenta anos a velha Nhola vinha ouvindo aquela conversa fiada. A princípio fora seu marido: “— Nois precisa de mudá, praquê senão a água leva nois”. Ele morreu de maleita e os outros continuaram no lugar. Depois era o filho que falava assim, mas nunca se mudara. Casara-se ali: tivera um filho; a mulher dele, nora de Nhola, morreu de maleita. E ainda continuaram no mesmo lugar a velha Nhola, o filho Quelemente e o neto, um biruzinho sempre perrengado.

A chuva caía meticulosamente, sem pressa de cessar. A palha do rancho porejava água, fedia a podre, derrubando dentro da casa uma infinidade de bichos que a sua podridão gerava. Ratos, sapos, baratas, grilos, aranhas, o diabo refugiava-se ali dentro, fugindo à inundação, que aos poucos ia galgando a perambeira do morrote. Quelemente saiu ao terreiro e olhou a noite. Não havia céu, não havia horizonte — era aquela coisa confusa, translúcida e pegajosa. Clareava as trevas o branco leitoso das águas que cercavam o rancho. Ali pras bandas da vargem é que ainda se divisava o vulto negro e mal recortado do mato. Nem uma estrela. Nem um pirilampo. Nem um relâmpago. A noite era feito um grande cadáver, de olhos abertos e embaciados. Os gritos friorentos das marrecas povoavam de terror o ronco medonho da cheia.

No canto escuro do quarto, o pito da velha Nhola acendia-se e apagava-se sinistramente, alumando seu rosto macilento e fuxicado.

— Ocê bota a gente hoje em riba do jirau, viu? — pediu ela ao filho. — Com essa chuva de dilúvio, tudo quanto é mundice entra pro rancho e eu num quero drumi no chão não.

Ela receava a baita cascavel que inda agorinha atravessara a cozinha numa intimidade pachorrenta.

Quelemente sentiu um frio ruim no lombo. Ele dormia com a roupa ensopada, mas aquele frio que estava sentindo era diferente. Foi puxar o baixeiro e nisto esbarrou com água. Pulou do jirau no chão e a água subiu-lhe ao umbigo. Sentiu um aperto no coração e uma tonteira enjoada. O rancho estava visco-

samente iluminado pelo reflexo do líquido. Uma luz cansada e incômoda, que não permitia divisar os contornos das coisas. Dirigiu-se ao jirau da velha. Ela estava agachada sobre ele, com um brilho aziago no olhar.

Lá fora o barulhão confuso, subterrâneo, sublinhado pelo uivo de um cachorro.

— Adonde será que tá o chulinho?

Foi quando uma parede do rancho começou a desmoronar. Os torrões de barro do pau-a-pique se desprendiam dos amarrilhos de embiras e caíam ná-gua com um barulhinho brincalhão — tchibungue — tibungue. De repente, foi-se todo o pano de parede. As águas agitadas vieram banhar as pernas inú-teis de mãe Nhola:

— Nossa Senhora d’Abadia do Muquém!

— Meu Divino Padre Eterno!

O menino chorava aos berros, tratando de subir pelos ombros da estupo-rada e alcançar o teto. Dentro da casa, boiavam pedaços de madeira. cuias, coités, trapos e a superfície do líquido tinha umas contorções diabólicas de espasmos epiléticos, entre as espumas alvas.

— Cá, nego, cá, nego — Nhola chamou o chulinho que vinha nadando pelo quarto, soprando a água. O animal subiu ao jirau e sacudiu o pelo molhado, tremulo, e começou a lamber a cara do menino.

O teto agora começava a desabar, estralando, arriando as palhas no rio, com um vagar irritante, com uma calma perversa de suplício. Pelo vão da pa-rede desconjuntada podia-se ver o lençol branco. — que se diluía na cortina diáfana. leitosa do espaço repleto de chuva. — e que arrastava as palhas, as taquaras da parede. os detritos da habitação. Tudo isso descia em longa fila, aos mansos boleus das ondas, ora valsando em torvelinhos, ora parando nos remansos enganadores. A porta do rancho também ia descendo. Era feita de paus de buritis amarrados por embiras.

Quelemente nadou. apanhou-a, colocou em cima a mãe e o filho, tirou do teto uma ripa mais comprida para servir de varejão, e lá se foram deri-vando, nessa jangada improvisada.

— E o chulinho? — perguntou o menino, mas a única resposta foi mesmo o uivo do cachorro.

Quelemente tentava atirar a jangada para a vargem. a fim de alcançar as árvores. A embarcação mantinha-se a coisa de dois dedos acima da superfície das águas, mas sustinha satisfatoriamente a carga. O que era preciso era al-cançar a vargem, agarrar-se aos galhos das árvores. sair por esse único ponto mais próximo e mais seguro. Daí em diante o rio pegava a estreitar-se entre

barrancos atacados, até cair na cachoeira. Era preciso evitar essa passagem, fugir dela. Ainda se se tivesse certeza de que a enchente houvesse passado acima do barranco e extravasado pela campina adjacente a ele, podia-se salvar por ali. Do contrário, depois de cair no canal, o jeito era mesmo espatifar-se na cachoeira.

— É o mato? — perguntou engasgadamente Nhola, cujos olhos de pua furavam o breu da noite.

Sim. O mato se aproximava. discerniam-se sobre o líquido grandes manchas, sonambulicamente pesadas, emergindo do insondável— deviam ser as copas das árvores. De súbito, porém, a sirga não alcançou mais o fundo. A correnteza pegou a jangada de chofre, fê-la tornejar rapidamente e arrebatou-a no lombo espumarento. As três pessoas agarraram-se freneticamente aos buritis, mas um tronco de árvore que derivava chocou-se com a embarcação, que agora corria na garupa da correnteza.

Quelemente viu a velha cair nágua, com o choque, mas não pôde nem mover-se: procurava, por milhares de cálculos, escapar à cachoeira, cujo rugido se aproximava de uma maneira desesperadora. Investigava a treva, tentando enxergar os barrancos altos daquele ponto do curso. Esforçava-se para identificar o local e atinar com um meio capaz de os salvar daquele estrugir encapetado da cachoeira.

A velha debatia-se, presa ainda à jangada por uma mão, dependendo esforços impossíveis por subir novamente para os buritis. Nisso Quelemente notou que a jangada já não suportava três pessoas. O choque com o tronco de árvore havia arreventado os atilhos e metade dos buritis havia-se desligado e rodado. A velha não podia subir, sob pena de irem todos para o fundo. Ali já não cabia ninguém. Era o rio que reclamava uma vítima.

As águas roncavam e cambalhotavam espumejantes na noite escura que cegava os olhos, varrida de um vento frio e sibilante. A nado, não havia força capaz de romper a correnteza nesse ponto. Mas a velha tentava energicamente trepar novamente para os buritis, arrastando as pernas mortas que as águas metiam por baixo da jangada. Quelemente notou que aquele esforço da velha estava fazendo a embarcação perder a estabilidade. Ela já estava quase abaixo das águas. A velha não podia subir. Não podia. Era a morte que chegava, abraçando Quelemente com o manto líquido das águas sem fim. Tapando a sua respiração, tapando seus ouvidos, seus olhos, enchendo sua boca de água, sufocando-o, sufocando-o, apertando sua garganta. Matando seu filho que era perrengue e estava grudado nele.

Quelemente segurou-se bem aos buritis e atirou um coice valente na cara aflissurada da velha Nhola. Ela afundou-se para tornar a aparecer, presa ainda à borda da jangada, os olhos fuzilando numa expressão de incompreensão e

terror espantado. Novo coice melhor aplicado e um tufo d' água espirrou no escuro. Aquele último coice, entretanto, desequilibrou a jangada, que fugiu das mãos de Quelemente, desamparando-o no meio do rio.

Ao cair, porém, sem querer, ele sentiu sob seus pés o chão seguro. Ali era um lugar raso. Devia ser a campina adjacente ao barranco. Era raso. O diabo da correnteza, porém, o arrastava. de tão forte. A mãe, se tivesse pernas vivas, certamente teria tomado pé, estaria salva. Suas pernas, entretanto, eram uns molambos sem governo, um estorvo.

Ah! se ele soubesse que aquilo era raso, não teria dado dois coices na cara da velha, não teria matado uma entrevada que queria subir para a jangada num lugar raso, onde ninguém se afogaria se a jangada afundasse...

Mas quem sabe ela estava ali, com as unhas metidas no chão, as pernas escorrendo ao longo do rio?

Quem sabe ela não tinha rodado? Não tinha caído na cachoeira. Cujo ronco escurecia mais ainda atreva?

— Mãe. Ô. mãe!

— Mãe, a senhora tá aí?

E as águas escachoantes, rugindo, espumejando, refletindo cinicamente a treva do ceu parado, do ceu defunto, do ceu entrevado, estuporado.

— Mãe, ô, mãe! Eu num sabia que era raso.

— Espera aí, mãe!

O barulho do rio ora crescia, ora morria e Quelemente foi-se metendo por ele a dentro. A água barrenta e furiosa tinha vozes de pesadelo, resmungo de fantasmas, tímbrs de mãe ninando filhos doentes, uivos ásperos de cães danados. Abriam-se estranhas gargantas resfolegantes nos torvelinhos malucos e as espumas de noivado ficavam boiando por cima, como flores sobre túmulos.

— Mãe! — lá se foi Quelemente, gritando dentro da noite, até que a água lhe encheu a boca aberta, lhe tapou o nariz, lhe encheu os olhos arregalados, lhe entupiu os ouvidos abertos à voz da mãe que não respondia, e foi deixá-lo, empazinado, nalgum perau distante, abaixo da cachoeira.

Caminhos das Gerais, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975



SEQUÊNCIA DIDÁTICA – 7º ANO

CHARGE

LÍNGUA PORTUGUESA

“A partir dos estudos acerca da Reorientação Curricular, pude perceber a importância das Sequências Didáticas para o planejamento escolar, pois elas visam trabalhar com conteúdos advindos das Matrizes Curriculares aliados à realidade dos alunos, dando sentido a tudo aquilo que se ensina na escola.”

Lidinéia Ferreira da Silva Oliveira
Catalão/GO

“Não basta saber o **que** ensinar. **Como** ensinar é essencial! Por isso as sequências didáticas que nos foram apresentadas são de grande auxílio.”

Profª. Elcineia Coutinho Rodrigues
Goiânia/GO

“As discussões acerca da concepção da área, competências e habilidades, gêneros e tipos de textos, relatos de experiências, estão sendo muito produtivas..., além de ser muito rica a propostas de elaboração das matrizes de 6º ao 9º ano com a nossa participação.”

Profª Gilda Maria Barbosa da Costa
Cidade de Goiás/GO

“...mesmo tendo os cadernos de Reorientação Curricular em mãos, precisamos de momentos reflexivos como este, pois a troca de experiências entre colegas é algo muito enriquecedor para o nosso desempenho profissional.”

Profª. Maria Leide Moreira Neves
Itapaci/GO

CHARGE

Autores

Arivaldo Alves Vila Real¹
Arminda Maria de Freitas Santos²
Carla Vieira de Freitas³
Débora Cunha Freire⁴
Hérica de Souza Nascimento Meyer⁵
Kássia Miguel⁶
Marilda de Oliveira Rodovalho⁷
Marlene Carlos Pereira⁸
Rosely Aparecida Wanderley Araújo⁹

Colaboradores

Altair José Mendes¹⁰
Ana Ilda S. Barbosa¹¹
Ana Luiza N. Lira¹²
Ana Maria dos Santos Lucas¹³
Ana Rosa Ferreira da Cunha¹⁴
Andréa Jacinta da Costa¹⁵
Aparecida da Penha Silva Francisco¹⁶

Aurora Alves Zanal¹⁷
Carla Branca P. de Castro¹⁸
Carlos Sérgio Ribeiro Santana¹⁹
Caroline Sousa Carvalho²⁰
Célia de Fátima C. de Campos²¹
Claudete Moreira Vargas Borges²²
Cláudia Ferreira dos Reis Modanês²³
Cléria Borges da Silva²⁴
Cleusa Maria Marques²⁵
Dayane Pereira Peixoto²⁶
Dirce Alves de Oliveira Pinto²⁷
Divina Lúcia R. de S. Barbosa²⁸
Edmilson R. Ribeiro Júnior²⁹
Elenice Abadia Dourado³⁰
Elenice de Castro Alves Macedo³¹
Eliane Amaral Martins³²
Eliete Daris de Sousa Lima³³
Elizânia R. Oliveira³⁴
Eulimar A. de Sousa S.³⁵
Eurípedes de F. Almeida³⁶

1 Especialista em Língua Portuguesa e Gestor de Currículo da SEDUC/GO
2 Especialista em Planejamento Educacional, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
3 Graduada em Letras e em Economia, especialista em Gestão Empresarial Educacional e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
4 Especialista em Métodos e Técnicas de Ensino, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
5 Especialista em Língua Portuguesa e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
6 Especialista em Docência do Ensino Superior, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
7 Mestre em Estudos Linguísticos e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
8 Graduada em Letras, especialista em Estudos Socioambientais e Culturais e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
9 Especialista em Língua Portuguesa, autora de propostas curriculares e Gestora de Currículo da SEDUC/GO
10 Colégio Estadual Professor Genesco F. Bretas. Goiânia
11 Colégio Estadual Pedro Xavier Teixeira. Goiânia
12 Colégio Estadual Dom Abel. Goiânia
13 Colégio Estadual Nazir Safatle. Goiânia
14 Colégio Estadual Major Alberto Nóbrega. Goiânia
15 Colégio Estadual Senador Antônio Caiado. SRE Pires do Rio
16 Colégio Est. Alvimir Faria dos Anjos. Nova América. SRE Rubiataba

17 Colégio Estadual Verany M. de Oliveira. Goiânia
18 Colégio Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha. SRE Pires do Rio
19 Colégio Est. Alvimir Faria dos Anjos. Nova América. SRE Rubiataba
20 Colégio Estadual Deputado José Alves de Assis. Minciros
21 Colégio Estadual Monsenhor D. P. de Figueiredo. SRE de Pires do Rio
22 Colégio Estadual Jardim Balneário Meia Ponte. Goiânia
23 Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira. Goiânia
24 Colégio Estadual Amália H. Teixeira. Goiânia
25 Colégio Estadual Setor Palmito. Goiânia
26 Colégio CPMG Airton Senna. Goiânia
27 Escola Estadual Professor Sebastião França. Goiânia
28 Colégio Estadual Maria Lusia de Oliveira. Goiânia
29 Instituto de Educação de Goiás. Goiânia
30 Colégio Estadual Sólon Amaral. Goiânia
31 Colégio Estadual Professor Sebastião França. Goiânia
32 Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas. Goiânia
33 Colégio Estadual Gonçalves Lêdo. Goiânia
34 Colégio Estadual Professora Alice P. Alves. Minciros
35 Colégio Estadual Dom Abel. Goiânia
36 Colégio Estadual Jayme Câmara.

Fábio Stoffel³⁷
Girlane Maria Nicolau³⁸
Gleyce Rosa Silva Santos³⁹
Helena de Lima Souza⁴⁰
Helenice Gonçalves Jesuíno⁴¹
Herlenita Lima P. Silva⁴²
Ivanilda A. L. dos Santos⁴³
Ivanilda Costa⁴⁴
Izabel Cristina Santos Nery⁴⁵
Jane M. Rincon⁴⁶
Janilda Flosina do Carmo⁴⁷
Joaquim dos Reis Lopes⁴⁸
José Abílio S. Messias⁴⁹
José Marcos Francisco França⁵⁰
José Paraguaçu da Penha⁵¹
Jossane Pagliarini de Melo⁵²
Juanita Carla M. Vaz⁵³
Juliana Apolinária⁵⁴
Kassiany Dourado de Carvalho⁵⁵
Leandra A. M. S. Rodrigues⁵⁶
Leide Maria de Lima Peixoto⁵⁷
Lenise Ribeiro Bastos⁵⁸
Lívia A. Silva⁵⁹

Lucélia Fátima de Oliveira⁶⁰
Lúcia Divina da Silva⁶¹
Lúcia Mara Alves Amorim⁶²
Lúcia Pereira dos Santos⁶³
Luciene Francisco Vieira⁶⁴
Luciene Marques da Silva Oliveira⁶⁵
Lucirlet de Fátima⁶⁶
Luzia Felizardo da Silva⁶⁷
Luzia Marina Keller Morloc⁶⁸
Magali de Melo Campos⁶⁹
Magda Barbosa Moura Brasil⁷⁰
Márcia Monteiro de Araújo⁷¹
Margareth Albino Borges⁷²
Maria Alice M. Bonacasata⁷³
Maria Angélica de M. Rosa⁷⁴
Maria Aparecida Vinhal⁷⁵
Maria Cecília M. Carneiro⁷⁶
Maria Conceição de A. Rodrigues Eleutério⁷⁷
Maria Conceição de Sena Benevides⁷⁸
Maria das Graças R. de Oliveira⁷⁹
Maria de Fátima Sousa Gonzaga⁸⁰
Maria de Jesus Gonçalves⁸¹
Maria de Oliveira Passos⁸²

-
- 37 Colégio Estadual Setor Palmito. Goiânia
38 Colégio Estadual Jardim Guanabara. Goiânia
39 Colégio Estadual N. Senhora De Lourdes. Goiânia
40 Colégio Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha. SRE Pires do Rio
41 Colégio Estadual Major Alberto Nóbrega. Goiânia
42 Escola Estadual Professor Pedro Gomes. Goiânia
43 Colégio Estadual Betel. SRE Pires do Rio
44 Colégio Estadual Ismael S. de Jesus. Goiânia
45 Colégio Estadual Especial Maria Lusia de Oliveira. Goiânia
46 Colégio Estadual Professor Ivan Ferreira. SRE Pires do Rio
47 Colégio Estadual Professor Eduardo Mancini. SER Pires do Rio
48 Colégio Estadual Finsocial. Goiânia
49 Colégio Estadual Eurípedes Barsanulfo. SRE Pires do Rio
50 Colégio Estadual José Pio de Santana. SRE Pires do Rio
51 Colégio Estadual João Bênnio. Goiânia
52 Colégio Estadual Professora Alice P. Alves. Mineiros
53 Colégio Estadual Senador José da Costa Pereira. SRE Pires do Rio
54 Colégio Estadual Mirian B. Ferreira. Goiânia
55 Colégio Estadual Jayme Câmara. Goiânia
56 Colégio Estadual Martins Borges. SRE Pires do Rio
57 Colégio CPMG Airton Senna. Goiânia
58 Colégio Estadual Aécio O. Andrade. Goiânia
59 Colégio Estadual Waldemar Múndin. Goiânia

-
- 60 Colégio Estadual Severiano Araújo. Goiânia
61 Colégio Estadual Rodolfo Braz de Queiroz. SRE Pires do Rio
62 Colégio Estadual Monsenhor D. P. de Figueiredo. SRE Pires do Rio
63 Colégio Estadual Professora Alice P. Alves. Mineiros
64 Colégio Estadual Dr. Vasco dos Reis Gonçalves. SRE Pires do Rio
65 Colégio Estadual Nazir Safatle. Goiânia
66 Colégio Estadual Pedro Xavier Teixeira. Goiânia
67 Colégio Estadual Professor José Carlos de Almeida. Goiânia
68 Colégio Estadual José Carlos de Almeida. Goiânia
69 Colégio Estadual Jornalista L. G. Contart. Goiânia
70 Colégio Estadual Sebastião Alves de Souza. Goiânia
71 Colégio Estadual Gonçalves Ledo. Goiânia
72 Colégio Estadual Jayme Câmara. Goiânia
73 Colégio Estadual Professor José Carlos de Almeida. Goiânia
74 Colégio Estadual Eurípedes Barsanulfo. SRE Pires do Rio
75 Colégio Estadual Ismael S. de Jesus. Goiânia
76 Colégio Estadual Professora Olga Mansur. Goiânia
77 Colégio Estadual Deputado José Luciano. Goiânia
78 Colégio Claretiano e Rotary. Goiânia
79 Instituto de Educação de Goiás. Goiânia
80 Colégio Estadual Ismael S. de Jesus. Goiânia
81 Colégio Estadual José Carlos de Almeida. Goiânia
82 Colégio Estadual Deputado José Luciano. Goiânia

Maria do Carmo Lopes⁸³
Maria do Rosário F. e Silva⁸⁴
Maria Ireni Vieira dos Santos⁸⁵
Maria Joaquina F. de Araújo⁸⁶
Maria Madalena Dias⁸⁷
Marilene Vilas Bôas⁸⁸
Marly Aparecida da Silva⁸⁹
Marta C. M. Dias⁹⁰
Meire Aparecida Contart da Silva⁹¹
Meire Ivone L. das Dores⁹²
Michele P. Mathias⁹³
Moema Jacob Della Rosa⁹⁴
Neide Mendes Pereira⁹⁵
Nilda Maria da Fonseca Oliveira⁹⁶
Nilson Replandes Santos⁹⁷
Nilza Valentino da Silva⁹⁸
Olga Gonçalves Pires⁹⁹
Olga Gonçalves Pires¹⁰⁰
Paula Martins Arruda¹⁰¹
Paulo Morais de Oliveira¹⁰²
Paulo Morais de Oliveira¹⁰³
Regina Cácia Ramos¹⁰⁴
Regina Rosiak¹⁰⁵

Rosa Maria Guimarães Correia¹⁰⁶
Rosana Aparecida de C. Sousa¹⁰⁷
Rosiene Braga de Faria e Silva¹⁰⁸
Sandra Cristina Menezes¹⁰⁹
Sarah Leonalda Cardoso¹¹⁰
Sheila Rocha da Silva¹¹¹
Simone da Silva Barros Fialho¹¹²
Simone M. Coutinho Rodrigues¹¹³
Sirlene Ricardo de Ávila¹¹⁴
Sônia Benedita de A. Lacerda¹¹⁵
Terezinha Maria de Castro¹¹⁶
Tielle Caroline Ribeiro¹¹⁷
Valéria Rosa de Oliveira¹¹⁸
Vanusa Maria Nogueira¹¹⁹
Verônica Mendes Coelho¹²⁰
Wanessa Maíra Santos da Silva¹²¹

Leitores críticos

Agostinho Potenciano de Souza¹²²
Anna Helena Altenfelder¹²³

83 Colégio Estadual Dom Abel. Goiânia
84 Colégio Estadual Senador José da C. Pereira. SRE Pires do Rio
85 Colégio Estadual Amália H. Teixeira. Goiânia
86 Colégio Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha. SRE Pires do Rio
87 Colégio Estadual Eurípedes Barsanulfo. SRE Pires do Rio
88 Colégio Estadual Genesco F. Bretas. Goiânia
89 Colégio Est. Senador Antônio de Ramos Caiado. SRE de Pires do Rio
90 Colégio Estadual Jayme Câmara. Goiânia
91 SRE Pires do Rio
92 Colégio Estadual Edmundo Rocha. Goiânia
93 Colégio Estadual N. Senhora de Lourdes. Goiânia
94 Colégio Estadual Jardim Balneário Meia Ponte. Goiânia
95 Colégio Estadual Edmundo Rocha. Goiânia
96 Colégio Estadual Rodrigo Rodrigues da Cunha. SRE Pires do Rio
97 Colégio Estadual Professor Genesco F. Bretas. Goiânia
98 Colégio Estadual João Bênnio. Goiânia
99 Colégio Estadual José Lobo. Goiânia
100 Colégio Estadual José Lobo. Goiânia
101 Colégio Estadual Castro Alves. Goiânia
102 Colégio Estadual Edmundo Rocha. Goiânia
103 Colégio Estadual Edmundo Rocha. Goiânia
104 Colégio Estadual Edmundo Rocha. Goiânia
105 Colégio Estadual João Bênnio. Goiânia

106 Colégio Estadual Aécio Oliveira de Andrade. Goiânia
107 Colégio Estadual Senador José da Costa Pereira. SRE Pires do Rio
108 Colégio Estadual Antônio Oliveira da Silva. Goiânia
109 Colégio Estadual Joaquim C. Filho. Goiânia
110 Colégio Estadual Genesco F. Bretas. Goiânia
111 Colégio Estadual Rodolfo Braz de Queiroz. SRE Pires do Rio
112 Colégio Estadual Jardim Balneário Meia Ponte. Goiânia
113 Colégio Estadual Ismael S. de Jesus. Goiânia
114 Colégio Estadual José Carlos de Almeida. Goiânia
115 Colégio Estadual Waldemar Mundin. Goiânia
116 Colégio Estadual Amália Hermano Teixeira. Goiânia
117 Colégio Estadual Senador Antônio de Ramos Caiado. SRE de Pires do Rio
118 Colégio Estadual Nazir Safatle. Goiânia
119 Colégio Estadual João Bênnio. Goiânia
120 Colégio Estadual Edmundo Rocha. Goiânia
121 Colégio Estadual Professor José Carlos de Almeida. Goiânia
122 Doutor em Análise do Discurso e professor da Faculdade de Letras da UFG.
123 Mestre em Psicologia da Educação, autora de propostas curriculares e pesquisadora do CENPEC

GÊNERO: CHARGE

OBJETIVO: Ler, compreender, apreciar e produzir charges

PÚBLICO ALVO: estudantes do 7º ano

NÚMERO DE AULAS: 20 aulas

ATIVIDADES PARA IDENTIFICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS

1ª Atividade: Apresentando a proposta de trabalho

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Tomar contato com o gênero e com a proposta de trabalho.
- Dialogar sobre a origem e a função da charge.
- Interpretar charges, relacionando-as ao contexto e analisando os fatos narrados com criticidade.
- Compreender as linguagens verbal e não-verbal nas charges.

Número de aulas: 2 aulas

Para montar o varal, providencie barbante e prendedores para afixar as charges que devem ser, antecipadamente, recortadas e coladas em outro tipo de papel de cores variadas. Decida com a turma quantas e quais charges comporão esse varal, utilizando, para tanto, alguns critérios importantes como: a temática abordada, a data e o local de publicação, o suporte textual, os chargistas escolhidos etc.

Professor(a), para esta atividade ambiente a sala com varal de charges para proporcionar o acesso dos estudantes ao gênero. Disponha as carteiras em círculo e converse com os estudantes sobre a charge e as atividades que serão desenvolvidas durante o estudo deste gênero. Diga-lhes que no decorrer do trabalho irão ler muitas charges, conhecer alguns chargistas (se possível) e produzir este gênero textual. Envolver os estudantes no trabalho de ambientação da sala de aula. Peça-lhes que escolham charges que acharem interessantes em jornais e revistas e as tragam para a sala.

Durante esta conversa, procure diagnosticar os conhecimentos que os estu-

dantes já possuem sobre a charge, por meio de alguns questionamentos como:

- onde este gênero é publicado?
- Para quem é escrito?
- Que tipo de assunto a charge aborda?
- Que linguagem é utilizada neste texto? E o seu objetivo?
- É um texto engraçado? Permite uma reflexão?

Em seguida, peça aos estudantes que se dirijam ao varal e leiam, livremente, algumas charges. Oriente-os a utilizarem bem este momento, pedindo-lhes que após a leitura atenta destes textos, retornem ao círculo para socializarem as leituras feitas. Ao final da atividade, sistematize no quadro as conclusões a que os estudantes chegaram, após as leituras e as reflexões feitas, e peça-lhes que registrem tudo no caderno.

Para a aula seguinte, peça-lhes que levem para a sala de aula jornais e revistas que serão utilizados na próxima atividade. Você também deverá levar alguns exemplares de jornais e revistas que contenham charges para viabilizar a atividade. Organize um cantinho com revistas, jornais e livros didáticos que contenham este gênero.

Charge: Palavra de origem francesa que significa carga. Caracteriza-se, fundamentalmente, por formalizar uma crítica política contundente. Tem por finalidade satirizar por meio de uma caricatura um acontecimento atual, portanto, como a notícia, a charge “envelhece”.

2ª Atividade: Conhecendo charges e chargistas

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Dialogar sobre os efeitos de humor presentes nas charges.
- Inferir informações, sentidos e intencionalidades do autor, implícitos nas falas e atitudes das personagens, bem como nos símbolos, ilustrações e imagens nas charges.
- Interpretar charges, relacionando-as ao contexto e analisando os fatos narrados com criticidade.
- Consultar fontes de diferentes tipos e suportes, como jornais, revistas, para identificar e ler charges.

Número de aulas: 2 aulas

Divida a turma em pequenos grupos e distribua-lhes alguns exemplares de jornais e revistas que contenham charges. Peça-lhes que procurem localizá-las nos referidos suportes, tentando identificar se há uma parte específica do jornal ou da revista onde se encontra este gênero textual. Esta atividade proporcionará que os estudantes identifiquem o gênero em seus portadores usuais- jornais e revistas. Proponha-lhes a leitura das charges encontradas e, em seguida, promova uma conversa com a turma sobre a **situação de comunicação** própria deste gênero de texto. Mostre a eles que a charge costuma circular em jornais ou revistas, possibilita sempre uma conversa com acontecimentos recentes, ou seja, com notícias atuais (do dia, da semana), e são produzidas por chargistas-profissionais desenhistas e/ou caricaturistas, que se dedicam a fazer charges. Promova essa reflexão com algumas questões, como:

- Onde o texto foi publicado?
- De que trata o texto?
- Quem o escreveu?
- Além do nome, há mais informações sobre o autor?
- Com que finalidade foi escrito?
- Quem são os possíveis leitores deste texto?
- Por que o assunto mereceu ser destacado?
- A charge em estudo nos remete a alguma notícia? Qual?
- Quando essa notícia foi veiculada?
- Quais os prováveis objetivos deste texto?
- Que tipo de comportamento o leitor deve ter diante da leitura deste texto?

Aproveite o momento para falar sobre alguns chargistas importantes, como Chico Caruso, Angeli, Aroeira, Millôr Fernandes, Ziraldo, Jorge Braga etc. Onde for possível, convide um chargista do local para uma conversa com a turma.

Jorge Braga tem traçado simples e estilo irreverente como cartunista e chargista do jornal de maior circulação em Goiás. Com seu jeito despojado e tom brincalhão produz charges sobre política, economia e fatos que abalam a sociedade em geral; é também ator. Desenhar é uma prática que desenvolve desde criança. Amigo de vários autores e artistas, como Millôr Fernandes e Ziraldo. Jorge Braga é uma pessoa múltipla.

3ª Atividade: Produzindo uma charge

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Produzir textos numa situação real de uso, considerando sua finalidade, os possíveis leitores, os elementos e as características do gênero.

Número de aulas: 2 aulas

Convide agora os estudantes a produzirem uma charge, individualmente. Dê um clima de desafio a esse ato de produção inicial. Estimule o desejo pelo ato de produzir, de serem escritores de charges, ou seja, chargistas. Explique-lhes que o objetivo dessa produção é comparar o que eles conseguem fazer antes e depois de desenvolver a sequência de atividades sugeridas para o estudo da charge.

A idéia da produção inicial é demonstrar tanto a você, professor(a), quanto aos estudantes o que foi aprendido com esta sequência didática. Portanto, você deve recolher as produções de todos para um trabalho de reescrita no final dessa sequência didática.

ATIVIDADES PARA AMPLIAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

4ª Atividade: Analisando charges

Charge: Eu para sempre, de Jorge Braga

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Inferir informações, sentidos e intencionalidades do autor, implícitos nas falas e atitudes das personagens, bem como nos símbolos, ilustrações e imagens nas charges.
- Analisar os efeitos de humor decorrentes do uso de linguagem figurada.
- Compreender as linguagens verbal e não-verbal nas charges.

Número de aulas: 2 aulas

Divida a turma em pequenos grupos e distribua-lhes a charge (anexo 1). Dê um tempo para que eles possam ler e comentá-la entre si. Neste momento, professor (a), é importante que você percorra os grupos para observar a reação dos estudantes durante a leitura. Observe se conseguem fazer as inferências necessárias para a compreensão do texto; se percebem a intencionalidade do autor implícita na charge; se são capazes de perceber a relação existente entre a charge e o contexto sócio-político; se estabelecem relação entre a linguagem verbal e não-verbal etc.

Promova “uma roda de conversa” sobre a charge, propondo-lhes alguns questionamentos, como por exemplo:

- Qual o aspecto político abordado no texto?
- Quem é a personagem?
- O que entendem por *Eu para sempre*?
- Qual a relação dessa frase com os anos 2010, 2014 e 2016?
- Observando os elementos não-verbais, que efeitos de sentido têm a imagem/atitude da personagem nesta charge?

Professor(a), é fundamental que os estudantes percebam a relação existente entre a fala da personagem com a Política do pão e do circo da Roma Antiga: com o êxodo rural, as autoridades da época, temendo as rebeliões e o caos, visto que a maioria da população urbana não tinha acesso a emprego, educação e moradia, decidiram que comida e diversão deveriam ser acessíveis a todos. Dessa forma, resolveriam, as necessidades mais urgentes das pessoas e as alienavam. Assim, reduziram os impostos sobre o trigo, fazendo o preço do pão cair bastante, e promoveram também muitos espetáculos, atrações capazes de entreter a população.

Em seguida, questione-os sobre a temática abordada, sobre o enfoque dado a ela, sobre os elementos verbais e não-verbais, enfim, incentive-os a ampliarem os conhecimentos, estabelecendo relações e desenvolvendo a intertextualidade.

Proponha um debate apresentando-lhes uma questão polêmica sobre a temática, apresentada na charge, como por exemplo: *A luta do Governo para que os eventos: Eleição Presidencial de 2010, da Copa de 2014 e Olimpíadas de 2016 aconteçam no Brasil é uma tentativa de alienar ainda mais o povo brasileiro?* Divida a turma em dois grupos, sendo que um defenderá o SIM e o outro o NÃO. Medie, você, professor(a), esse interessante debate, orientando-os, previamente, a defenderem seu ponto de vista com argumentos coerentes e convincentes, respeitando a vez e a voz dos colegas, observando o tempo de fala, as réplicas e trélicas, enfim, fazendo com que os estudantes aprendam de forma prazerosa.

Finalmente, sistematize as conclusões no quadro e peça aos estudantes que registrem tudo nos seus cadernos.

5ª Atividade: Lendo a ironia das charges

Charge: Lei Eleitoral, de Jorge Braga

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Analisar os efeitos de humor decorrentes do uso de linguagem figurada: ironia.
- Analisar os efeitos de sentido da charge, com base no emprego de elementos não-verbais (símbolos, balões, ilustrações...).

Número de aulas: 2 aulas

Forme duplas ou trios de estudantes, distribua-lhes a charge (anexo 2) e peça-lhes que façam uma primeira leitura, individualmente. Observe as suas impressões em relação aos aspectos gráficos, às figuras como ironia, comparação, metáfora, à linguagem verbal e não-verbal etc.

Em seguida, promova uma conversa sobre a charge, oportunizando a cada estudante expressar sua opinião, valorizando, assim, seu ponto de vista. Proponha-lhes alguns questionamentos, como por exemplo:

- Qual o significado da expressão Lei Eleitoral na fachada da casa?
- Qual a relação entre a casa e a Lei eleitoral?
- Qual o estado da casa (telhado, portas e janelas)?
- Considerando o estado da casa, que intenção teve a personagem ao afirmar que a reforma da mesma está pronta?

Histórico da Lei Eleitoral no Brasil

A Revolução de 1930, com suas bandeiras de combate à fraude e à corrupção eleitorais, foi responsável pela codificação eleitoral no país. Desde então, já foram editados cinco Códigos Eleitorais. Em maio de 1932 o Código adotou o voto feminino e o sufrágio universal, direto e secreto. Em 1935, o alistamento e o voto feminino era obrigatório para as mulheres que exercessem atividade remunerada.

Em 1996 o Brasil desenvolveu a urna eletrônica. Essa tecnologia inovadora é exportada para vários países do mundo.

Em 2009 aconteceu uma minirreforma eleitoral que trouxe mudanças significativas para as cam-

panhas eleitorais. Entre as alterações, destaca-se a proibição durante a campanha de confecção e distribuição, por candidato ou comitê, de quaisquer bens ou materiais que possam proporcionar vantagem ao eleitor. Os *out-doors* também estão vedados. Outra novidade é a liberação do uso da internet nas campanhas.

A legislação eleitoral tem características próprias, em virtude de sua própria natureza e uma delas é o PRINCÍPIO DA ANUALIDADE. Com vistas a impedir modificações de última hora na legislação eleitoral, que poderiam provocar prejuízos a alguns partidos ou grupos políticos minoritários ou fora do Poder, é que qualquer modificação na legislação eleitoral somente será aplicada a eleição que venha ocorrer 01 ano após.

Essa cláusula impeditiva (art.16, da CF), visa coibir os chamados casuísmos, tão comuns aos governos militares do regime de 1964/85 e não estava presente nas Constituições anteriores.

Adaptado de

<http://pt.wikipedia.org>

<http://g1.globo.com/Noticias/Politica>

Aqui, professor(a), é importante problematizar questões para que os estudantes reflitam sobre a ironia, uma figura de linguagem bastante utilizada neste tipo de texto. Devem concluir que a reforma da Lei Eleitoral é uma promessa permanente, que muitos políticos consideram realizada, assim como a casa da charge, que mesmo não estando pronta, a personagem a considera reformada.

Após essa reflexão, e assim que os estudantes chegarem a essa conclusão, digam-lhes que esta é uma figura de linguagem chamada ironia e que eles devem elaborar, com a sua mediação, um conceito para a mesma. Para isso, sistematize no quadro as idéias apresentadas pela turma, pedindo-lhes, em seguida para compararem o conceito elaborado por eles com o que trazem os livros didáticos.

Peça-lhes que identifiquem se existe ironia nas charges presentes nos livros didáticos e nos jornais e revistas disponíveis na sala de aula ou na biblioteca da escola. Proponha-lhes que faça um registro dessas charges indicando como esta figura de linguagem se apresenta. Finalmente, reserve um tempo para que cada grupo socialize o resultado deste trabalho para a turma.

6ª Atividade: Comparando charges

Charges: O dia da árvore, de Jorge Braga

Em tempos de H1N1..., de Ricardo

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Inferir informações, sentidos e intencionalidades do autor, implícitos

nas falas e atitudes das personagens, bem como nos símbolos, ilustrações e imagens, nas charges.

- Interpretar charges relacionando-as ao contexto e analisando os fatos narrados com criticidade.
- Ler, identificar, interpretar mensagens/histórias representadas por desenhos nas charges.
- Identificar os efeitos de sentido e humor decorrentes do uso da gíria.
- Comparar os textos, com base na temática e nas abordagens feitas pelos autores.

Número de aulas: 2 aulas

Professor(a), divida a turma em duplas e entregue-lhes cópias das charges (anexos 3 e 4). Peça-lhes que façam uma leitura silenciosa das mesmas, observando as linguagens verbal e não-verbal, os recursos de estilo, como gíria, ironia, efeitos de humor e os fatos narrados, relacionando-os ao contexto. Deixe que as duplas “cochichem” um pouco sobre as suas impressões e, enquanto isso, percorra a sala, atentando-se para os comentários dos estudantes. Registre no seu caderno as observações que favorecerão suas intervenções, posteriormente.

Em seguida, apresente-lhes um roteiro com algumas questões norteadoras para ajudá-los a estabelecerem comparações entre os dois textos.

Sugestão de roteiro:

- Quais as temáticas abordadas nas charges em estudo?
- Como os autores abordam essas temáticas?
- Pode-se afirmar que as duas temáticas enfocam a violência? Por quê?
- Em qual das duas charges esse enfoque é explícito?
- Como a violência se apresenta na outra charge?

Finalmente, organize os estudantes em círculo para uma socialização coletiva das reflexões realizadas entre as duplas e deixe que os estudantes exponham suas impressões. Neste momento, professor(a), é fundamental que você faça intervenções pontuais, inclusive ajudando-os a fazerem inferências que, porventura não tenham sido percebidas por eles até o momento. Por exemplo: a violência contra a natureza é apresentada na charge de Jorge Braga de maneira sutil, e não de uma forma tão “escancarada”, como na charge de Ricardo. É interessante observar, como este consegue, com sua charge, abordar e criar uma relação interessante entre dois temas que afligem os brasileiros atualmente: a violência e a gripe suína.

7ª Atividade: Virando chargista

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Representar, por meio de desenhos, personagens, ambientes, fatos e episódios da vida política, social econômica e cultural em que os indivíduos estão inseridos, utilizando imagens como a ironia e o humor.
- Produzir a linguagem verbal de uma charge, com base na representação dos seus elementos não-verbais.

Número de aulas: 2 aulas

Para realizar esta atividade, selecione previamente algumas boas charges, e separe a linguagem verbal da não-verbal de cada uma delas. Divida a turma em pequenos grupos e distribua a alguns apenas a linguagem não-verbal (ilustrações, desenhos, caricaturas) e para outros, somente a linguagem verbal (comumente a fala dos balões).

Peça aos grupos que produzam o texto que falta (verbal ou não-verbal) para completar a charge, e monte um grande painel de charges na sala.

Em seguida, apresente-lhes as charges originais e peça-lhes que comparem as produções, levantando hipóteses e refletindo sobre as várias possibilidades de leitura: o que eles imaginaram ao produzir o seu texto e a relação da sua leitura com a visão dos autores das charges originais.

ATIVIDADES PARA SISTEMATIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

8ª Atividade: Produzindo coletivamente

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Produzir charge numa situação real de uso, considerando sua finalidade, os possíveis leitores e as características do gênero.
- Escrever textos empregando os elementos próprios do gênero.
- Criar charges com base nos textos narrativos em estudo.

- Representar, por meio de desenho, personagens e ambientes, fatos e episódios da vida política, social, econômica e cultural em que os indivíduos estão inseridos, utilizando elementos como a ironia e o humor.

Número de aulas: 2 aulas

Professor(a), chegou a hora de produzir uma charge coletivamente. Sabe-se que a charge é um texto cujo tema é um acontecimento atual, que utiliza a ironia para fazer uma crítica político-sociocultural, sendo, portanto, temporal.

Assim, levante com os estudantes as temáticas do momento (podendo fazer parte delas também as temáticas tratadas nas charges trabalhadas até aqui) e registre-as no quadro. Peça-lhes que eleja uma das temáticas apresentadas e faça uma boa reflexão com a turma antes da produção coletiva.

Em seguida, discuta com os estudantes que personagem ou personagens serão retratados na charge, e inicie com eles a produção. Incentive a participação de todos no processo dessa escrita coletiva, para isto, solicite àqueles estudantes com mais habilidade para o desenho para cuidar desta parte, auxiliando você no quadro.

9ª Atividade: Reescrevendo a charge

Expectativas de ensino e aprendizagem

- Fazer reformulações que assegurem as características próprias das charges.
- Levantar hipóteses, formular regras e conceitos, relativos à ortografia, à acentuação gráfica e à pontuação, recorrendo a dicionários, gramáticas, manuais técnicos, outros textos etc.
- Rever a pontuação de final de frases.
- Analisar a caracterização das personagens e de espaços feita por meio da linguagem verbal e não-verbal.
- Comparar o texto inicial com o texto reescrito coletivamente.

Número de aulas: 2 aulas

Para a reescrita coletiva, selecione uma das charges produzidas por eles na 3ª atividade. Escolha aquela que melhor represente as dificuldades da classe, que estejam relacionadas aos aspectos discursivos relativos ao gênero, aos aspectos básicos de cla-

reza, coerência e coesão textual. Converse antecipadamente com o autor do texto, solicitando-lhes autorização para utilizar a sua produção. Incentive-o, dizendo-lhe que seu texto ficará melhor, mais interessante. Diga-lhe, ainda, que não farão modificação alguma sem o seu consentimento e que esta reescrita servirá de parâmetro para que ele e os colegas reescrevam as charges produzidas por eles na terceira atividade. Convide o autor a ocupar um lugar de destaque no momento da reescrita, para que possa ser consultado sempre que necessário.

Problematize algumas questões (O quê? Quem? Quando? Onde?) em função dos aspectos que devem ser melhorados e vá anotando as sugestões no quadro. Incentive-os a utilizarem imagens como a metáfora, a ironia, o humor; uma pontuação significativa. Mas somente inclua as alterações sugeridas com o consentimento do grupo que produziu a charge.

Retome com eles a situação de comunicação trabalhada na 2ª atividade, reforçando a idéia de que a charge circula em jornais ou revistas e são produzidas por chargistas-profissionais desenhistas e/ou caricaturistas, que se dedicam a fazer charges.

Portanto, providencie para que as suas charges sejam divulgadas em algum desses veículos de comunicação: nos informativos da escola - que poderão circular também nas famílias e na comunidade - ou até mesmo publicações em jornais e revistas da região.

É importante que os estudantes reflitam sobre a função social da escrita: as charges que produziram serão lidas também por outros leitores e, portanto, precisam estar claros e atingir o objetivo a que se propõem as charges: satirizar, por meio de caricatura, ironia e humor um acontecimento atual.

Diga-lhes que qualquer escritor reescreve o seu texto quantas vezes forem necessárias até que ele fique pronto para ser publicado, e que eles devem fazer o mesmo, sempre que as suas produções se destinarem a qualquer divulgação. Explique-lhes que para que possam compreender bem o processo de reescrita, inicialmente, irão fazer isso coletivamente, como na atividade acima.

Discuta com os estudantes as modificações feitas, reescreva o texto com as alterações propostas e aceitas pelo autor e proponha a turma que comparem o texto reescrito com o original. Finalmente, solicite que todos os estudantes retomem as suas charges para fazerem a reescrita individual, com base na reescrita coletiva realizada.

10ª Atividade: Preparando a publicação

Expectativas de Ensino e aprendizagem

- Reformular os textos produzidos com base na reescrita coletiva orientada pelo professor.

Número de aulas: 2 aulas

Inicie a atividade resgatando todo o processo vivido até então nesta sequência didática. Aponte que no percurso a classe acumulou conhecimentos sobre o gênero e também tem agora um belo repertório de diferentes charges. Não seria interessante compartilhar isto com os colegas de outras classes, com os familiares e até com a comunidade? Como poderiam fazer isto?

Chegou o momento de retomar a charge produzida pelos estudantes na segunda atividade. Aqui eles devem aprimorar o texto produzido inicialmente, observando todos os elementos que foram trabalhados nos decorrer desta sequência didática e retomados na produção e reescrita coletivas.

Proponha-lhes a reescrita desta produção. Depois de decidir, em conjunto com a classe, como os textos irão ser divulgados, explique que para serem publicados, precisam ser aprimorados, reescritos. É importante que para a reescrita os estudantes tenham clareza quanto ao objetivo do texto, quem serão seus leitores e em que meio será veiculado. Diga-lhes que a reescrita é fundamental para que consigam progressos em suas produções escritas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) *Um texto pronto será quase sempre produto de sucessivas versões*, (PCNs, 1998, p.77). Um bom texto vem de um rascunho e passa por sucessivas versões que serão aperfeiçoadas até chegar ao produto final.

Entregue os textos aos estudantes e solicite-lhes que o comparem com o texto reescrito coletivamente, verificando se há neles problemas da mesma natureza, para corrigi-los. Peça-lhes que reflitam sobre a língua, observando se há coerência e coesão no desenvolvimento das ideias, revendo as características do gênero que foram estudadas e avaliando se o seu texto foi escrito de modo satisfatório.

Percorra a sala para ajudá-los a marcar a reorganização ou o acréscimo de ideias, o trabalho com o humor e a ironia, a correção de palavras, a pontuação.

Prontas as charges é só organizar a publicação que foi combinada com o grupo.

ANEXO 1

GOIÂNIA, sábado, 3 de outubro de 2009
O Popular



ANEXO 2

GOIÂNIA, sexta-feira, 18 de setembro de 2009

O Popular



ANEXO 3

GOIÂNIA, segunda-feira, 14 de setembro de 2009
O Popular



ANEXO 4

GOIÂNIA, terça-feira, 22 de setembro de 2009

O Popular



REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Ricardo. (reconto) *O caso do espelho*. Nova Escola, São Paulo.
- BANDEIRA, Pedro. *Os porcos do compadre*. In Malasaventuras-Safadezas de, vol.5, São Paulo: Ática, 2007.
- BELINKI, Tatiana. *O diabo e o granjeiro*. Nova Escola, vol.10, n° 84, pp.30-31, São Paulo: maio 1995.
- BRAGA, Jorge. In. *Jornal O Popular*, Goiânia: 18 de setembro de 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Coleções Literatura em minha casa*. vol. 5 – Textos de tradição popular – Ministério da Educação. Brasília: 2001-2003.
- CAÑETE, Greici. *A reescrita na sala de aula como ferramenta de aprendizagem*, 2009.
- Menegolo, E. D. da C. W. e Menegolo, L. W. (2005). *O significado da reescrita de textos na escola: a (re) construção do sujeito-autor*. Ano 02, vol 04, mar/2005.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: 2001.
- _____. Ministério da Educação. *Programa de Formação de Professores Alfabetizadores*. PELISSARI, Cristiane (Org.). Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 2001.
- _____. Ministério da Educação. *Programa Gestão da Aprendizagem Escolar – Gestar II – Língua Portuguesa*. BARBATO, Silviane Bonaccorsi (Org.). FUNDESCOLA/DI-PRO/FNDE/MEC. Brasília: 2006.
- CASTANHO, Ana Flavia Alonço. *Projeto Entorno*. Fundação Victor Civita, Projeto Dica.
- CENPEC. *Ensinar e Aprender – Língua Portuguesa – Impulso Inicial – Projeto de Correção de Fluxo*. SEE/PR e SEE/GO, 2005.
- CLARA, Regina Andrade & ALTENFELDER, Anna Helena. *Se bem me lembro...* São Paulo: CENPEC: Fundação Itaú Social, Brasília: 2008.
- ÉLIS, Bernardo. *Caminhos das Gerais*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1975.
- GERALDI João W. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas: Mercado de Letras, ALB, 1996. Lilian Lopes Martin da Silva e Raquel Salek Fiad.
- GIL, Gilberto. *Pela Internet*.
- GOIÁS. Secretaria de Educação – SEE. *Currículo em debate: Expectativas de aprendizagem – convite à reflexão e à ação*. Caderno 5. Goiânia: SEE-GO, 2008.

HOUAISS, Antônio (1915-1999) e VILLAR, Mauro de Salles (1939). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1971.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. *Um gênero a cada quadro* In. Gêneros textuais e ensino, de Ângela Paiva Dionísio et. all.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. 50ª reunião do GEL – Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, São Paulo: USP, . 2002.

MARIA, Luzia de. *O que é conto*. 3ª edição, col. primeiros passos, , São Paulo: Brasiliense, 1987.

MEGALE, Nilza B. *Folclore Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1999.

RAMOS, Hugo de Carvalho. *Tropas e boiadas*. Goiânia: Cultura Goiana, 1984.

SABINO, Fernando. *Passeio*. In De conto em conto, vol.2. São Paulo: Ática, 2002.

SCLIAR, Moacyr. *O Conto se apresenta*. In Era uma vez um conto, vol.2. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

TELLES, Lygia Fagundes. *Biruta*. In De conto em conto, vol.2. São Paulo: Ática, 2002.

VALADARES, Ione M. O. (org.) *Histórias populares de Jaraguá*. Goiânia: CECUP/UFG, 1983.

